

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE TECNOLOGIA
PROGRAMA DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO
NÍVEL MESTRADO

Angela Dias Cordeiro

RENDEIRAS DA VILA DE PONTA NEGRA (NATAL/RN):

o ensino da renda de bilro e do desenho como alternativa de continuidade da
produção artesanal tradicional

**NATAL
2011**

Angela Dias Cordeiro

RENDEIRAS DA VILA DE PONTA NEGRA (NATAL/RN):

o ensino da renda de bilro e do desenho como alternativa de continuidade da
produção artesanal tradicional

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção pelo programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Christine Werba Saldanha

Coorientador: Prof. Dr. Ricardo José Matos de Carvalho

Natal
2011

Seção de Informação e Referência
Catalogação da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

Cordeiro, Angela Dias.

Rendeiras da Vila de Ponta Negra Natal/RN: o ensino da renda de bilro e do desenho como alternativa de continuidade da produção artesanal tradicional / Angela Dias Cordeiro. – Natal, RN, 2011.

198 p; il.

Orientadora: Maria Christine Werba Saldanha.

Co-orientador: Ricardo José Matos de Carvalho.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Tecnologia. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção.

1. Ergonomia – Dissertação. 2. Renda de bilro – Dissertação. 3. Ensino-aprendizagem – Dissertação. 4. Artesanato – Dissertação. I. Saldanha, Maria Christine Werba. II. Carvalho, Ricardo José Matos de. III. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. IV. Título.

Angela Dias Cordeiro

**RENDEIRAS DA VILA DE PONTA NEGRA (NATAL/RN):
o ensino da renda de bilro e do desenho como alternativa de continuidade da
produção artesanal tradicional**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Aprovada em: 21/12/2010

Assinatura da Autora: _____

APROVADO POR:

Prof^a. Dr^a. Maria Christine Werba Saldanha – Orientadora - UFRN

Prof. Dr. Ricardo José Matos de Carvalho – Co-orientador - UFRN

Prof. Dr. Paulo José Pereira dos Santos - Membro Externo - IPESU

Prof^a. Dr^a. Françoise Dominique Valéry - Membro Interno - UFRN

*Dedico este trabalho a meus pais,
Mario e Eliane, pelos exemplos, pelos
sábios ensinamentos que me fizeram
enxergar a vida e seus percalços como
degraus necessários a evolução, e pelo
sempre apoio e amor incondicional. Sem
eles não chegaria aonde cheguei. E a
minha irmã Cris, pelo apoio de todas as
horas, pelo companheirismo, amizade,
conselhos e amor.*

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, à UFRN, a CAPES, pelo financiamento da bolsa de mestrado, e ao Proext Cultura pelo financeiro ao Projeto Rendeiras da Vila.

À Dr^a. Maria Christine W. Saldanha, Orientadora e coordenadora do Projeto Rendeiras da Vila, pelas orientações.

Ao Professor Dr. Ricardo J. Matos de Carvalho, Co-orientador e Vice-coordenador do Projeto Rendeiras da Vila, pelas orientações e reflexões sempre pertinentes, assim como por sua competência e bom humor.

Ao Professor Dr. Mario Vidal por suas contribuições e reflexões sobre a Ergonomia.

À Professora Dr^a. Françoise Dominique Valéry (PPGAU/UFRN) e ao professor Dr. Paulo José Pereira dos Santos (IPESU), pelas valiosas contribuições.

Às Rendeiras de Bilro do Núcleo de Produção Artesanal da Vila de Ponta Negra, que tenho um enorme carinho e que sempre me receberam com carinho e cuidados, sem o apoio delas essa pesquisa não seria realizada. Em especial, a: “Vó Maria”, a D. Cida, a D. Helena e as Rendeiras: D. Lenira, D. Francisca, D. Josefa, D. Etelvina, D. Salete. Às alunas das oficinas de renda e de desenho de bilro pela colaboração, carinho e paciência por nossas constantes fotografias e pelas entrevistas. À família de Vó Maria, que sempre nos recebeu muito bem, em especial a Soninha e Glória.

A todos os meus irmãos que me deram sempre força, conselhos e carinho, e aos meus sobrinhos aos quais tenho um imenso amor. À Barbara, minha cunhada e família, pelo apoio e carinho.

À Maria “Duca” que me mostrou sempre o lado positivo das situações e torceu junto comigo nas madrugadas para a impressora não pifar! Assim como pelo apoio, amizade, paciência, companheirismo e amor.

Aos Meus amigos, Adriano, Fábio e Sergio, pelo apoio, carinho e amizade. Aos amigos de Recife, em especial a Anjinha e Marcela, aos demais amigos de Campina Grande, em especial a Kléber. Minha sincera gratidão! Aos amigos que fiz em Natal, em especial a Helô, Renata, Verônica, Priscilla, Mariana, Marina, Adélia. Aos amigos do edifício Geny, a Marquinhos, a Martinho e Gheisa.

Às Amigas do GREPE pelos aprendizados, amizade e por tantas contribuições. Em especial a Joyce e Larissa que sempre me apoiaram, a Isis, a Juliana que dividiu comigo as responsabilidades, dificuldades e alegrias do Projeto Rendeiras da Vila, meus sinceros agradecimentos! E a Roguinha!

Aos amigos do laboratório de computação do mestrado: Manel, Daniel, Alessandro, obrigada pelo apoio e amizade!

Por fim, a Deus, por todas as suas providências e ensinamentos e a todos que não consegui inserir aqui nos agradecimentos, mas que fazem parte de minha vida e desta trajetória!

RESUMO

Este trabalho descreve e analisa o desenvolvimento das oficinas de Renda de Bilro e de desenho da Renda de Bilro na Vila de Ponta Negra (Natal - RN), no intuito de propor conteúdos e práticas do Ensino-Aprendizagem num possível modelo de oficina Híbrida - Renda de bilro e desenho da Renda de Bilro. A pesquisa fundamentou-se na Análise Ergonômica do Trabalho (AET), metodologia utilizada pela ergonomia que busca analisar o trabalho numa abordagem abrangente, considerando aspectos de ordem cognitiva, social, organizacional, assim como outros aspectos relevantes ao estudo da situação de trabalho, em termos de ensino-aprendizagem, abordados neste projeto. Seguiram-se algumas etapas da metodologia supracitada para o entendimento da atividade da Rendeira de Bilro, através de pesquisas bibliográfica e situadas da atividade. Os instrumentos de pesquisa utilizados para coleta dos dados compreendem ações conversacionais, análises coletivas do trabalho, verbalizações espontâneas e provocadas. As adaptações realizadas no processo ensino-aprendizagem da Renda de Bilro para a realização das oficinas práticas de Renda de Bilro e do Desenho da Renda tornaram-se um instrumento para a continuidade da tradição, atraindo novos aprendizes à arte-ofício e proporcionando a ativação de uma rede de atividades econômicas artesanais ligadas a produção da renda de bilro, tais como a produção de almofadas, bilros e cavaletes.

Palavras-chave: Ergonomia, Renda de bilro, Ensino-aprendizagem, Artesanato.

ABSTRACT

This paper analyzes the development of Bobbin Lace and Design workshops, in the neighborhood of Vila de Ponta Negra (in Natal - RN, Brazil), which proposed contents and practices for its learning and teaching that would compose a possible model for a hybrid Workshop of Bobbin Lace and Lace Design. This research was based on Ergonomic Work Analysis, a methodology used by Ergonomics to analyze work in a wide approach, considering cognitive, social, organizational, as well as other aspects which are relevant to the study of the working situation, in terms of learning/teaching, as addressed on this paper. Some steps of the above mentioned methodology were followed in order to understand the activity of Bobbin Lace craftswomen, by means of bibliographical research centered on this activity. The instruments used for collecting data comprise of conversational actions, analysis of collective work, and spontaneous as well as provoked verbalizations. The adaptations performed in the process of learning/teaching Bobbin Lace for the achievement of Bobbin Lace and Design workshops became instrumental for the continuity of that tradition, attracting new apprentices to this art/craft causing to revitalize a network of handicraft economical activities linked to the Bobbin Lace production, such as the making of cushion, bobbins and trestles.

Keywords: Ergonomics – Bobbin Lace – Learning/Teaching.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Esquema representativo da interdisciplinaridade da ergonomia	28
Quadro 2 - Os domínios e especializações da Ergonomia.....	30
Quadro 3 - População de rendeiras que compõe o Núcleo de Produção Artesanal Rendeiras da Vila	57
Quadro 4 - Designação dos pontos da Renda	68
Quadro 5 - Variações dos nomes da Renda.	69
Quadro 6 - Utensílios usados na confecção da Renda	70
Quadro 7 - Etapas da produção realizadas na Oficina de Renda	135
Quadro 8 - Síntese das análises dos resultados dos principais aspectos da Oficina de Renda de Bilro.....	140
Quadro 9 - Etapas do processo produtivo da Renda realizados na Oficina de Desenho da Renda de Bilro.	147

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Mapa dos bairros da cidade do Natal-RN, situando a Vila de Ponta Negra	18
Gráfico 2 - Mapa mostrando como se chega ao Núcleo de Produção Artesanal Rendeiras da Vila.....	22
Gráfico 3 - Planta baixa do Núcleo de Produção Artesanal Rendeiras da Vila de Ponta Negra.....	58
Gráfico 4 - Processo de aprendizagem tradicional- entre gerações.....	72
Gráfico 5 -Etapas do processo de aprendizagem da Renda.....	77
Gráfico 6 - Esquema cronológico referente à primeira etapa da pesquisa.....	82
Gráfico 7 - Esquema cronológico referente à segunda etapa da pesquisa	83
Gráfico 8 - Esquema do dispositivo de construção Social.....	95
Gráfico 9 - Esquema da formação da rede de contatos	97
Gráfico 10 - Esquema ilustrativo da síntese das etapas da pesquisa	103
Gráfico 11 - Faixa etária dos alunos da Oficina de Renda de Bilro	105
Gráfico 12 - Exercícios aplicados na Oficina de Renda de Bilro	111
Gráfico 13 - Esquema ilustrativo de como ocorreram às modificações para a formação do novo método de ensino da renda de bilro no Núcleo.	112
Gráfico 14 - Materiais e ferramentas utilizados pelas rendeiras na realização de sua atividade	116
Gráfico 15 - Etapas para dar início aos exercícios	122
Gráfico16 - Representação do primeiro exercício: molde, execução e finalização (produto acabado)	125
Gráfico 17 - Esquema do molde, execução e o segundo exercício finalizado	127
Gráfico 18 - Etapas para execução do terceiro exercício	130
Gráfico 19 - Esquema do molde, execução e o terceiro exercício finalizado	131
Gráfico 20 - Molde e execução do quarto exercício	133
Gráfico 21 - Etapas da produção realizadas na Oficina de Renda.....	134
Gráfico 22 - Esquema cronológico de realização das oficinas	142
Gráfico 23 - Metodologia implementada na Oficina de Desenho (Detalhamento dos exercícios)	144

Gráfico 24 - Etapas de produção da Renda incluindo a criação e o desenho do molde no processo	146
Gráfico 25 - Instrumentos e materiais utilizados.....	153
Gráfico 26 - Alunas confeccionando os desenhos que criaram.....	158
Gráfico 27 - Algumas criações das alunas da Oficina de Desenho.....	158
Gráfico 28 - Etapas da criação do desenho á peça pronta	159
Gráfico 29 - Esquema Piloto da Oficina Híbrida de Renda e Desenho da Renda de Bilro	168

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Detalhe do feitiço da Renda de Bilro.....	15
Figura 2 - Renda de Bilro sendo tecida por aluna do Núcleo de Rendeiras da Vila/RN.....	43
Figura 3 - Renda Renascença sendo tecida.	43
Figura 4 - Artesã em atividade tecendo a Renda de Bilro.....	49
Figura 5 - Oficina de Renda de Bilro - Século XIX.....	51
Figura 6 - Exemplo de Renda do tipo <i>guipure</i>	52
Figura 7 - Exemplos dos <i>points de Diepper</i> e os <i>points torchons</i> , respectivamente.....	53
Figura 8 - Localização do Núcleo de Produção Artesanal Rendeiras da Vila.....	55
Figura 9 - Vista interna do Núcleo.....	59
Figura 10 e 11 - Vista interna do Núcleo, mostrando a iluminação.....	59
Figura 12 - Novos cavaletes chegando ao Núcleo.....	60
Figura 13 - Descrição das partes que compõe o bilro com detalhe da linha sendo enrolado na “canela” do Bilro.....	63
Figura 14 - Rendeira “sentando” a renda.....	63
Figura 15 - Bilro sendo “trocado”.....	64
Figura 16 - Processo de confecção das partes para montar uma blusa.	65
Figura 17 - As partes que compõem a blusa, sendo costurada a mão pela rendeira.....	65
Figuras 18 - Produto acabado: a blusa.....	66
Figura 19 - D. Acácia comercializando as rendas na FIART com sua filha.....	67
Figuras 20 - Rendeiras do Núcleo confeccionando e expondo suas rendas no Congresso SBPC/UFRN.....	67
Figura 21 e 22 - Moldes antigos com desenhos de renda “picados” pertencentes às rendeiras do Núcleo de Rendeiras da Vila de Ponta Negra.....	73
Figura 23 - Banco de madeira virado de cabeça para baixo sendo utilizado como um cavalete improvisado.....	75
Figura 24 - Exercício “olho de pombo”, trazido pela rendeira aprendiz.....	79
Figura 25 - Instrumentos e equipamentos utilizados pela autora da pesquisa.....	86

Figura 26 - D. Delma rendeira do Núcleo de Rendeiras da Vila de Ponta Negra (<i>in memoriam</i>).....	104
Figura 27 - O cartão sendo furado ou “picado”.....	108
Figura 28 - Representação da malha para criação do desenho da renda,do molde contendo o desenho e do molde ou cartão de pique fixo na almofada, respectivamente	108
Figuras 29- Pesquisadoras (GREPE), na aula de Renda de Bilro.	114
Figuras 30 e 31 - Organização do espaço - almofadas postas em fileiras.....	115
Figura 32 e 33- Instrutoras auxiliando as alunas, até então organizadas em fileiras	116
Figuras 34- Alunas organizadas aleatoriamente e não em fileiras.....	117
Figura 35 e 36 - Cooperação das Rendeiras.do Núcleo com as alunas da Oficina	120
Figura 37- Exercícios da Oficina de Renda de Bilro - sequência gradativa de dificuldade (da esquerda para a direita)	123
Figura 38 e 39- Primeiro exercício sendo confeccionado.....	124
Figura 40 - Segundo exercício sendo confeccionado.....	126
Figura 41 - Ponto <i>meia - pancada</i> sendo exercitado em separado para depois ser executado no exercício	128
Figura 42- Execução do terceiro exercício	129
Figura 43-44 - Execução do quarto exercício.....	132
Figura 45 e 46 Abertura da Oficina - Primeiro dia de aula	145
Figura 47 - Aluna traçando o quadriculado ou “malha” do desenho com o auxílio da régua	149
Figura 48 - Aluna utilizando o compasso para execução de algumas partes arredondadas do desenho.	149
Figura 49 - Aluna recuperando um desenho antigo redondo	150
Figura 50 - Aluna desenhando uma manga de blusa.....	150
Figura 51 - Instrutora (camisa preta) tirando as dúvidas da aluna e em seguida ela corrigindo seu exercício	154
Figura 52 - Alunas discutindo em conjunto sobre suas dúvidas.....	155
Figura 53- Aluna tirando dúvidas de seu colega	155
Figura 54 e 55 - Alunas reunidas durante a aula para a execução dos exercícios	156

Figura 56 - Recuperação dos moldes	157
Figura 57 - Conservação dos moldes.....	157

LISTA DE SIGLAS

- AET - Análise ergonômica do Trabalho
- ACT - Análise Coletiva do Trabalho
- GREPE - Grupo de Extensão e Pesquisa em Ergonomia
- FIART - Feira Internacional de Artesanato
- SBPC - Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência
- UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
- PEP - Programa de Engenharia De Produção
- PAB - Programa do Artesanato Brasileiro
- PNPCT - Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais
- PNPI - Programa Nacional do Patrimônio Imaterial
- SEMURB -Secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo
- SINE- Sistema Nacional do Emprego
- IPHAN- Instituto de Patrimônio Artístico Nacional
- IEA - International Ergonomics Association

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 [INTRODUÇÃO]	14
CAPÍTULO 2 REFERENCIAL TEÓRICO	28
2.1 Ergonomia	28
2.2 O PROCESSO DE MEMORIZAÇÃO E A APRENDIZAGEM	32
2.2.1 O Conceito de Aprendizagem	35
2.2.2 Abordagens de Aprendizagem	35
2.2.3 A Educação Prática e Reflexiva	38
2.2.4 Zona de Desenvolvimento Proximal	40
2.3 ARTESANATO DA RENDA DE BILRO: PATRIMONIO CULTURAL IMATERIAL	42
2.3.1 Renda de Bilro Como Expressão do Artesanato	42
2.3.2 A Renda de Bilro como Patrimônio Cultural Imaterial	45
2.3.3 A Renda de Bilro e suas “Pegadas”	49
2.3.4.1 A Renda de Bilro em Portugal	50
2.3.4.2 A Renda de Bilro no Brasil	53
CAPÍTULO 3 [NÚCLEO DE RENDEIRAS DA VILA DE PONTA NEGRA] ...	55
3.1 A CONFECÇÃO DA RENDA DE BILRO	62
3.2 TIPOS DE PONTOS DA RENDA DE BILRO	67
3.3 O ENSINO TRADICIONAL DA RENDA DE BILRO DA VILA DE PONTA NEGRA	71
3.3.1 O “Olho de pombo”: Método ou Molde?	77
CAPÍTULO 4 [METODOLOGIA UTILIZADA NA PESQUISA]	81
4.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DA METODOLOGIA	81
4.2. MÉTODO SISTEMÁTICO DE ANÁLISE: ADAPTAÇÃO DO MÉTODO DA ANÁLISE ERGONÔMICA DO TRABALHO AET	87
4.2.1 Análise Ergonômica do Trabalho	87
4.2.2 Processo De Construção Social Da Pesquisa	89
4.2.3 Processo de Instrução da Demanda	98
4.2.4 Análise das Atividades	101
4.2.5 Recomendações e Cadernos de Encargos	102
CAPÍTULO 5 [OFICINA DE RENDA DE BILRO]	104
5.1 HISTÓRICO E DADOS GLOBAIS DA OFICINA DE RENDA DE BILRO .	104
5.2 ANÁLISE DA OFICINA DE RENDA DE BILRO	113
5.3 ORGANIZAÇÃO DA OFICINA	115
5.4 DESCRIÇÃO DOS EXERCÍCIOS APLICADOS	124
5.4.1 Primeiro Exercício	124
5.4.2 Segundo Exercício	125
5.4.3 Terceiro Exercício	127
5.4.4 Quarto Exercício	131
5.5 RECOMENDAÇÕES DE MELHORIA PARA OFICINA DE RENDA DE BILRO	139
CAPÍTULO 6 [OFICINA DE DESENHO DA RENDA DE BILRO]	142
CAPÍTULO 7[PROPOSTA DE UMA NOVA OFICINA - OFICINA HÍBRIDA]	162
CAPÍTULO 8 [CONSIDERAÇÕES FINAIS]	173
8.1 PROPOSTAS DE TRABALHOS FUTUROS	179
REFERÊNCIAS	180

APÊNDICE A - ROTEIRO DE AÇÃO CONVERSACIONAL - RENDEIRAS EXTERNAS.....	188
APÊNDICE B - ROTEIRO DE AÇÃO CONVERSACIONAL - INSTRUTORAS	189
APÊNDICE C - ROTEIRO DE AÇÃO CONVERSACIONAL - ALUNAS DA OFICINA DE RENDA DE BILRO.....	190
APÊNDICE D - ROTEIRO DE AÇÃO CONVERSACIONAL - D.CAMÉLIA. .	191
APÊNDICE E - ROTEIRO UTILIZADO NA ANÁLISE COLETIVA DO TRABALHO	192
APÊNDICE F - LISTA DOS ALUNOS DAS OFICINAS DE RENDA E DESENHO DA RENDA DE BILRO.....	193
APÊNDICE G - LISTA DOS ALUNOS DA OFICINA DE DESENHO DA RENDA DE BILRO	194
ANEXO A - APOSTILA UTILIZADA NA OFICINA DE DESENHO DE RENDA DE BILROS (MÓDULO: FORMAÇÃO DE PREÇOS).....	195

CAPÍTULO 1

[INTRODUÇÃO]

O presente trabalho se propõe a descrever e analisar o desenvolvimento das oficinas de Renda de Bilro e de Desenho da Renda de Bilro decorridos no Núcleo de Produção Artesanal das Rendeiras de Bilro da Vila de Ponta Negra (Natal - RN), nos anos de 2009 a 2010.

Esta pesquisa é integrante do Projeto Rendeiras da Vila, pertencente ao Grupo de Extensão e Pesquisa em Ergonomia (GREPE), em atividade desde 2005, e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção (PEP-UFRN). Segundo Saldanha (2008), coordenadora do projeto as proposições do Projeto Rendeiras da Vila se enquadram nas seguintes perspectivas:

contribuir para o desenvolvimento Sustentado do Núcleo de Produção Artesanal Rendeiras da Vila, buscando a concomitância entre inclusão social e resgate cultural. O projeto consiste em desenvolver metodologia de repasse do aprendizado da Renda de Bilro, contribuindo para a formação e capacitação de rendeiras (domínio sobre o produto), assim como auxiliar no enriquecimento do acervo artesanal.

A Renda de Bilro é uma técnica difícil de ser aprendida. Para que seja confeccionada uma peça de Renda, se gasta muitas horas, não raro alguns meses de dedicação diária na produção das peças. (BARROS, 2008, p.58).

De acordo com este autor, além do tempo gasto em sua produção, existe a difícil comercialização dos produtos confeccionados no Núcleo das Rendeiras da Vila. Diante deste fato, elas acabam por vender suas peças por um valor final não condizente com o investimento aplicado em sua produção. Barros (2009) ainda destaca o desinteresse das novas gerações, (mesmo entre aqueles que cresceram na vila e integram as famílias de Rendeiras), em aprender a técnica da Renda de Bilro. Estaria este desinteresse ligado à forma como esta técnica-arte ainda é ensinada pelas antigas Rendeiras? Este questionamento será aprofundado no decorrer da pesquisa.

A Vila de Ponta Negra, já foi conhecida por Vila de Pescadores, cita-se que desde 1633 há referências históricas sobre a Vila de Ponta Negra, período da então ocupação holandesa em Natal. (SEMURB, 2008, p.6-7). Estima-se que até o século passado a vila de Ponta Negra era habitada predominantemente por indivíduos ligados à atividade pesqueira, o cultivo de roçados e a produção da Renda de Bilro para ajudar na economia doméstica, feito predominantemente pelas mulheres. (SEMURB, 2008, p.6-7)

A atividade das Rendeiras constitui-se como uma das tradições mais antigas e populares do Brasil, sendo transmitida por via oral desde a primeira ocupação do território, sempre com zelo por um refinamento artístico que Cascudo (1969, p. 777) descreve da seguinte forma:

uma profissão humilde e linda é a da nossa Rendeira, tecendo maravilhas de delicadezas e equilíbrio nas almofadas toscas, no jogo mecânico dos bilros de pau. São artífices em ambientes paupérrimos, conseguindo obras primas que encantam os olhos dos estrangeiros.



Figura 1 – Detalhe do feitió da Renda de Bilro

Fonte: Acervo GREPE (2006)

A Renda de Bilro ainda é mantida em alguns estados do Brasil, a exemplo de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará, Piauí e Santa Catarina. Sua produção é encontrada predominantemente na orla marítima, margens de lagoas ou vales de rios (MAIA, 1980, p.83).

Segundo Ramos & Ramos (1948, p.39), a Renda de Bilro é tradicionalmente repassada entre gerações, de mães a filhas, assim como se destaca a seguir:

a técnica do feitiço da renda é transmitida de mãe a filhas e ao lado de velhas rendeiras, ficam as meninas “trocando” seus bilros, até adquirirem prática. Raramente encontram-se homens fazendo renda, como ocorre na região em Mata Grande (Alagoas), e eventualmente em outros lugares do Brasil. Estes casos são exceções e não uma tradição cultural.

Corroborando com Ramos & Ramos (1948), sobre o aprendizado da renda tradicionalmente transmitido entre gerações, percebe-se que as aprendizes observam atentamente a atividade para se iniciarem no aprendizado da renda. Destaca-se a fala de uma das Rendeiras de Bilro, moradora da Vila de Ponta Negra, em Natal-RN (hoje área que integra o bairro de Ponta Negra). Esta rendeira é uma das mais conhecidas e respeitadas na comunidade da Vila de Ponta Negra, e hoje está com 70 anos na atividade de rendeira e de moradia na Vila. Ela descreve o início de seu aprendizado, em que se sentia estimulada a aprender, pela observação das experientes rendeiras, tentando reproduzir o que via.

[...] a Renda entrou aqui, pra mim [sic] aprender quando eu tinha sete anos. [...] eu via assim aquelas mulher [sic] trabalhando... aí eu pegava um coquinho pequenininho... Enfiava um ponteiro... Saía assim no lixeiro procurando linha, emendava... aí enrolava no ponteirinho com o coquinho e ficava bulindo lá, né... ficava ali junto do povo... o povo trabalhando e eu olhando ... aí eu ia mexer... Aí, quando foi um dia, a minha mãe foi e perguntou: Você quer aprender isso? Aí eu disse: Eu quero. Aprende mesmo? Aprendo... aí ela foi e pagou uma mulher e a mulher me ensinou... Aí eu aprendi de repente.” (D. Acácia ¹- Rendeira da Vila de Ponta Negra).

¹Entrevista concedida a Barros (2009), em 30 de novembro de 2006 pela rendeira D. Acácia, moradora da Vila de Ponta negra e Fundadora do Núcleo artesanal Rendeiras da Vila desde o ano de 1998. Ressalta-se que o nome da rendeira acima citado é fictício, assim como o de todas as

Outra rendeira moradora da Vila de Ponta Negra, D. Orquídea², afirma que, antigamente, toda mulher que iria casar-se desejava ter um enxoval feito de Renda de Bilro, criando assim demanda suficiente para as rendeiras moradoras da Vila obterem o sustento com o seu trabalho. Esta rendeira também aprendeu o ofício observando sua mãe, tias, irmãs e algumas vizinhas que rendavam na Vila na época em que era criança. Segundo afirma D. Orquídea³:

a Renda saía porque todo mundo da cidade vinha comprar Renda aqui. Todo mundo que ia casar fazia enxoval de Renda. Antigamente o custo de vida também não era tão caro quanto agora... E o povo aqui também vivia de renda. [...] Um ou outro que era funcionário, a maioria era pescador e as mulheres rendeiras.⁴

Esse sistema tradicional de repasse do ofício condiz com o processo de aprendizagem, citado por Brandão (2006), sobre o qual se destaca o fato de se formarem “redes de estruturas sociais de transferência de saber de uma geração a outra, onde ainda não foi sequer criada a sombra de algum modelo de ensino formal e centralizado”. Desta forma, os atores sociais envolvidos com tais situações de aprendizado, criam “situações que, [...] forçam iniciativas de aprendizagem e treinamento. Elas existem misturadas com a vida em momentos de trabalho, de lazer, de cooperação ou de amor”.

Desta estrutura social formada pela interação entre pescadores, rendeiras e outras atividades, iniciou-se, na década de 1940, o desenvolvimento da Vila de Ponta Negra, núcleo do povoamento da área. (SEMURB, 2008, p.6-7). Surgiram, na adjacência da Vila de Ponta Negra, o Conjunto Ponta Negra, em 1978, o Conjunto Alagamar em 1979, o Conjunto Serrambi, em 1989 e o Natal Sul em 1981. Somente no ano 2000 é que foi executado o projeto Orla de Ponta Negra.

rendeiras e alunos das oficinas. Este procedimento foi assim adotado para preservar a livre expressão de opiniões dos entrevistados.

² D. Orquídea é uma das Rendeiras mais antigas da Vila de Ponta Negra e do Núcleo das Rendeiras (ainda que não tão assídua como outrora), mas que ainda produz a Renda de Bilro. A lista completa das rendeiras e alunos que participaram das oficinas e que colaboraram de alguma forma com o trabalho encontram-se nos apêndices 2 e 3.

³ Conversa-ação realizada pela autora com a *D. Orquídea* no dia 01 de junho de 2010, no Núcleo Artesanal Rendeiras da Vila de Ponta Negra.

Desse projeto de urbanização, fez parte a construção de um calçadão na orla marítima, com três quilômetros de extensão e a substituição das antigas barracas de praia, por quiosques de fibra de vidro. (SEMURB, 2008, p.8-9). Porém foi no ano de 1993, que se oficializa a formação do bairro de Ponta Negra, de acordo com a Lei nº 4.328, como segue a citação do SEMURB (2009):

a vila de Ponta Negra e seu entorno foram oficializados como bairro de Ponta Negra através da lei Lei nº. 4.328, de 05 de abril de 1993, quando da sua publicação no Diário Oficial do Estado em 07 de setembro de 1994.



Gráfico 1 - Mapa dos bairros da cidade do Natal-RN, situando a Vila de Ponta Negra.

Fonte: Adaptado da SEMURB (2008-2009).

De seus modestos princípios, Ponta Negra se tornou um bairro populoso e economicamente importante para a cidade como um todo. No seio desse povoamento, Segundo Silva (2006, p.10), a vila de Ponta Negra desde há alguns anos se configura como *“um espaço urbano em processo de constantes mudanças”*.

E completa:

com a turistificação do bairro, a Vila se apresenta como o espaço onde são mais visíveis as transformações ocorridas nos últimos anos. Foram mudanças sociais, econômicas, culturais, ambientais, e geográficas. O pequeno povoado cresceu, seu espaço se ampliou, novas atividades econômicas foram criadas, novos hábitos são adquiridos. O novo coexiste com o velho, o estilo de vida moderno com as tradições; o passado e o presente fazendo parte do cotidiano da comunidade.

Essa transformação ilustra-se, segundo Garda (1983), no fato de que, em 1920 na Vila de Ponta Negra, havia menos de mil habitantes, e em 1980 contava com cerca de dois mil e seiscentos e atualmente estima-se uma população de mais de 10mil habitantes.

Em consequência de tais transformações socioeconômicas decorridas na Vila e da intensa atividade turística estabelecida no local, surgiram novas oportunidades de emprego e, desta forma, tornou-se crescente o desinteresse das novas gerações de pessoas da comunidade em dar continuidade à tradição da Renda de Bilro, uma atividade genuinamente de caráter econômico-familiar. No lugar dessa atividade, as pessoas passaram a buscar novos segmentos de trabalho que ofereciam um retorno financeiro mais rápido e garantido que o da Renda de Bilro:

há várias interferências e condicionamentos que determinam o desestímulo à produção e o conseqüente desaparecimento de rendeiras: — as imitações de rendas, elaboradas industrialmente e conseqüentemente vendidas mais baratas; [...] ofertas de emprego em outros campos profissionais nos setores da indústria e comércio (a artesã diz se sentir mais garantida tendo uma carteira de trabalho assinada com salário mensal determinado); entre outros fatores. (MAIA, 1980, p. 87-88).

Segundo Leite (2005, p.33), as antigas artesãs quando questionadas sobre o motivo pelo qual continuam a praticar seu ofício, revelam “outros nexos que nos ajudam a entender a dimensão cultural da prática artesanal.” E complementa:

seria difícil entendermos a manutenção desse ofício apenas pelos critérios econômicos. Definitivamente, não é apenas por dinheiro que se faz panela de barro. Muitas artesãs afirmaram já ter desejado parar, mas não conseguem. Precisam abrir o barro, como se moldá-los ajudasse a suportar a vida.

Segundo Lima (2005), a força que há no artesanato tradicional e que o diferencia dos demais artesanatos, é justamente o valor cultural que vem incorporado nos objetos produzidos. E desta forma Lima (2005 p.14-17), acrescenta:

é importante entender o objeto artesanal dentro das relações de mercado, mas como um produto diferenciado; que nunca se perca a dimensão cultural que está embutida nele, porque quando se lida com a cultura, se agrega valor, e assim se consegue fazer com que o objeto seja mais valorizado e mais caro exatamente por essa razão.

A Renda de Bilro é então classificada como um artesanato tradicional por agregar um grande valor cultural, que decorre do fato de ser uma tipologia antiga, de acompanhar histórias e tradições passadas de geração em geração, de fazer parte dos usos e costumes de um determinado grupo, assim como acontece na Vila de Ponta Negra.

Segundo Sampaio (2005, p.12), “[O] artesanato de tradição é o meio para o fortalecimento das identidades culturais e da cidadania e para a geração de trabalho e renda, digna e regular, para os artesãos e suas famílias [...]”.

O ofício de Rendeira de Bilro restringiu-se, assim, na Vila de Ponta Negra a uma prática de poucas pessoas já idosas que lutam pela visibilidade desta atividade e conseqüente valorização de suas peças de Renda.

Com o intuito de manter viva esta tradição, D. Acácia fundou o *Núcleo de Produção Artesanal Rendeiras da Vila de Ponta Negra*, no ano de 1998. Nesta época reuniam-se 15 rendeiras neste local para produzirem a Renda de Bilro:

é nós quando começou [sic] aqui, Angela, nós começamos [sic] com 15 rendeiras; era dividido em duas turmas, que quem queria vir à tarde vinha e quem queria vir à noite também vinha, era assim, de 13h às 17h e 19h às 21h, entendeu? Aí como começou [sic] as coisas do mundo né, por estes caminhos aí e tudo, aí nós... Elas vinham, mas moravam longe, aí, a gente decidiu vamos acabar com esse negócio de renda de trabalhar à noite, aí a gente trabalhou só de dia. Aí também tem outras que tinham outras coisa pra fazer tinham suas obrigações em casa, lavar roupa, engomar, e engomar até pra fora, aí diminuiu duas, aí saiu uma que tinha um filho que tinha uma doença, e [...] e ficou dez; de dez foram saindo, foram saindo, eu sei que ficou seis, e morreu a finada e ficou cinco. (D. Acácia⁵)

Assim, atualmente subsistem apenas cinco rendeiras trabalhando no Núcleo, produzindo diariamente, das 13h às 17h. Esse esforço, porém, não tem sido suficiente para assegurar a continuidade deste patrimônio cultural imaterial para as futuras gerações. Como a quantidade de rendeiras no Núcleo é atualmente pequena, e como o conhecimento da técnica mesmo dentre as rendeiras antigas é fragmentário e estanque, requer-se a elaboração de estratégias e ações para atrair novos aprendizes, para formar novas rendeiras, repassar o “saber-fazer” da Renda de Bilro e capacitar rendeiras a alcançar o domínio sobre todo o processo, e, conseqüentemente, sobre o produto⁶. Ver no gráfico 02, mapa ilustrativo de localização do Núcleo.

⁵ Ação conversacional realizada no Núcleo no dia 12 de fevereiro de 2010.

⁶ Nesse aspecto, estão sendo realizadas pesquisas desde 2006, pelo Grupo de Pesquisa e Extensão em Ergonomia (GREPE), composto de professores e estudantes vinculados ao curso de engenharia de produção - graduação e pós-graduação - (PEP) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

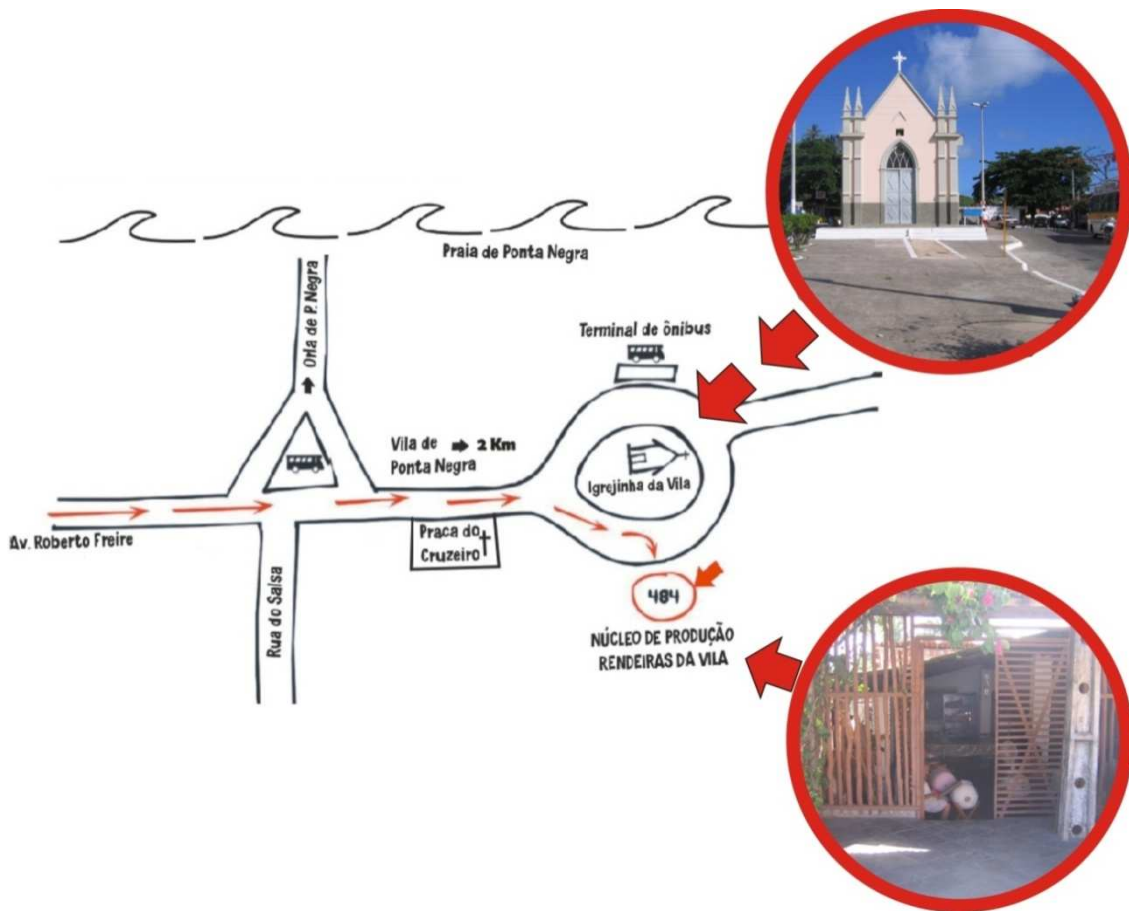


Gráfico 2 - Mapa mostrando como se chega ao Núcleo de Produção Artesanal Rendeiras da Vila

Fonte: Barros (2009)

Diante deste quadro, depara-se novamente com a questão apresentada no início deste trabalho, que se retoma aqui sob a forma da seguinte problemática: Como o processo de ensino da Renda de Bilro, desenvolvido no Núcleo de Rendeiras de Bilro da Vila de Ponta Negra, está interferindo no interesse e na aprendizagem da técnica por parte das novas gerações?

Partindo desta problemática, buscou-se através da pesquisa situada⁷ e bibliográfica acerca da atividade de Renda de Bilro e das pessoas diretamente envolvidas com tal ofício, responder a tal pergunta através da seguinte hipótese:

⁷ Pesquisa situada: compreende na observação sistemática do trabalho onde o “ergonomista estará presente nos locais de estudo e interagindo com os agentes de vários níveis da organização”. (VIDAL, 2008, p.82).

Há necessidade de melhorar o interesse das novas gerações em aprender a técnica da Renda de Bilro com a introdução de um novo método de ensino, porque o método de ensino tradicional aplicado à Renda de Bilro é pouco estimulante e carece de melhoramentos e sistematização. O método tradicional contribui assim para a não continuidade da atividade, o que implica na transformação desse modelo em um modelo híbrido. É o que se intencionou descobrir na presente pesquisa.

A condução desta pesquisa tem fulcro na disciplina da Ergonomia, porque esta engloba todas as preocupações da presente proposta, conforme afirma Wisner (1992), um dos fundadores da Ergonomia Francesa: “*é de fundamental importância que haja uma observação detalhada e interpretações profundas de todo o seu contexto social e cultural envolvido no objeto de estudo*”. (Wisner, 1992).

Segundo Geslin (2004, p.87), em 1979, Wisner destacou que a ergonomia associa os conhecimentos das ciências humanas para melhorar a concepção de sistemas técnicos, e desta forma ele iniciou uma nova abordagem para a ergonomia que considera as múltiplas relações entre as *características microscópicas* das atividades humanas e os *fatores macro sociais*.

Propõe-se neste trabalho a utilização da metodologia da Análise Ergonômica do Trabalho (AET), que, segundo Vidal (2008, p. 61),

[...] consiste em analisar a atividade com relação ao seu contexto e isto na própria situação de trabalho. O objetivo maior desta metodologia é a obtenção de uma descrição, de uma caracterização integrada e não dissociada que permite elaborar os projetos de transformação positiva da realidade do trabalho.

É nesta perspectiva que esta dissertação analisará as mudanças ocorridas no processo de ensino-aprendizagem durante as oficinas de Renda de Bilro e da oficina de desenho, conforme se descreverá no decorrer desta pesquisa.

Justifica-se esta busca em prol da manutenção da atividade da Renda de Bilro, que faz parte do patrimônio cultural da nação, mas se encontra em sensível declínio. No estado do Rio Grande do Norte, cujo artesanato é considerado um dos melhores do Nordeste (CÂNDIDO, 2010), pode-se ainda encontrar a atividade da Renda de Bilro (SINE/RN, 2008), cada vez mais escassa, nas regiões litorâneas, tais

como nos municípios de Parnamirim, Nísia Floresta e Natal - na Vila de Ponta Negra, bairro da cidade de Natal-RN, onde se centra esta pesquisa.

O declínio da atividade diz, certamente, respeito ao desinteresse da própria comunidade em relação à atividade rendeira, contrariando a imagem mítica cultural da “mulher rendeira”, cantada em verso e prosa. Conforme menciona Maia (1980, pp. 86-87),

a rendeira de Bilro é mais prestigiada pelos órgãos de defesa do folclore e do artesanato. São fotografadas, convidadas a participar de exposições, de filmes, mas nada disso incide no seu “status” comunitário.

Dentre as resoluções dos “órgãos de defesa”, pode-se citar a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais - PNPCT, que tem como principal objetivo promover o desenvolvimento sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social), com ênfase no reconhecimento, fortalecimento e garantia dos seus direitos territoriais, sociais, ambientais, econômicos e culturais, com respeito e valorização à sua identidade, suas formas de organização e suas instituições, conforme estabelecido no Art. 3º do decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, que institui “a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais”.

Segundo o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em decretos de nº 3.551 de 04 de agosto de 2000, instituiu-se o registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro. O decreto-legislativo mais recente de 08 de março de 2006 aprova o texto para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial (texto celebrado em Paris, em 17 de outubro de 2003), que apresenta no Artigo 2º a seguinte definição para “patrimônio cultural imaterial”:

Entende-se por 'patrimônio cultural imaterial' as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história gerando um sentimento de identidade [...]. Para os fins da presente Convenção, será levado em conta apenas o patrimônio cultural imaterial que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos e do desenvolvimento sustentável. (BRASIL, 2006, p.3).

Conforme tal definição, o patrimônio cultural imaterial se manifesta nos campos das tradições e expressões orais, como: expressões artísticas, práticas sociais, rituais, atos festivos e técnicas artesanais tradicionais. Todas as ações que têm por objetivo a preservação, a proteção, a valorização e a transmissão (essencialmente por meio da educação formal e não-formal) de tais bens são entendidas como "salvaguarda". (Brasil, 2006, p.3)

No ano de 2006, foi iniciado um processo de elaboração de base conceitual do artesanato no Brasil e no Mercosul. Primeiramente visando à formação e ampliação de capital social nos territórios, o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB -1016) - Programa que compõe o Plano Plurianual - PPA 2008-2011 (Lei Nº 11.653, de 07/04/2008) e está estruturado em três ações:

- i. Capacitação de Artesãos e Multiplicadores;
- ii. Feiras e Eventos para a Comercialização de Produtos Artesanais;
- iii. Estruturação Produtiva do Artesanato Brasileiro.

Com esta iniciativa foi elaborado o Plano Nacional de Capacitação para o Setor Artesanal a ser implantado em conjunto com os PABs estaduais a partir de 2008. Desta forma o programa realiza "Feiras e Eventos para Comercialização da Produção Artesanal", a fim de promover um espaço de promoção e de aproximação

dos artesãos com o mercado consumidor. Segundo relatos da rendeira D. Acácia, é nessas feiras que há maior chance de comercialização do produto da Renda de Bilro, sendo pouco significativo o lucro obtido pelas vendas no local de produção.

Nessas feiras, dentre os produtos com maior demanda estão as confecções de renda, como demonstra Cândido (2010), apontando também para o fato de que a classe artesã em geral, apesar de minoritária (em relação ao emprego formal), não é negligenciável, visto que chega a abranger a soma de seis mil trabalhadores para quem o artesanato é a maior fonte de renda familiar, e que se dedicam “*de maneira intensa às suas obras muito mais pela vontade do que pela obrigação*”. Evidencia-se isso também pelo depoimento da Rendeira D. Acácia ⁸:

eu já tou com 65 anos que eu trabalho, então eu já tou acostumada. Faço por amor. Eu já tive uma entrevista numa escola, e a mulher perguntou se eu tinha amor ao meu trabalho, adoro fazer meu trabalho e vou morrer trabalhando.

Diante da importância do artesanato na geração da renda familiar, e em muitos casos, assumindo a principal fonte de renda do artesão, legitima-se a importância da manutenção desta técnica artesanal tradicional da Renda de Bilro, através do Núcleo de Rendeiras da Vila de Ponta Negra, o qual, conforme já abordado anteriormente, atualmente se restringe a poucas e idosas rendeiras. Diante do quadro de desinteresse das novas gerações em dar continuidade à tradição, este “saber fazer” da renda de bilro, está desaparecendo com as antigas e poucas rendeiras detentoras da técnica na comunidade, conforme o que afirma Leite (2005, p.33), quando diz que:

parte substantiva das filhas adolescentes que frequentam a escola, e já compartilham outro universo simbólico, não pratica o ofício, ainda que domine a técnica. Geralmente, essas jovens refutam o ofício e o vêem como algo ultrapassado.

⁸ Entrevista realizada em 30 de novembro de 2006 pelo grupo GREPE.

Em presença deste quadro de desinteresse das novas gerações em dar prosseguimento ao ofício praticado por suas avós, mães e parentes rendeiras. Sejam este pelo retorno insuficiente, ou como cita Leite (2005, p.33), por acharem algo ultrapassado, é que se objetiva analisar nesta dissertação as adaptações necessárias ao processo de ensino-aprendizagem da Renda de Bilro, conforme aplicadas nas oficinas ocorridas no Núcleo de Rendeiras da Vila nos anos de 2009 e 2010.

Para alcançar o objetivo proposto, intenciona-se descrever e analisar a oficina de Renda de Bilro, assim como a oficina de Desenho da Renda de Bilro, para enfim propor um modelo de Ensino-Aprendizagem de uma oficina híbrida — Renda de bilro e Desenho da Renda de Bilro.

A metodologia utilizada como já citada, baseia-se na Análise Ergonômica do Trabalho (WISNER, 1987; VIDAL, 2003), que combina métodos observacionais, que “permite uma familiarização da equipe de Ergonomia com a situação de trabalho e seus agentes” (VIDAL, 2008, p. 118), com métodos interacionais, ou seja, métodos de coleta, análise e tratamento de enunciados discursivos existentes na organização, tais como (entrevistas estruturadas, roteiros dinâmicos, análise coletiva e a conversa-ação), para a compreensão das situações de trabalho. (VIDAL, 2008, p.140).

O trabalho foi organizado numa sequência de forma a permitir o entendimento lógico da pesquisa, a fim de situá-lo no embasamento teórico, metodológico e das descrições e análises realizadas com as duas oficinas de Renda de bilro e de desenho da Renda de Bilro. Estrutura-se então da seguinte forma:

Primeiramente, consta o Referencial Teórico da pesquisa – parte onde se encontram reunidos os principais temas necessários para o entendimento das discussões e utilizado para nortear e limitar a pesquisa, como: Ergonomia, Tradição e Artesanato, Cultura imaterial do Artesanato, Valor cultural do Produto Artesanal, Tradição e Oralidade, Aprendizagem, (conceito, abordagens, educação prática e reflexiva, zona de desenvolvimento proximal). Nos capítulos seguintes, vamos mostrar uma breve explicação sobre a renda de bilro sua confecção, materiais e instrumentos utilizados. Descreve-se então a Metodologia da pesquisa, para depois descrever e analisar as oficinas de renda de Bilro e desenho da Renda de Bilro.

CAPÍTULO 2: [REFERENCIAL TEÓRICO]

Neste capítulo faz-se um apanhado teórico para dar suporte às argumentações que se seguirão ao longo da pesquisa, sobre Ergonomia, Ensino-Aprendizagem, Renda de Bilro e Artesanato.

2.1 ERGONOMIA

Para Vidal (2002, p.16), “[...] a Ergonomia vai requerer uma multiplicidade de abordagens que se complementem para dar conta dos principais aspectos de uma demanda.” O esquema abaixo, ilustra a interação da Ergonomia com as disciplinas de quatro campos científicos: Ciências da Vida, Ciências Técnicas, Ciências Humanas e Ciências Sociais.



Quadro 1 - Esquema representativo da interdisciplinaridade da Ergonomia.
Fonte: HUBAULT (1992) apud VIDAL (2002).

A ergonomia da atividade influenciou o desenvolvimento da ergonomia no Brasil, e se origina nos países de língua francesa desde os anos 60, e depois difundida por Wisner, a partir dos anos 70 para o Brasil. O principal aspecto que se baseia a ergonomia da atividade se desdobra nesta frase-título do livro de Guerin (2001): “*Compreender o trabalho para transformá-lo*”. É nesta perspectiva da ergonomia da atividade que serão encaminhadas as análises nesta pesquisa. Afilia-se aqui ao conceito de Wisner (1987, p. 12), segundo o qual a Ergonomia,

é o conjunto de conhecimentos científicos relativos ao homem e necessário para a concepção de ferramentas, máquinas e dispositivos que possam ser utilizados com o máximo de conforto, segurança e eficácia. A prática ergonômica se utiliza de técnicas e se baseia em conhecimentos científicos. Essa prática é caracterizada por uma metodologia.

Esta vertente da ergonomia tem a característica “teórico-metodológica e prática de resolver e tratar os problemas das condições de trabalho a partir da compreensão das atividades dos trabalhadores, isto é, do seu ‘trabalhar’” (LIMA e FILHO, 2004, p.11).

Segundo Lima e Filho (2004, p.11), esta abordagem direciona o olhar do pesquisador ao desenvolvimento concreto da atividade, quando este trabalha em conjunto com o operador, ou seja, com o trabalhador que detém a inteligência prática da atividade que desempenha. Desta forma é fundamental a participação dos trabalhadores para uma efetiva transformação do trabalho. Assim, como aborda (Lima e Filho, 2004, p.11),

esse engajamento social contribuiu substancialmente para mostrar a inteligência prática dos trabalhadores, a importância do coletivo e a necessidade de desenhar sistemas de produção a partir de visão ampla do homem, tradicionalmente reduzido a suas componentes físicas. Por isso, foi necessário desenvolver uma metodologia científica que assegura a participação efetiva dos trabalhadores em todos os momentos da intervenção, da formulação da demanda à elaboração de soluções, incluindo a análise propriamente dita, normalmente domínio reservado aos “especialistas”.

Ainda segundo Vidal (2002, p.3), “a ergonomia está em constante evolução, focada na atividade de trabalho das pessoas buscando melhorar suas condições de execução, aprimorando assim o uso e manuseio de produtos, e na transformação positiva do trabalho”.

Os domínios e especializações da Ergonomia são de acordo com a denominação da IEA - *International Ergonomics Association* (2000), “*representam profundas competências em atributos humanos específicos e características das interações humanas entre si e destes com os sistemas*”, tais como se apresentam na quadro a seguir:

<p>Ergonomia Física</p>	<p>No que concerne às características da anatomia humana, antropometria, fisiologia e biomecânica em sua relação à atividade física. Os tópicos relevantes incluem a postura no trabalho, manuseio de materiais, movimentos repetitivos, distúrbios musculoesqueléticos relacionados ao trabalho, projeto de postos de trabalho, segurança e saúde.</p>
<p>Ergonomia Cognitiva</p>	<p>No que concerne aos processos mentais, tais como percepção, memória, raciocínio, e resposta motora, conforme afetam interações entre seres humanos e outros elementos de um sistema. Os tópicos relevantes incluem carga mental de trabalho, tomada de decisão, <i>performance</i> especializada, interação homem-computador, estresse e treinamento conforme estes se relacionam aos projetos envolvendo seres humanos e sistemas.</p>
<p>Ergonomia Organizacional</p>	<p>No que concerne a otimização dos sistemas sócio-técnicos, incluindo suas estruturas organizacionais, políticas e processos. Os tópicos relevantes incluem comunicações, gerenciamentos de recursos de tripulações (CRM - domínio aeronáutico), projeto de trabalho, organização temporal do trabalho, trabalho em grupo, projeto participativo, ergonomia comunitária e trabalho cooperativo, novos paradigmas do trabalho, cultura organizacional, organizações em rede, teletrabalho e gestão da qualidade.”</p>

Quadro 2 - Os domínios e especializações da Ergonomia.

Fonte: Associação Internacional de Ergonomia – IEA (2000).

As aplicações da Ergonomia se classificam conforme o foco de sua intervenção. Seus campos se dividem em Ergonomia de produto e de produção, segundo Vidal (2002, p.68):

- Ergonomia de Produto: “Voltada para a incorporação de recomendações ergonômicas no projeto de artefatos diversos”, dos quais o homem se utiliza para realizar o seu trabalho.

- Ergonomia de Produção: “Voltada para o projeto de sistemas de trabalho”, numa concepção mais abrangente, investiga-se as de que forma o trabalho está sendo realizado.

Em ambos os campos, a sua intervenção pode se dar em três momentos da organização, segundo Lima (2003, p.22-3):

- **Ergonomia de Concepção:** Ocorre quando a contribuição se faz na fase inicial do projeto do produto, do processo ou do ambiente. É uma situação onde as alternativas projetuais podem ser amplamente examinadas, no entanto, é a que exige maior conhecimento e experiência de quem a está aplicando, visto que as decisões são tomadas, muitas vezes, acerca de situações hipotéticas, o que requer testes, experimentos e simulações através de modelos funcionais;
- **Ergonomia de Correção:** Ocorre quando a contribuição se faz em situações reais, já existentes, para solucionar desde problemas físicos a psicológicos das pessoas através, por exemplo, do redesenho, ou até substituição total, de máquinas e postos de trabalho;
- **Ergonomia de Conscientização:** Ocorre da necessidade de atuação proativa dos próprios trabalhadores, como agentes de mudança e de melhoria da qualidade de vida no trabalho, através da conscientização dos operários por meio de cursos, treinamentos e recomendações técnicas, ensinando-os a reconhecer fatores de risco e a trabalhar e usar a máquina de forma segura e confortável.

Dado que a literatura a respeito da ergonomia trata principalmente de questões ligadas a empresas, estas distinções acima citadas não se aplicam de forma tão rígida ou engessada a esta pesquisa, já que se trata de um ambiente de produção artesanal, onde há como uma das características a flexibilidade, tanto das relações de trabalho quanto de produção.

Pode-se considerar que a intervenção realizada durante os dois anos de pesquisa abordou principalmente características da Ergonomia de concepção, muito

embora as demais formas de intervenção caracterizadas por Lima (2003), também foram realizadas em menores proporções.

Foi preocupação do grupo de pesquisa atuar na melhoria do conforto físico das rendeiras durante a sua atividade, regulando alturas de cavaletes e comprando novas cadeiras que proporcionassem uma postura melhor (ergonomia de correção), assim como ocorreram adaptações didáticas na sistemática de ensino a partir das análises e acompanhamento das oficinas de renda e de desenho da renda, pode-se conceber uma nova sistematização das etapas do ensino da renda no que se configurou como uma nova oficina chamada de Híbrida (ergonomia de concepção).

Outras preocupações do grupo versaram a respeito da apresentação as alunas de instrumentos que facilitam a precisão dos desenhos da renda (como o uso de réguas na construção das malhas dos desenhos, compasso, tampas redondas de objetos - como alternativa ao uso do compasso, etc.), assim como do material de trabalho. E desta forma foi partilhado com as alunas na oficina de desenho da renda, alguns conceitos sobre o estudo das cores e de que forma elas poderiam combinar as cores das linhas que são confeccionadas as rendas, para obter variados resultados sem perder a harmonia do conjunto. Assim como foi dada a aula de formação de preço na Oficina de desenho, para ensinar como as alunas e rendeiras como calcular o preço dos produtos de renda confeccionados por elas, tendo como base o tempo gasto na confecção da peça, o valor da matéria prima gasta. Desta forma tais ações legitimam características da ergonomia de conscientização.

2.2 O PROCESSO DE MEMORIZAÇÃO E APRENDIZAGEM

O cérebro humano funciona a partir de estímulos, aos quais acessam informações armazenadas, a partir de cheiros, gostos, imagens, que são chamadas de memórias olfativas, palatais, etc. (BRESOLIN, 2010).

Uma forma eficiente de utilização de elementos memorizados seria a associação de idéias, possibilitando usar-se de determinada situação análoga ao presente. Trata-se de um dos principais meios do tratamento da informação no cérebro. Mobiliza-se também a memória a fim de comparar, deduzir e raciocinar logicamente de forma complexa. (GUERÌN *et al*, 2001).

Segundo Guerin *et al* (2001, p.57), na mente humana, para determinadas situações, esquemas integrados de ações habilitam-se para resolução de problemas, explorando as percepções, tratando então da informação obtida, para escolher as ações que serão realizadas. Antecipando desta forma o resultado, e por fim verificando a coerência entre o resultado previsto e o resultado obtido. Já em outras situações, a ação não seria resultado de uma mera utilização de um esquema memorizado, mas sim uma construção do agente operador. Desta forma de acordo com a experiência e a formação do operador, este *“estabelece ligações preferenciais entre certas configurações e ações a realizar. Dispõe potencialmente, para um domínio determinado, de um conjunto de saberes organizados”*. (GUERIN *et al* 2001, p. 57). E assim o autor completa dizendo,

afirmar que o agente operador constrói para si uma representação situacional é dizer que este memorizou elementos protótipos daquela situação e que, portanto, o seu agir se orienta por essa retenção, estando ele atento, seletivamente: inclinado a esperar determinados eventos e pronto para tomar determinadas medidas (2001 p.57-58), inclusos nessa representação: a noção dos seus objetivos imediatos; as possibilidades de desenvolvimento da situação; uma indução do desfecho desse desenvolvimento; e uma antecipação de ações posteriores a esse desfecho.

Naturalmente, esse processo não se dá por repetição de fórmulas estáticas, mas é constantemente construído e reconstruído a partir dos resultados de cada ação análoga, havendo aí uma reciprocidade entre o saber que se traz e o que se recebe do meio, entre a memória com a sua representação e a situação real com os problemas que se apresentam. Os “saberes memorizados permitem a construção de uma representação eficaz para abordar a situação. [...] Por sua vez as ações realizadas contribuem para o progresso da aprendizagem” (GUERIN *et al*, 2001,p. 58).

A aprendizagem, por ser um processo em constante construção e adaptação, favorece a busca dos objetivos, ampliando as estratégias e disponibilizando mais ações de automação parcial, o que rende mais destreza, melhores efeitos, com menor custo físico. Leva também a conjecturar possibilidades menos comuns e assim abordar mais características de cada situação.

Porém, podem advir problemas durante o período de aprendizagem. É provável, por exemplo, que surja o medo de não conseguir cumprir a tarefa por causa da consideração das dificuldades possíveis; pode haver sub ou superestimação dos riscos envolvidos; podem ainda ser testadas hipóteses que levem a ações “perigosas”. Ainda nas palavras de Guerin *et al* (2001),

a aprendizagem da rapidez não é um simples aumento da velocidade no interior de um dado modo operatório. Ir rápido é muitas vezes ter de elaborar novos modos operatórios, o que implica em abandonar os anteriores.

O autor exemplifica essa situação-problema com a resistência à mudança,

operárias de uma linha de montagem de eletrodomésticos mostraram-se reticentes em mudar de posto: temem não conseguir atingir a cadência nos prazos impostos com a mudança de posto. Elas têm na memória as dificuldades que enfrentaram para atingir a cadência necessária durante seu aprendizado no posto atual. Condições difíceis de aprendizagem são provavelmente a principal razão para a ‘resistência à mudança’, atribuída ao trabalho na linha de montagem, que tem sido objeto de interpretações variadas (GUERIN *et al*, 2001, pp. 58-59).

Segundo Guerin (*et al* 2001, p.59) Consoante ao meio e a condição da aprendizagem, situações diversas poderão ou memorizar-se na ausência de interconexões, ou, por outro lado, podem-se catalogar as similaridades ou distinções para permitir a dedução de regras naturais, aumentando a gama de situações que se podem tratar.

É importante, nesse caso, que as novas tarefas no período de aprendizagem não sejam excessivamente repetitivas, para que haja uma aquisição de mais competências articulatórias, a partir da combinação de situações já vistas. Por isso, os “*resultados da aprendizagem dependem do tempo dos meios de articulação das diferentes situações encontradas*”. (GUÉRIN *et al* 2001, p.59).

No caso da Renda de Bilro, o aprendizado tradicionalmente acontece na infância, a partir dos sete anos de idade, com raríssimas exceções na fase adulta, e

tem por característica o aprendizado acontecer no âmbito familiar, passado entre as gerações. Para Ramos & Ramos (1948, p.38), “[a] arte de fazer rendas é transmitida de mães a filhas, e ao lado de velhas rendeiras, vêem-se meninas a “trocar bilros”, logo que adquirem a prática, necessária”.

2.2.1 O Conceito de Aprendizagem

O conceito de aprendizagem na infância e na fase adulta é discutido por alguns teóricos, dentre eles destacamos DeAquino (2007). Para este teórico o processo de aprendizagem se dá através da aquisição nos âmbitos cognitivo, físico e emocional do indivíduo pelo processamento das habilidades e conhecimentos em várias profundidades dessas instancias, isto significa dizer que aprendizagem é tudo o quanto uma pessoa é capaz de apreender, manipular cognitivamente, aplicar ou comunicar os conhecimentos e as habilidades adquiridas.

De acordo com Jarvis *apud* DeAquino (2007, p.6) a aprendizagem acontece de duas formas e “pode ser distinguida em termos de haver ou não reflexão no processo”. Desta forma DeAquino (2007) diferencia aprendizagem não reflexiva de aprendizagem reflexiva da seguinte forma:

[...] a aprendizagem não reflexiva exige pouca atividade intelectual de nossa parte, como nas situações em que decoramos alguma coisa ou desempenhamos uma tarefa simples, sem acrescentarmos um significado pessoal. A aprendizagem reflexiva, por outro lado, requer muito mais competência cognitiva, por exemplo, se procurarmos entender o porquê de estarmos desempenhando determinada tarefa, se procurarmos questionar a aplicabilidade de um conhecimento que nos é ensinado etc.(p.6).

Embora se possa ver a aprendizagem de forma processual concentrando-se no domínio cognitivo, é importante destacar que esse processo envolve também o domínio físico e emocional do indivíduo:

O domínio físico está intrinsecamente ligado aos sentidos físicos que todas as pessoas possuem: visão, audição, paladar, tato e olfato. Apesar de usarmos todos nossos sentidos durante o processo de aprendizagem, acabamos por escolher uma forma preferencial para coletar informações que nos são disponíveis e para processá-las.

O domínio cognitivo está relacionado à forma como uma pessoa pensa. Referir-se a alguém com um estilo de aprendizagem cognitivo significa que sua abordagem preferencial para a aprendizagem está centrada no aspecto mental. Embora todas as pessoas usem o pensamento para aprender, para alguns de nós o processamento da informação que coletamos, para aumentar nosso conhecimento ou para desenvolver nossas habilidades, pode estar mais concentrado nos domínios físico ou emocional. Somente algumas pessoas têm a predominância mental no processo de aprendizagem, dando ênfase à resolução de problemas, ao brainstorming e a outras atividades cognitivas.

O domínio emocional refere-se à forma como nos sentimos em termos psicológicos e fisiológicos. Dentre os fatores fisiológicos que influenciam nossos sentimentos devem ser considerados fatores internos que diminuem a nossa capacidade de aprender, como a fome, a sede, a fadiga e a doença; e fatores externos que envolvem preocupações com o conforto ambiental, como temperatura. Luminosidade, distrações, espaço físico adequado etc. Os fatores psicológicos que podem afetar nosso aprendizado também podem ser divididos em internos (estilo pessoal, motivação, vontade de assumir riscos, persistência etc.) e externos (o estilo pessoal de outras pessoas, situações estressantes na vida pessoal e profissional, apoio por parte dos demais etc.) (DEAQUINO, 2007, p.7).

2.2.2 Abordagens da Aprendizagem

Percebe-se que com o aumento da maturidade, acúmulo de experiência e, conseqüentemente, o desenvolvimento de uma postura mais crítica frente às situações, os indivíduos adultos sentem necessidade de participarem mais ativamente em seus processos de aprendizagem através de uma prática de ensino-aprendizagem mais ativa. Essa percepção por parte dos teóricos favoreceu a motivação para o estudo da aprendizagem em indivíduos adultos e assim acabou sendo criadas abordagens como a Andragogia (DEAQUINO, 2007).

Segundo o autor supracitado, a *Pedagogia* é a arte ou ciência de ensinar a crianças. Já a *Andragogia* é inicialmente definida como a arte e a ciência de ajudar os adultos a aprenderem. Esta abordagem apresenta-se como uma alternativa à

pedagogia pelo fato de o processo da aprendizagem estar centrado no indivíduo adulto e a responsabilidade pela aprendizagem ser compartilhada entre professor e aluno.

Kowles (*apud* DE AQUINO, 2007, p. 11) entende que a abordagem mais compatível com o ensino de adultos, é aquela que valorize uma forma mais ativa de lidar com as situações e demandas da vida madura, ou seja, que implique mais independência e responsabilidade pelo que o discente considera pertinente aprender.

Sobre esta afirmação de Kowles apresentada por DeAquino, quanto ao ensino de adultos, este remete-nos a situações ocorridas no Núcleo, durante as Oficinas de Renda e de Desenho da renda de Bilro. Todos os alunos eram adultos, e lidavam com o novo conhecimento - a aprendizagem da técnica de rendar com os bilros, de forma *seletiva*. Existiam alunas que escolhiam de acordo com suas afinidades e dificuldades o que iriam debruçar-se com mais afinco ou não. Porém esta característica foi observada no decorrer das aulas, quando as alunas já apresentavam mais intimidade com a técnica.

No caso do ensino tradicional da renda de bilro, (que será aprofundado no decorrer da pesquisa), que foi a forma como as rendeiras do núcleo aprendera, a cerca de 60 anos atrás. Este ensino é caracterizado pelo repasse da técnica entre gerações de rendeiras. Ele surgia mediante o interesse da criança, entre 07 a 10 anos, em aprender este ofício tão praticado outrora. A relação da rendeira mestra com as crianças definia a forma de transmissão deste ensino.

Basicamente o ensino se dava pela observação atenta da criança, enquanto a rendeira executava a produção de sua renda. A Rendeira então ensinava enquanto produzia (elas não se dedicava ao ensino), e por imitação a criança ia se familiarizando com os procedimentos. Iniciava-se uma relação de lazer e responsabilidade, pois ali surgia à profissionalização daquela criança. Muitos ensinamentos eram transmitidos pelas mestras rendeiras, que não se restringiam a técnica de trocar os bilros, como as antigas cantigas, histórias sobre a vila, sobre a forma de conservar, lavar, comercializar a renda. Desta forma a criança não tinha autonomia em escolher o que ela queria ou não fazer. Só depois de algum tempo na atividade, quando a aprendiz já era uma *rendeira completa* - rendava todo tipo de peça e motivos - era que de aprendiz tornava-se rendeira e assim, tinha sua autonomia adquirida para rendar da forma que queria e o que queria. Porém,

sempre conservando um grande respeito às rendeiras antigas e á sua larga experiência com a atividade.

Voltando a abordagem sobre a *Andragogia*, esta assume algumas características, como cita DeAquino (2007, p.12):

- Os aprendizes são independentes e autodirecionados;
- Os aprendizes são motivados de forma intrínseca (satisfação gerada pelo aprendizado);
- A aprendizagem é caracterizada por projetos inquisitivos, experimentação, estudos independentes;
- O ambiente de aprendizagem é mais informal e caracterizado pela equidade, respeito mútuo e cooperação;
- A aprendizagem deve ser baseada em experiências;
- As pessoas são centradas no desempenho em seus processos de aprendizagem.

2.2.3 A Educação Prática e Reflexiva

As dificuldades encontradas na execução das atividades desenvolvida pelos alunos desencadeiam diálogos entre os alunos e o instrutor acerca da situação de aprendizagem. O diálogo construído entre instrutor e alunos é denominado por Shön (2000, pp. 60-61) de conversação reflexiva:

inicia-se uma conversação reflexiva com a situação. [...] é provável que encontrem significados novos e inesperados nas mudanças produzidas por eles e redirecionem suas ações em resposta a tais descobertas, eles, instrutor e aluno, irão refletir-em-ação sobre a resposta dada pela situação.

A partir das explicações dos instrutores, os alunos reconstroem sua idéia do problema, e neste processo iniciam-se “[...] respostas à situação e resposta à resposta que constitui uma *conversação reflexiva* com os materiais de uma situação.” (Ibid., 2000, p.123).

Segundo Schön (2000, p. 25), deve-se criar um ambiente de risco relativamente baixo que propicie a “liberdade para aprender através do fazer. [...] com acesso a instrutores que iniciem os estudantes nas ‘tradições da vocação’ e os ajudem, através da ‘fala correta’, a ver por si próprios e á sua maneira o que eles mais precisam ver”.

Sobre as características do ensino prático, Schön (2000, p.40), diz que este, é conseguido por meio de uma “certa combinação do aprendizado do estudante pelo fazer suas interações com os instrutores e seus colegas e um processo mais difuso de “aprendizagem de fundo”.

Os estudantes, por sua vez, exercem de forma *simulada, parcial ou protegida*, o engajamento na prática que desejam aprender. Porém este exercício é feito sob a orientação de um profissional experiente, que por sua vez pode instruir seus aprendizes no sentido convencional, “comunicando informação, defendendo teorias, descrevendo exemplos de prática”. Contudo, a principal função deste instrutor será a de *demonstrar, aconselhar, questionar e criticar*” (SCHÖN, 2000, p.40).

Schön (2000, p. 25) refere-se ao **Ensino Prático reflexivo** para designar o “ensino prático voltado para ajudar os estudantes a adquirirem os tipos de talento artístico essenciais para a competência em zonas indeterminadas da prática”.

Este tipo de ensino permite processos de **reflexão-na-ação**, ou seja, a uma imediata significação da situação para a ação. “Na reflexão-na-ação, o repensar de algumas partes de nosso conhecer-na-ação leva a experimentos imediatos e a mais pensamentos que afetam o que fazemos” (SCHÖN, 2000, p.34) seja no caso concreto em que nos encontramos, seja em outros análogos.

As descrições do ato de **conhecer-na-ação** são sempre construções e tentativas de explicitar e simbolizar “um tipo de inteligência que começa por ser tácita e espontânea. [...] Porque o processo de *conhecer-na-ação* é dinâmico e os “fatos”, os “procedimentos” e as “teorias” são estáticos” (SCHÖN, 2000, p.31);

O processo de aprendizado construído na prática, no fazer, está pautado na observação de determinada atividade. Neste ponto, Schön (2000, p.31) acrescenta o seguinte: “[à]s vezes através da observação e da reflexão sobre nossas ações, fazemos uma descrição sobre o saber tácito que está implícito nelas”. Como se verifica no caso do aprendizado da renda de bilro, conforme abordado nesta pesquisa, aprendizado este que é focado essencialmente na prática e na observação dos procedimentos.

Segundo Schön (2000, p.151), “ao estudante, não se pode ensinar o que ele precisa saber, mas se pode instruir.” Ele tem que entender por si próprio e à sua maneira, as relações que existem entre meio, métodos empregados e resultados atingidos. O aluno “não poderá ver apenas ‘falando-se a ele, mesmo que o falar correto possa guiar e ajudá-lo a ver o que ele precisa ver” (SCHÖN, 2000, p.151).

Desta forma o autor destaca a importância da reflexão durante o fazer. “[...] *Nossa reflexão sobre nossa reflexão-na-ação passada pode conformar indiretamente nossa ação futura*” (SCHÖN, 2000, p.151). A reflexão no momento presente sobre a reflexão-na-ação passada, dá início a um diálogo *de pensar e fazer*. Através deste processo adquirem-se paulatinamente estratégias e habilidades para lidar com a situação de uma nova forma.

2.2.4 Zona de Desenvolvimento Proximal

Vygotsky (1998, pp.111-113), discutindo sobre o aprendizado na infância, define dois níveis de desenvolvimento mental, o desenvolvimento real e o proximal. Estes conceitos vêm embasar o processo de aprendizagem que se dá de geração à geração, em que a criança aprende vendo fazer e fazendo. Desta forma o desenvolvimento real é caracterizado por aquilo que a criança consegue fazer sem ajuda, conforme descrito:

o nível de desenvolvimento real de uma criança define funções que já amadureceram, ou seja, os produtos finais do desenvolvimento. Se uma criança pode fazer tal e tal coisa, independentemente, isso significa que as funções para tal e tal coisa já amadureceram nela. (p.111).

A zona de desenvolvimento proximal tem como característica aquilo que a criança⁹ faz com ajuda ou mediação de outro, como cita Vigotsky (1998, p.113):

⁹ O aprendizado da Renda de Bilro por tradição acontecia ainda na infância. Foi assim que as instrutoras das oficinas de renda e de desenho da renda de bilro e as rendeiras integrantes do Núcleo de Produção Artesanal Rendeiras da Vila, aprenderam, há cerca de 60 anos atrás.

A zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentes em estado embrionário [...] Assim, a zona de desenvolvimento proximal permite-nos delinear o futuro imediato da criança e seu estado dinâmico de desenvolvimento, propiciando o acesso não somente ao que já foi atingido através do desenvolvimento, como também aquilo que está em processo de maturação.

No trabalho de Vygotsky e no de seus seguidores, especialmente no de seus compatriotas Luria e Leontiev, encontra-se uma visão de desenvolvimento baseada na concepção de um organismo ativo, cujo pensamento é construído paulatinamente num ambiente que é histórico e, em essência, social. Nessa teoria é dado destaque às possibilidades que o indivíduo dispõe a partir do ambiente em que vive e que dizem respeito ao acesso que o ser humano tem a “instrumentos” físicos (como a enxada, a faca, etc.) e símbolos (como a cultura, valores, crenças, costumes, tradições), conhecimentos desenvolvidos em gerações precedentes (DAVIS, 1991, p.49).

Brandão (2006, p.20) destaca a importância do saber da comunidade, aquilo que todos conhecem de algum modo, o saber próprio de cada indivíduo sendo ele idoso, adulto, jovem ou criança, envolvem “situações pedagógicas interpessoais, familiares e comunitárias, onde ainda não surgiam técnicas pedagógicas”. Como no caso do artesão, do navegador, e outros tantos especialistas.

Segundo Brandão (2006, p.18), o saber flui quando as pessoas convivem umas com as outras, “pelos atos de quem sabe e faz para quem não sabe e aprende”. Ao iniciar o aprendizado da Renda de Bilro, a maioria das rendeiras observadas, iniciou a atividade aos sete anos de idade. Como no caso do aprendizado ainda na infância, “a criança vê, entende, imita, e aprende com a sabedoria que existe no próprio gesto de fazer a coisa” (BRANDÃO, 2006, p.19).

2.3 ARTESANATO DA RENDA DE BILRO: PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

O conceito de cultura é amplo, porém o conceito básico diz que se trata de tudo o que é produzido pelo ser humano. Congregam conhecimentos, costumes, herança cultural e tradição social (HOBSBAWM, 1984, p.10), expressa modo de vida, instituições, linguagem, e sentimentos. A cultura é recebida como uma herança dentro do grupo, expressa no seu modo de vida, suas instituições, sua linguagem, e seus sentimentos (CATENACCI, 2001). Cada um do grupo nasce e interage com os demais e assim passa a ser portador de uma cultura.

Ao falarmos de cultura, remetemo-nos ao nosso folclore, que em si é cultura mais antiga de que temos conhecimento, segundo Megale (1999, *passim*), antes mesmo que a ciência histórica existisse já os mitos, as lendas e o *artesanato*, eram transmitidos através das gerações desde os remotos tempos pré-históricos, principalmente por via oral.

2.3.1 Renda de Bilro Como Expressão do Artesanato

O Conselho Mundial do Artesanato define o artesanato como sendo “toda atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais, com habilidade, destreza, qualidade e criatividade” (BRASIL, 2008).

Desta forma, o artesanato configura-se como um elemento de grande expressão cultural¹⁰, e assim, cada região do país possui suas próprias características e influências, trazidas por seus respectivos colonizadores e repassadas por heranças familiares que se fundem em técnicas que são expressas em produtos diversos.

A renda está inserida no rol das expressões do artesanato e, segundo Nóbrega (2005, pp. 28-29), o surgimento da renda ocorre a partir das pesquisas

¹⁰ De acordo com o Sistema de Informações cadastrais do Artesanato Brasileiro (SICAB), publicado no diário Oficial, nº 192, de seis de outubro de 2010, no anexo do Art.1º, define-se o conceito de artesanato como: “toda a produção resultante da transformação de matérias- primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (possui valor simbólico e identidade cultural)”.

realizadas para a descoberta de novos pontos que comporiam os famosos livros de padrões de ponto de renda. Esses livros continham diversos desenhos desenvolvidos para ornamentar as vestes e eram editados na Itália durante todo o século XVI. O ponto chamado *punto in aere* (ponto no ar) é uma criação resultante destas pesquisas (RAMOS & RAMOS, 1948, pp. 14 -15).

O que diferenciava o “*punto in aere*” dos demais pontos era justamente o fato de não precisar de um tecido de base para ser executada. Esse fato possibilitou uma ruptura completa entre o bordado e a renda, que surge a partir desta descoberta. A renda, segundo Nóbrega (2005, p.32), “constitui-se em uma trama autoestruturada independente de um suporte, no caso, o tecido”.

As rendas se classificam em dois tipos principais: as confeccionadas com bilros (pedaços de madeiras em forma de fusos) e as com agulhas, e diferenciam-se pela técnica e instrumentos utilizados para se tecer a trama. Desta forma tem-se a Renda de Bilros e as rendas que utilizam agulhas como a Renda Renascença, o Filé e o Labirinto, e ainda os tipos mais populares que são o Tricô e o Crochê (NÓBREGA, 2005, p.36). A seguir apresenta-se ilustrado nas figuras 2 e 3 as rendeiras tecendo a renda de bilro e a renda renascença respectivamente.



Figura 2 - Renda de bilro sendo tecida por aluna do Núcleo Rendeiras da Vila/RN.

Fonte: Registrada pela autora.



Figura 3 - Renda Renascença sendo tecida.

Fonte: Nóbrega (2005)

As principais tipologias artesanais encontradas no Rio Grande do Norte, segundo o Sistema Nacional de Emprego (SINE-RN, 2010), são: os bordados, as rendas, cestarias, fibras e cerâmica. Os principais tipos de renda existentes são: renda de Bilro e renda Renascença. Os trabalhos de Renda de Bilro são encontrados na região litorânea do Rio Grande do Norte, nas cidades de Natal, Parnamirim e Nísia Floresta. A produção desta atividade é de execução manual, com o auxílio de almofadas, bilros, alfinetes e riscos criativos, produzindo peças de cama, mesa e vestuário (SINE-RN, 2010).

Segundo definição do (PAB/MDIC, 2010), a categoria de “mestre artesão” configura-se como:

[o] indivíduo que se notabilizou em seu ofício, legitimado pela comunidade que representa e/ou reconhecido pela academia, destacando-se através do repasse de conhecimentos fundamentais da sua atividade para novas gerações (PAB/MDIC, 2010).

A renda de bilro como um artesanato tradicional, carrega um grande valor cultural. De acordo com Lima (2005, p.15),

o artesanato tradicional tem como vantagem o seu valor cultural. E se isso, por um lado é vantagem, por outro é uma tremenda desvantagem. Vai exigir uma sensibilidade extrema para lidar com esse artesanato sem ferir os valores, os códigos de comportamento, os saberes, etc. que detém o portador desse saber, o artesão.

Pensar o artesanato a partir da sua inserção social nos modos de vida de quem os produz implica considerá-lo produto e processo. Essa dupla caracterização nos indica que devemos pensar o produto artesanal não apenas em sua forma, esses saberes condensam experiências coletivas e demarcam formas de transmissão do conhecimento técnico e estético.

Segundo Lima (2005, p.14), artesanato é o produto do fazer humano, onde a utilização de equipamentos e máquinas, quando ocorre, auxilia na concretização da vontade de seu criador, o artesão. Para elaborar o produto artesanal ele utiliza

basicamente as mãos, tendo assim total liberdade para definir o ritmo de produção, a tecnologia e a matéria-prima utilizada, fazendo uso da sua criatividade na idealização das formas que pretende dar ao objeto, produto de sua criação, de seu saber, de sua cultura.

A renda de bilro como um artesanato tradicional, carrega um grande valor cultural que decorre do fato de ser uma tipologia antiga, de acompanhar histórias e tradições passadas de geração em geração, de fazer parte dos usos e costumes de um determinado grupo e desta forma precisa ser caracterizado, em minúcias, para que ao se propor qualquer *transformação positiva do trabalho*, sejam respeitados os limites e o universo cultural do grupo.

2.3.2 A Renda de Bilro Como Patrimônio Cultural Imaterial

A Constituição de 1988 é categórica ao alargar as fronteiras com o termo “patrimônio cultural” em detrimento de “patrimônio histórico e artístico”, significando o conjunto dos bens materiais e imateriais - estes que incluem valores, tradições e costumes herdados do passado histórico - (SEITI, 2008, p.06). Macedo (2006, p.6), refere-se ao patrimônio imaterial da seguinte maneira:

trata-se das nossas heranças que não podem ser tocadas (daí, também, ser chamado de patrimônio intangível), mas, que se sente com o coração, que se imaginam, que se encontram no imaginário das pessoas. Essas manifestações imateriais, todavia, só conseguem ser compreendidas pelas pessoas se tivermos uma representação material delas.

Num grande passo para a preservação da cultura, o Governo Federal¹¹ efetivamente criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI), criado, a fim de salvaguardar o patrimônio imaterial. O decreto instituído pelo (PNPI), declara “quais os livros de registro de manifestações do patrimônio imaterial, que são os eixos temáticos adotados pela Fundação José Augusto para o mapeamento a ser

¹¹ No art. 216, através do decreto 3.551/2000.

feito no Rio Grande do Norte” (MACEDO, 2006, p.07). Os benefícios de um determinado reconhecimento das manifestações culturais sob a tutela do patrimônio imaterial são imensuráveis.

Um produto artesanal, ao ser criado, traz consigo vários ritos e processos entre o artesão e seu produto, fazendo surgir uma relação de identidade. Fazendo um comparativo, o produto artesanal é como a impressão digital do ser humano, cada pessoa possui a sua, e nenhuma é igual à outra, há desta forma a criação de um produto com características únicas. Segundo Lima (2005 pp.15 -17),

o artesanato não é produto de máquina, sendo manual, ele é irregular, perfeitamente irregular. [...] o artesanato não pode ser tratado como mera mercadoria, pois ele traz embutido em si, valores, crenças e culturas.

No Brasil, o artesanato está intimamente ligado à cultura popular de diversos estados, sofrendo algumas variações regionais. Por exemplo, somente no estado do Rio Grande do Norte registram-se mais de dez tipos diferentes de artesanato (BARROS, 2009, p. 20).

2.3.3 Tradição no Artesanato da Renda de Bilro

Tendo-se em vista que a técnica e o feitiço da Renda são repassados de forma tradicional, por via oral, de geração a geração, cumpre aqui discutir os conceitos de “tradição”.

Segundo Bezerra (2007, p.18), “a tradição é construída a partir do processo contínuo de transformações que nos são repassadas ao longo de gerações, enquanto, ao mesmo tempo, o reelaboramos.”

Esta característica geracional e a possibilidade de reelaboração ou reconfiguração da tradição também é discutido por Schwartz (2007, pp.88-89), conforme podemos conferir a seguir:

[...] se nos inscrevemos numa tradição, nós fazemos o que as pessoas fizeram antes de nós. Uma tradição é também algo muito estável. Ora nós podemos pegar vários exemplos, seja no taylorismo, numa indústria de processo, nos serviços. Cada vez que há protocolos de base técnica bem estabelecidos, o fato de que há um modo operatório a inventar localmente – há inevitavelmente qualquer coisa que é da ordem da reinvenção local- isto recria ou cria laços entre parceiros, os protagonistas que devem operar estes princípios, laços novos que, de uma certa maneira, reconfiguram a tradição. Se temos uma organização que funciona bem e na qual introduzimos novos princípios técnicos, forçosamente isto vai criar laços, interseções, novas configurações: algo como novas tradições.[...] se a tomamos muito ao pé da letra, se nós não a retrabalhamos um pouco, recairemos na idéia segundo a qual trabalhamos se faz sem você: não fazemos nada mais que seguir uma tradição. E vamos perder o que eu chamo de “dramáticas do uso de si no trabalho”, tudo aquilo que é a confrontação em um momento particular, no qual tentamos encontrar uma solução, com toda a nossa história. Ou seja, nós colocamos o dedo naquilo que eu designo através de um termo um pouco bárbaro: “entidades coletivas”. A cada vez que há um novo princípio técnico a empregar, criam-se entidades coletivas para os operar que jamais recobrem exatamente aquelas que tínhamos previsto de maneira dedutiva. É o que eu chamo “entidades coletivas relativamente pertinentes”. E é isto que resulta no ato eficaz de uma tradição. Eu não digo que ela quebra esta tradição, mas ele a reconfigura.

É importante ressaltar que tradição não é sinônimo de evolução. Não há necessariamente uma progressão linear desde o passado até os dias de hoje. O antigo não é necessariamente nem melhor nem pior do que o moderno. Saber dar o devido valor ao que é tradicional significa permitir que se conheça um pouco mais de quem somos e aprender a valorizar a nossa cultura. Como relata Cancline (2008, p. 22):

hoje existe uma visão mais complexa sobre as relações entre tradição e modernidade. O culto tradicional não é apagado pela industrialização dos bens simbólicos. Do lado popular, é necessário preocupar-se menos com o que se extingue do que com o que se transforma. Nunca houve tantos artesãos, nem músicos populares, nem semelhante difusão do folclore, porque seus produtos mantêm funções tradicionais (dar trabalho aos indígenas e camponeses) e desenvolvem outras modernas: atraem turistas e consumidores urbanos que encontram nos bens folclóricos signos de distinção, referências personalizadas que os bens industriais não oferecem.

A transmissão do saber é primordialmente feita por via oral, conforme comenta Nunes, professora da PUC de São Paulo, em entrevista a Galli (2006, p.18). Para Seiti (2008, p.5),

tradição e transmissão de conhecimentos são fontes essenciais para a continuidade das diversas manifestações culturais intangíveis, peças fundamentais para a construção da chamada 'consciência nacional' [...] No entanto, preservar uma manifestação cultural não é tarefa das mais simples.¹²

Segundo Manzatti (*apud* SEITI, 2008, p.5), diversos obstáculos relacionados a variáveis socioeconômicas atrapalham a dinâmica de algumas expressões culturais. Outro problema em relação à continuidade das manifestações intangíveis está ligado aos próprios praticantes. “Hoje, os mais jovens se interessam por coisas com mais apelo na mídia, mais glamour” (MANZATTI *apud* SEITI. p.5).

Segundo Leite (2005, p.30), o artesanato tradicional “expressa uma dimensão antropológica ao correlacionar formas de pensar e modos de fazer”. O autor destaca ainda a importante característica da produção artesanal de base familiar, que é,

o conhecimento integral do ofício. [...] Não existia separação entre saber e fazer, entre concepção e execução, o artesão não apenas se reconhece no produto social do seu trabalho”, mas pode ter acesso a ele (LEITE, 2005, p.36).

Conforme verificou Barros (2008, p.85), as rendeiras do Núcleo de Produção Artesanal Rendeiras da Vila de Ponta Negra, não sabiam desenhar os motivos da renda e, desta forma, passaram a depender de outras pessoas para desenhar para elas. Na maioria das vezes, também dependiam de terceiros para criar novos desenhos. Assim, o processo completo de produção da renda foi fragmentado e as

¹² Um outro bom exemplo dessa transmissão oral, mencionado por Seiti (2008, p.05), é o dos escravos do Sudeste brasileiro nas lavouras de café e de cana-de-açúcar que, ao se servirem de recitações de versos metafóricos, acompanhados de danças e música, conseguiam comunicar-se uns com os outros, sem a interferência ou sequer o entendimento dos senhores. Afirma ainda que, séculos depois, “a riqueza de metáforas e significados do jogo ainda sobrevive, [...], porque o conhecimento foi transmitido na prática, de geração para geração”.

rendeiras do núcleo perderam o domínio integral do ofício, colocando em risco a tradição e a preservação do artesanato da renda de bilro nesta comunidade.

2.3.4 Renda de Bilro e Suas “Pegadas”

A Renda de Bilro, pela definição de Magué (*apud* RAMOS & RAMOS, 1948, p.14), resulta numa “obra na qual um fio, conduzido por uma agulha, ou vários fios, trançados por meio de bilros, engendram um tecido e produzem combinações de linhas análogas às que o desenhista obtém com o lápis”.



Figura 4 - Artesã em atividade, tecendo a renda de bilro.

Fonte: Registrada pela autora.

Também chamada de Renda da Terra, Renda de Almofada, ou Renda de Birro, sua caracterização se dá por ser esta, “tecida com bilros, tendo como base um papelão picado, também chamado ‘pique’, afixado numa almofada cilíndrica por meio de alfinetes ou espinhos”, resultando em geral, em produtos do vestuário (MAIA, 1980, p.27-8).

Segundo relatos de Ramos & Ramos (1948, p.20), a Renda de Bilros parece ter surgido na Itália, em 1493, conforme registro no documento de partilha de herança entre duas irmãs italianas (referência histórica mais antiga que se conhece sobre rendas de bilro), difundindo-se pelos países vizinhos.

2.3.4.1 A Renda de Bilro em Portugal

Nos séculos XVI e XVII, a renda de bilro atinge seu ápice em Portugal, influenciado pelas viagens marítimas do ciclo dos descobrimentos (RAMOS & RAMOS 1948, p. 28-29). As Grandes Navegações puseram os lusitanos em contato com vários povos orientais, que exerceram claras influências na arte do continente.

[...] a arte da renda por muito tempo em Portugal só foi praticada nos conventos, e sua utilidade praticamente única era a ornamentação de igrejas e das vestes eclesiásticas” (RAMOS & RAMOS, 1948, p.29).

Na região de Peniche em Portugal, desde o século XVII há referências à arte das rendas de bilro, e devido à qualidade e originalidade das rendas da região em meados do século XIX época de seu apogeu artístico, existia em Peniche quase mil rendeiras (PENICHE, 2009).

No ano de 1887 surgiram centros e escolas de ensino técnico como a escola industrial ‘D. Maria Pia’, em Peniche e a escola Industrial de Rendeiras Baltazar do Couto, em Vila do Conde (RAMOS & RAMOS, 1948, p.31). A seguir ilustra-se na figura 05, um grupo de alunas (de várias idades), numa das oficinas de rendas em Peniche.



Figura 5 - Oficina de Renda de Bilro - Século XIX

Fonte: Peniche (2010).

Segundo relatos de Ramos & Ramos (1948, p.31), esta arte em Portugal também seguia uma tradição na transmissão dos conhecimentos e no processo de aprendizagem:

as rendas de Bilros tradicionais portuguesas constituem a indústria caseira das mulheres das classes pobres, geralmente da orla marítima. Em todas as povoações de pescadores fabricam-se rendas de onde o aforismo 'onde há redes, há rendas'. Essa arte é transmitida de geração a geração entre as mulheres das classes pobres, embora tenha havido fases em que as moças da alta sociedade aprenderam a fazer a arte nos conventos (RAMOS & RAMOS, 1948, p.31).

Em Peniche, as rendas de bilro eram classificadas em *eruditas e populares*, cujas diferenças são encontradas essencialmente no desenho dos padrões: as primeiras com desenhos muito elaborados, de motivos muito complexos e não repetitivos, exigindo a utilização de pontos muito variados; e a segunda, de desenho mais elementar, cujo motivo é, normalmente, repetitivo, com utilização de pontos mais tradicionais e de execução mais simples.

Calvet de Magalhães *apud* Ramos & Ramos (1948, p.31) explica as quatro categorias de profissão na indústria doméstica das rendas portuguesas: os fabricantes, os rendeiros, os vendedores e as picadeiras:

- **O Fabricante:** é o sujeito que faz a renda, isto é a rendeira, rendilheira ou feitoreira;
- **Rendeiro:** é um homem ou mulher que negocia a renda e faz adiantamento de capital às fabricantes, recebendo em paga as rendas que são produzidas.
- **Vendedores:** são homens ou mulheres que recebem dos rendeiros as rendas, auferindo comissão na venda. Vão vendê-las em geral nas zonas turísticas, por alturas dos banhos, em localidades como Caldas da Rainha, Figueira da Foz, Praia de Nazaré, Foz do Douro e, em Lisboa e Porto em qualquer época do ano.
- **Picadeiras:** são as mulheres que fazem o cartão e o pintam de cor de açafião, riscam o desenho e picam e perfuram os piques ou moldes de renda.

Segundo Ramos & Ramos (1948, p.30), a renda do tipo *guipure* era uma renda branca, grossa, com desenhos de grande efeito, começou a ser confeccionada em Lisboa e nos seus arredores e exportada para o Brasil com a colonização portuguesa.



Figura 6 - Exemplo de renda do tipo *guipure*.

Fonte: Renata Batata (2010).

2.3.4.2 A Renda de Bilro no Brasil

De acordo com pesquisas realizadas por Ramos & Ramos (1948, p.35), há poucas referências de autores estrangeiros sobre as rendas de bilro produzidas no Brasil. Porém, sabe-se que a Renda de Bilro chegou ao Brasil através dos portugueses e que esta arte se degradou no feitio de tipos mais grosseiros de renda que lembram o *point de Diepper* e os *points torchons*, que são duas variedades do ponto popularmente chamado entre nós de coentro.

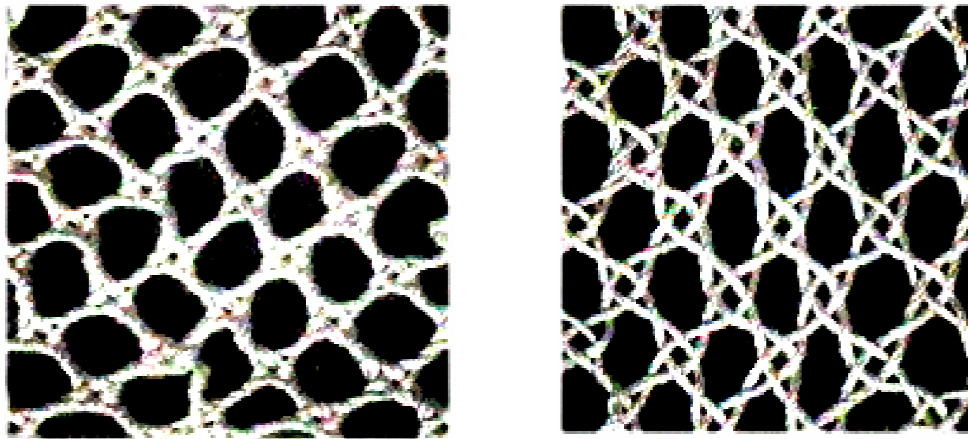


Figura 7 - Exemplos dos *points de Diepper* e os *points torchons*, respectivamente.

Fonte: Paternoster (2010).

A renda de Bilro chegou inicialmente no Brasil, através de Portugal, segundo relatos de Cascudo (1969, p.777):

as nossas rendas vieram de Portugal, que as recebera de Flandres, da França e da Itália, centros já notáveis desde meados e fins do século XV. Vemos, nas gravuras do Brasil holandês, o gosto pelas rendas nos trajes femininos e masculinos. É uma indústria particularmente litorânea, em Portugal, na Espanha e no Brasil.

O Nordeste é a principal região do Brasil onde são encontradas as Rendas de Bilro, segundo Ramos & Ramos, (1948, p.37),

com focos de maior intensidade no Ceará, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Maranhão, seguindo-se a região leste, com focos em Sergipe, Bahia, e estado do Rio, vindo depois a região sul, com foco em Santa Catarina, e por fim a região norte, com foco no Pará. Outros pontos do país também conhecem a renda de bilros, mas parece que sua concentração maior é na área costeira, nas margens dos rios da vertente oriental do país, nas regiões baixas das áreas culturalmente pobres, de pescadores (RAMOS & RAMOS, 1948, p.37).

Cascudo (1969, p.777) se refere à renda de Bilro como uma atividade tradicional, guardada de segredos, praticada inicialmente por grupo seletivo de mulheres da sociedade, popularizando-se depois:

labor secular de freiras e de fidalgas, depois popularizado, determinando centros de atividade coletiva, como nas nossas praias e em Portugal. Sabemos que a renda é trabalhada em todas as classes sociais pelas mãos ricas e pobres da moça brasileira. Certas famílias possuem o segredo de motivos impressionantes, não dando divulgação aos papelões, que são os moldes seguidos.

A Renda de Bilro é praticada hoje por mulheres de classe popular na Vila de Ponta Negra de Natal - RN, que se reúnem diariamente no Núcleo de Rendeiras, assunto sobre o qual passaremos a tratar agora.

CAPÍTULO 3

[NÚCLEO DE RENDEIRAS DA VILA DE PONTA NEGRA]

Diante das modificações ocorridas no processo de modernização, que trouxe aspectos positivos e negativos à Vila de Ponta Negra, uma das antigas rendeiras, D. Acácia, que vivenciou a época áurea da renda de bilro na Vila de Ponta Negra, teve a iniciativa de fundar o Núcleo de Produção Artesanal Rendeiras da Vila, a fim e tentar resgatar a tradição e reativar o fluxo de vendas da renda realizada naquela época.



Figura 08 - Localização do Núcleo de Produção Artesanal Rendeiras da Vila.

Fonte: Registradas por Barros (2009).

O Núcleo de Produção Artesanal Rendeiras da Vila (figura 08) está localizado na Vila de Ponta Negra, no espaço anexo à casa da artesã fundadora, uma das antigas rendeiras da localidade. Anteriormente, neste espaço, funcionou um restaurante da família de D. Acácia, após a mudança do estabelecimento para um quiosque na praia, permaneceram funcionando para o quiosque apenas a cozinha e o local de estoque, que é utilizado para armazenar as bebidas e as peças de renda produzidas pelo grupo de rendeiras.

O Núcleo de Produção Artesanal Rendeiras da Vila de Ponta Negra vem se caracterizando, ao longo dos anos, como um espaço de produção informal. Inicialmente, funcionava com quinze artesãs efetivas, porém, nos doze anos de existência, problemas de ordem pessoal, falecimentos, além dos problemas gerados pela desvalorização do trabalho artesanal, foram reduzindo este número de participantes e, hoje, apenas quatro rendeiras são efetivas, as quais continuam frequentando o espaço de segunda a sexta-feira, das 13hs às 17hs.

Além destas quatro, cinco rendeiras frequentam o local, participando da dinâmica de funcionamento, porém sem o compromisso da jornada diária de produção. Como se verifica no quadro a seguir:

POPULAÇÃO DE RENDEIRAS QUE COMPÕE O NÚCLEO DE PRODUÇÃO ARTESANAL RENDEIRAS DA VILA DE PONTA NEGRA				
RENDEIRAS FIXAS DO NÚCLEO				
NOME	IDADE	TEMPO NA PROFISSÃO	OBSERVAÇÃO	IDADE QUE APRENDEU A RENDAR
1 - D. Acácia	76 anos	69 anos	Fundadora do Núcleo, Instrutora da Oficina de Renda de Bilro e Aluna-instrutora da Oficina de desenho da Renda.	7 anos
2 - D. Narcisa	75anos			7 anos
3 - D. Hera	72 anos	65 anos	Ela é surda-muda, porém bastante comunicativa gestualmente. É irmã de D. Narcisa.	7 anos
4-D. Begónia	65 anos	58 anos	É proprietária de um quiosque na praia e eventualmente falta alguns dias da semana no Núcleo, por estar bastante atarefada em seu comércio.	7 anos
RENDEIRAS COLABORADORAS DO NÚCLEO				
1- D. Camélia	64 anos	10 anos	Desenha para o Núcleo	54 anos

			voluntariamente. Sugeriu modificações no método de ensino para a oficina de Renda de Bilro (desenhou todos os exercícios aplicados na oficina voluntariamente) e foi Instrutora da Oficina de Renda de bilro.	
2- D. Hortênsia	69 anos	62 anos	Instrutora da Oficina de Renda de Bilro e da segunda etapa(quando as aluans estavam rendando os desenhos que haviam criado) da oficina de desenho da renda de bilro.	07 anos
3 - D. Dália	51 anos	41 anos	Renda em casa e esporadicamente aparece no núcleo para deixar as suas peças de renda, receber o pagamento das rendas vendidas, e as vezes fica rendando no núcleo, porém é raro isso acontecer.	10 anos
4- D. Azálea	62 anos	09 anos	Frequenta o Núcleo esporadicamente, tem períodos que comparece regularmente e outros que renda em casa.	53 anos
5 - D. Orquídea	71	61 anos	Frequenta o Núcleo esporadicamente, e é uma experiente rendeira.	10 anos

Quadro 3 - População de rendeiras que compõe o Núcleo de Produção Artesanal Rendeiras da Vila.

Fonte: Elaborado pela autora

Por causa dessa diminuição do efetivo e pelo desinteresse da nova geração da Vila quanto à atividade, D. Acácia declarou não estar otimista em relação ao futuro do núcleo: “Minha filha, vocês aproveitem enquanto eu ainda tou viva, pois depois que eu for, as rendeiras não vão continuar, não¹³”. A sua opinião não parece

¹³ Verbalização espontânea proferida pela rendeira Vó Maria, no dia 06 de novembro de 2009.

ter melhorado desde aquela que expressara em entrevista anterior, durante outra ação do GREPE (2006), quando declarou:

eu tenho assim pra mim, que a renda... eu tenho pra mim que [se] eu sair daqui pra outro mundo, aqui se acaba. Porque olhe, eu passei dez dias em João pessoa, aqui não vem ninguém [das rendeiras]. E elas dizem mesmo: “Eu não venho. A senhora não tá, eu não venho”.

O Núcleo está localizado próximo a um terminal de ônibus, de tal forma que ocorre um grande fluxo de pessoas transitando durante todo o turno de trabalho das rendeiras, ocasionando um intenso ruído, gerando dificuldade de comunicação entre as rendeiras em alguns momentos.

Quanto ao espaço físico, o Núcleo possui piso em cerâmica, paredes com acabamento rústico, teto de telhas que constantemente deixam passar infiltração da água da chuva, molhando por vezes as almofadas onde são produzidas as rendas de bilro. A porta de entrada do núcleo é feita de ripas de madeira, assim como toda a parte frontal do local, que é fechado apenas por uma corrente e um cadeado.

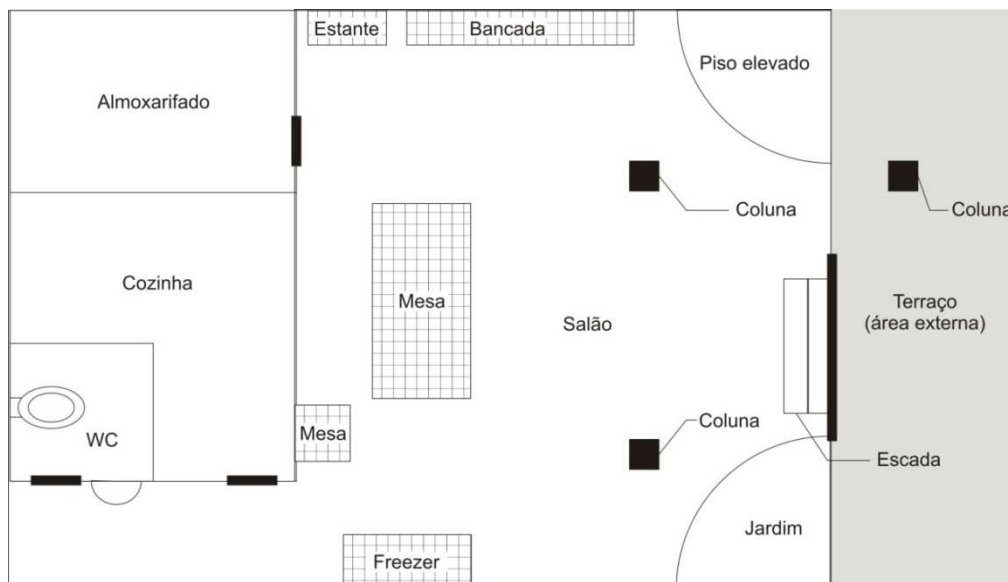


Gráfico 3 - Planta baixa do Núcleo de Produção Artesanal Rendeiras da Vila de Ponta Negra.

Fonte: Elaborado por Juliana Almeida (2010).

O ambiente possui pouca iluminação (figuras, 09, 10 e 11), advinda através da luz natural que entra por meio das ripas de madeira das paredes e portas frontais e pela luz artificial das duas lâmpadas fluorescentes, que não iluminam o ambiente completamente nem de forma satisfatória. Estas lâmpadas são ligadas a partir das 16h, quando o ambiente já começa a ficar escuro, dificultando, a acuidade visual.



Figura 09 - Vista interna do Núcleo.

Fonte: Registrada pela autora.



Figuras 10 e 11 - Vista interna do Núcleo, mostrando a iluminação.

Fonte: Registradas pela autora.

O Núcleo também possui uma mesa grande de madeira, próxima à cozinha e dispõe de várias cadeiras pertencentes à Igreja da Vila, localizada em frente ao Núcleo, que, por motivos de uma reforma interna da paróquia, foram temporariamente emprestadas às rendeiras. Os únicos mobiliários existentes eram estas cadeiras feitas de madeira maciça, uma mesa de madeira, uma estante de ferro próxima ao depósito e uma porta de madeira doada pela igreja, que foi posta em cima de várias cadeiras empilhadas, formando uma espécie de bancada, servindo como mesa de apoio.

Com recursos recebidos pelo GREPE (Grupo de extensão e pesquisa em Ergonomia), foi fornecido como doação ao Núcleo um total de quinze cadeiras acolchoadas para melhorar o conforto do posto de trabalho, assim como quinze cavaletes¹⁴ de altura mais condizente com a das cadeiras. Todas as cadeiras e cavaletes foram aprovados previamente pelas rendeiras quando os experimentaram. Apesar de ainda haver alguns outros problemas encontrados nesse espaço, ele vem suprimindo as necessidades das rendeiras e permitindo que ocorra a reunião do grupo e a produção da Renda de Bilro com o pessoal do Núcleo.



Figura 12 - Novos cavaletes chegando ao núcleo.

Fonte: Registrada pela autora.

¹⁴ Os cavaletes foram entregues pelo marceneiro (Casado com a rendeira D. Hortência), ao Núcleo das rendeiras no dia 17 de novembro de 2009.

Embora o Núcleo não esteja configurado nos moldes de cooperativa formal, observa-se que as rendeiras trabalham unidas (cinco artesãs) e adotam muitas das características do modo de produção artesanal cooperativo informal (BARROS, 2009, p. 54).

Dentre as características deste modo de produção observadas no Núcleo, podemos destacar as seguintes (BARROS, 2009, p. 55):

- Existência de um local próprio para o trabalho em conjunto;
- Existência de liderança responsável pela manutenção e organização do espaço, além da compra de matéria-prima;
- Horário e dias de funcionamento pré-determinados;
- Divisão de matéria-prima realizada de forma coletiva;
- Trabalho coletivo quando se produz uma peça de grandes proporções ou quando surgem grandes encomendas;
- Definição de valores fixos para vendas das peças;
- Cooperação entre as artesãs mais experientes às artesãs menos experientes, gerando transferência de conhecimentos e discussões coletivas acerca das técnicas do rendar, principalmente no início da confecção de um novo produto;
- Domínio total sobre o produto em virtude de poderem escolher o que produzir o tipo de desenho, as cores, o modelo, etc, e domínio parcial sobre o processo, visto que muitas das rendeiras não desenham mais, etapa fundamental do processo de confecção da renda e que foi sendo perdido por muitas rendeiras ao longo dos anos.

Ainda segundo o autor (*ibidem*), as artesãs trabalhando em conjunto, “aceitam melhor novos desafios, pois no surgimento de dificuldades e dúvidas há a possibilidade de troca de conhecimentos e orientações sobre como melhor fazer determinado trabalho”, aumentando o entrosamento e fortalecendo a confiança entre elas, como também favorece “o aprendizado de peças mais complexas e de maior porte”. Assim, elas organizam melhor o seu tempo e podem dedicar-se com mais afinco à atividade, tendo em vista a possibilidade de discussão entre elas, quando do surgimento de dúvidas e dificuldades, estabelecendo padrões mais altos de qualidade, rotinas de trabalho mais adequada e uma convivência mais saudável; o que promove a demanda de encomendas e aumenta a produção e a variedade de produtos (SALDANHA, 2007).

No Núcleo, cada rendeira possui sua própria almofada, e algumas possuem outra em sua residência. As linhas e alfinetes são comprados em conjunto a partir da

verificação do estoque e da necessidade do grupo, e os demais materiais e ferramentas são comprados individualmente, podendo ser compartilhados em caso de necessidade. As rendeiras que trabalham em suas residências são responsáveis pela compra de seus materiais.

Há várias vantagens neste modo de trabalho adotado pelas rendeiras, de forma que as rendeiras, por estarem unidas no trabalho, impulsionam umas às outras, dando estímulo, dividindo cantigas e conversas sobre o cotidiano. Com este tipo de fortalecimento das relações sociais no grupo, as dificuldades enfrentadas tornam-se menores.

Diante destas considerações, as rendeiras relacionam o trabalho que executam de uma forma afetuosa, de forma que o trabalho torna-se não só um meio de se obter remuneração mais também de conseguir algumas horas de relaxamento, devido ao prazer que elas relatam sentir ao render e das relações, como se depreende, por exemplo, da fala de D. Acácia:

faço por amor. Eu já tive uma entrevista numa escola, e a mulher perguntou se eu tinha amor ao meu trabalho: adoro fazer meu trabalho e vou morrer trabalhando. [...] Não, que dê, que não dê [dinheiro], eu gosto de trabalhar¹⁵.

A maioria das rendeiras do Núcleo tem mais de 60 anos. O tempo de dedicação à atividade de render e o vínculo afetivo desenvolvido pelas antigas rendeiras com a renda fizeram com que elas não parassem de frequentar o Núcleo. Duas preocupações, no entanto, tomaram lugar no Núcleo: o repasse da técnica de render não vinha atraindo novos aprendizes e não se percebia na nova geração de rendeiras o mesmo vínculo afetivo exercido com a renda pelas antigas rendeiras.

3.1 A CONFECÇÃO DA RENDA DE BILRO

As rendeiras alagoanas chamam de “sentar (assentar) a renda” (RAMOS & RAMOS, 1948, p.53) ao procedimento de montagem do *cartão de pique* na

¹⁵ Fala retirada da transcrição de entrevista realizada pelo grupo GREPE 2006 -2008, em 30 de novembro de 2006.

almofada, enchimento dos bilros e fixação das linhas nos alfinetes para o início do trabalho. Esta mesma designação foi encontrada também no Núcleo de Rendeiras de Bilro da Vila de Ponta Negra - RN. A figura 13, a seguir, ilustra as partes que compõem o bilro:

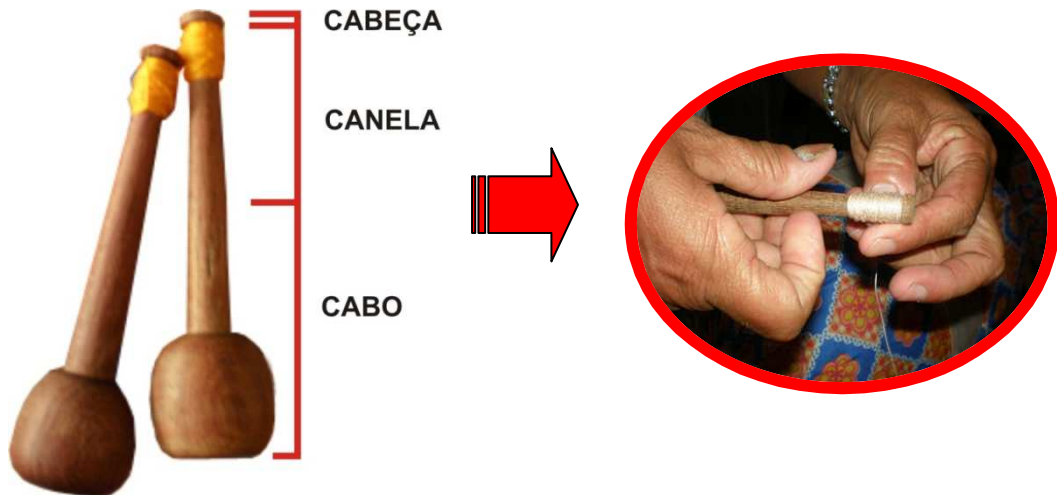


Figura 13 - Descrição das partes que compõem o bilro com detalhe da linha sendo enrolada na “canela” do bilro.

Fonte: Elaborada / registrada pela autora.

A linha de rendar é presa e enrolada, a partir de uma de suas pontas, na parte média das “canelas” do par de bilros. Para executar a renda, a linha de cada par de bilros é fixada na almofada por um alfinete, no início do *pique* ou molde (RAMOS & RAMOS, 1948, p. 53) (Figura 14).

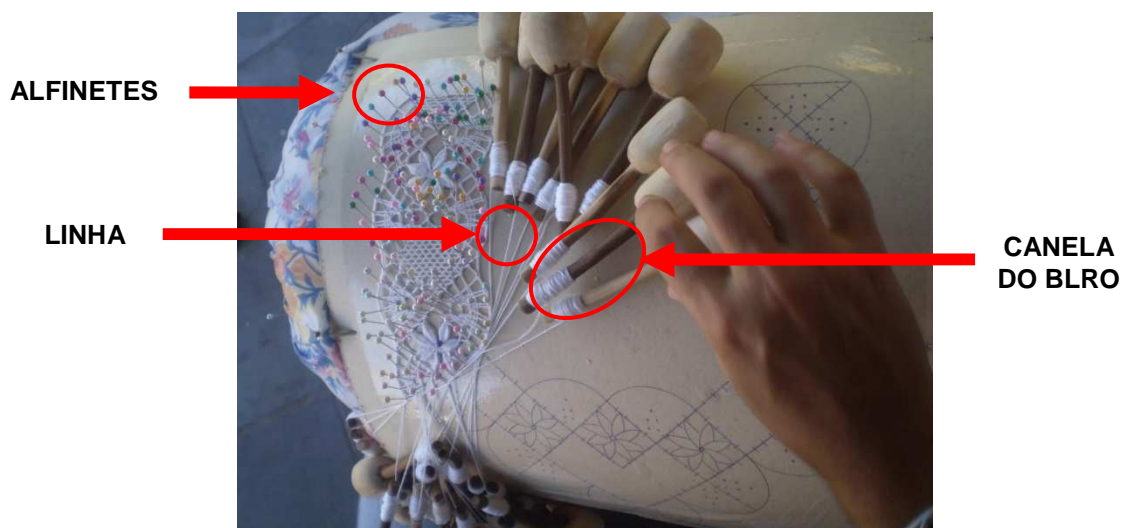


Figura 14 - Rendeira “sentando” a renda.

Fonte: Registrada pela autora.

Em seguida, inicia-se o processo de “trocar” os pares de bilros entre as mãos, entrecruzando dois pares de bilros, de acordo com as indicações contidas no cartão de pique, que sinaliza o tipo de operação a executar como: cruzar, torcer, trançar, para a feitura dos pontos iniciais. (Id, p.53). Ver figura 15 a seguir:



Figura15 - Bilro sendo “trocado”.

Fonte: Registrada por Cristiana Dias

Ao final da trama tem-se o produto finalizado, a etapa que se segue é a do fechamento da trama, dando-se os nós necessários. Cortam-se as linhas que estão ligadas pelos pares de bilro e em seguida tiram-se os alfinetes que prendem a trama ao desenho.

Se o produto acabado for, por exemplo, um vestido, saia, ou blusa, estes são confeccionados em partes a partir de um único molde. No caso de uma blusa, esta é confeccionada em oito partes. Na Figura 16 está ilustrado o processo de confecção de uma blusa, partindo-se de um único molde (A), confeccionam-se quatro partes (A1, A2, A3, A4), para formar a frente da blusa. Em seguida, confeccionam-se mais quatro partes (A5, A6, A7, A8), para formar as costas da blusa. O passo seguinte é a união das partes, (A1, A2, A3, A4, A5, A6, A7, A8), costuradas a mão, para se ter a blusa pronta. A seguir ilustram-se as etapas para confecção de uma blusa (figura16):

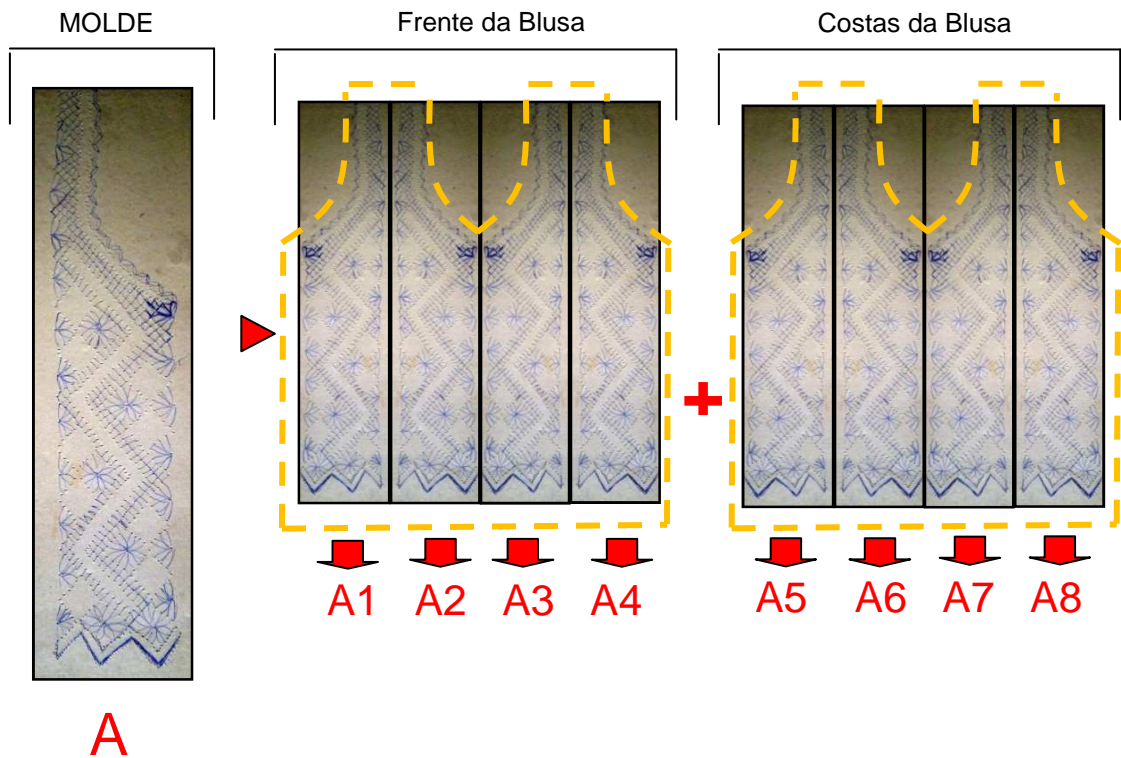


Figura 16 - Processo de confecção das partes para montar uma blusa.

Fonte: Adaptada e registrada por Kleber Barros (2009).

A figura 17, a seguir, ilustra a Rendeira D. Acácia costurando a mão duas das oito partes da blusa.



Figura 17 - As partes que comporão a blusa, sendo costurada a mão pela Rendeira.

Fonte: Adaptada de Barros (2009).

Em seguida tem-se o produto acabado, como ilustra a figura 18.



Figura 18 - Produto acabado: blusa

Fonte: Barros (2009).

As rendas são confeccionadas no próprio Núcleo de Produção Artesanal Rendeiras da Vila de Ponta Negra. Depois que a renda está devidamente finalizada, inicia-se a etapa da comercialização, que ocorre no próprio Núcleo, quando aparece alguém interessado na compra, ou nas Feiras que acontecem em algumas épocas do ano na Cidade de Natal, como é o caso da Feira Internacional de Artesanato-FIART, que ocorre no mês de Janeiro, e no estado da Paraíba (João Pessoa).

A figura 19 mostra a rendeira D. Acácia comercializando na FIART¹⁶ a Renda confeccionada no Núcleo. A figura 20 mostra as rendeiras do Núcleo produzindo suas rendas no Congresso SBPC¹⁷, na frente do estande disponibilizado por este evento para a exposição e comercialização das rendas.

¹⁶ Foto retirada no dia 23 de janeiro de 2009 no centro de convenções de Natal- RN. Local onde se realiza a FIART - Feira Internacional de Artesanato.

¹⁷ 62^a Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), ocorrida no período de 25 a 30 de julho de 2010 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Natal/RN. --



Figura 19 - D. Acácia comercializando as rendas na FIART com sua filha.

Fonte: Registrada pela autora.


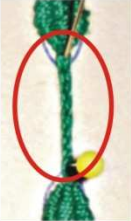
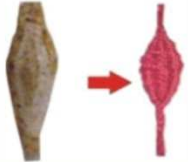



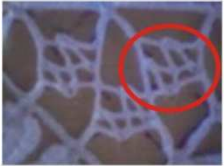


Figura 20 - Rendeiras do Núcleo confeccionando e expondo suas rendas no Congresso SBPC/UFRN.

Fonte: Registrada pela autora.

3.2 TIPOS DE PONTOS DA RENDA DE BILRO

Segundo descrição de Ramos & Ramos (Id, p.53), a “torção simples” e a “trança” são considerados “pontos” iniciais, pois deles originam-se todos os outros, como a “traça” e o “cordão” e assim formam-se os desenhos das rendas denominados de *padrões*. Podemos observar a designação dos pontos da renda segundo pesquisa de Ramos & Ramos (op.cit., pp.54-55), no quadro abaixo (quadro 02):

PONTO	DESCRIÇÃO	ESTADO	CURIOSIDADES	REPRESENTAÇÃO
1 - Torção	*Torção simples dos fios, um enrolando por sobre o outro. (Ponto inicial)	*Mesma denominação entre os estados.		
2 - Trança	*Ponto composto de quatro fios, entrançados e que constitui o elemento básico de desenhos posteriores.	*Alagoas, Ceará, Sergipe, Paraíba, Pernambuco. (mesmo nome)	*Portugal = Trança *França= Tresse *Itália= Treccia semplice	
3 - Traça	*É um nome muito difundido.	*Alagoas, Ceará, Paraíba = Traça *Ceará = batatinha; *Sergipe = Palma; *R. J (campos) = matachinha ou bananinha; *Santa Catarina = bananinha.	* O nome vem da analogia ao inseto <i>traça</i> .	Inseto Ponto 
4 - Pano	*Quando os fios se entrelaçam para formar um verdadeiro tecido. *Há duas variedades o pano fechado (tecido compacto) e o pano aberto (tecido frouxo).	*Alagoas e Ceará = paninho inteiro e pano trocado inteiro; *Sergipe = pano fechado ou pano batido; R. Janeiro (campos) = Liso	*Portugal = pano, paninho, pano tapado, ou tapado; *França= Point de toile; *Itália= fondo di tela;	
5 - Alcinha	*Tipo uma alça feito nas tranças.	*Alagoas = ponto solto; *Ceará = Pique *Sergipe = R. Janeiro (campos) = salpico	*França= tresse avec picot; *Itália= treccia com ippiolini;	
6 - Filó	*Reticula de malhas regulares geralmente hexagonais.	*Assim denominado em todo o nordeste.	*Corresponde ao <i>Tulle</i> europeu.	
7 - Coentro	*É uma reticula de malha quadrangular		*França= point torchon; *Itália= punto a reticulato.	

Quadro 4: Designação dos pontos da Renda

Fonte: Elaborado pela autora

De acordo com Maia (1980, p.72) há uma grande variação de nomes dados aos pontos da renda de bilro (Quadro 03):





	PONTO	VARIAÇÕES DE NOMES
1	TRAÇA	Nome utilizado em quase todo o Nordeste. O mesmo de <i>palma</i> na Bahia.
2	MEIO TROCADO	Utilizado em todo Nordeste. Corresponde a <i>ponto inteiro</i> em Santa Catarina.
3	FINAGRAN	Utilizado em alguns estados do Nordeste e conhecido como <i>perna esquecida</i> , <i>ponto puxado</i> ou <i>alça</i> em Santa Catarina.
4	TIJOLO	Utilizado em toda região Nordeste. Corresponde a <i>pastilha</i> em Santa Catarina.
5	PANO	Denominação genérica em todas as regiões.
6	COENTRO OU PÉ DE COELHO	Usados no Nordeste e não constatado em Santa Catarina.
7	TRANÇA	Usado em todos os estados brasileiros.




Quadro 5 - Variações dos nomes da Renda.

Fonte: Maia (1980), adaptado por Barros (2009).

Para a formação dos pontos há uma vasta combinação entre eles, e de estado para estado observa-se pequenas variações, formando assim os padrões, que são, segundo Ramos & Ramos (1948), os desenhos compostos por estas combinações. Estas denominações apresentadas das diferenciações de nomenclatura e variedade dos pontos da *Renda de Bilro* são apenas uma pequena amostra, retirada de pesquisas realizadas por Maia (1980) e Ramos & Ramos

(1948). Esses últimos autores possuem o maior acervo sobre renda de bilro do Brasil, embora segundo eles próprios, a pesquisa se deteve em riqueza de detalhes principalmente nos estados do Ceará, Alagoas, Sergipe, além do Rio Grande do Norte.

<p>Almofadas</p>	<p>De forma cilíndrica cheia de capim ou palha de bananeira, forrada de pano, os buracos ou aberturas nas extremidades da almofada que são chamados “cabeceiras”, servem para introduzir as mãos, para levantá-la, guardar a tesoura, a linha e os bilros.</p>	
<p>Bilros</p>	<p>São pequenos cilindros de madeira branca (Piquiá ou Marmeleiro), constituídos por um cabo para os dedos segurarem o bilro e a canela onde se enrola a linha. Termina por uma cabecinha esférica chamada bolinha, feita de Côco Buriti ou Macaúba.</p>	
<p>Fio</p>	<p>O fio é previamente enrolado na Canela do bilro.</p>	
<p>Papelão</p>	<p>Cartão grosso perfurado com o modelo da renda.</p>	

<p>Alfinete</p>	<p>Alfinete de cabeça, utilizado para prender os pares de bilro no desenho e desta forma servir como guia para feitura da trama.</p>	
<p>Espinho (Mandacarú ou Xique- xique)</p>	<p>Utilizado para prender o “cartão de pique” na almofada e para apoiar os pares de bilros que não estão sendo utilizados em determinada parte do desenho.</p>	
<p>Tesoura</p>	<p>Utilizada para cortar as linhas sobressalentes e dar o acabamento final.</p>	

Quadro 6 - Utensílios usados na confecção da renda.

Fonte: Adaptado da Coleção Luiza Ramos de renda de bilro, Museu Casa de José de Alencar (CJA) Fortaleza /CE

3.3 O ENSINO TRADICIONAL DA RENDA DE BILRO NA VILA DE PONTA NEGRA

Denominamos de *Método de Ensino Tradicional*, o processo de repasse da técnica não formal de confeccionar a Renda de Bilro ensinada desde a formação da Vila, há mais de um século, entre as gerações de rendeiras da Vila de Ponta Negra, quando estas ainda eram crianças, com idade entre sete e dez anos. Esta técnica consistia, basicamente, nas crianças *observarem* as rendeiras mestras confeccionando a renda (rendando) e, a partir das observações, como que num processo de brincadeira, elas passavam a imitar os movimentos das mestres, dando início, portanto, ao processo de aprendizagem por imitação e repetição. Ver ilustração da aprendizagem tradicional no gráfico 4.

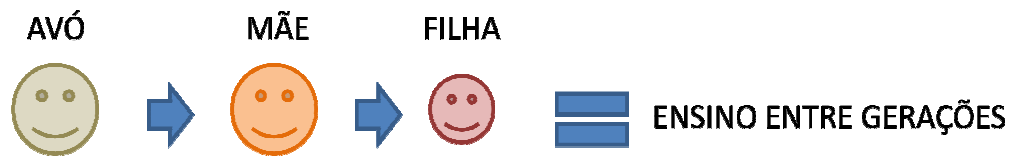


Gráfico 4: Processo de aprendizagem tradicional - entre gerações

Fonte: Elaborada pela autora.

Quando a rendeira-mestra observava o interesse e entrosamento da criança com os primeiros procedimentos da técnica, ela se dispunha a ensinar e corrigir eventuais erros e desta forma pegava uns de seus antigos *papelões* ou *cartão de pique* – que são os moldes que contém os desenhos da renda a ser confeccionados – colocava em uma almofada e formalmente a rendeira iniciava o repasse de seu conhecimento. Como conta uma das rendeiras da Vila:

minha mãe chegava botava eu assim junto dela e dizia assim minha filha o trocadinho é assim, assim, assim. Depois eu aprendi, aí pronto ela não me ensinou mais. Aí eu fiquei fazendo, todas qualidade de renda eu fazia. Eu ficava no chão, no chão limpinho, assim na areia, a gente pegava um paninho, forrava o chão, [a]cabar sentava em cima botava a almofada entre as perna e pegava a trabalhar. Nunca usei cavalete, era assim no chão, era a almofada no chão e a gente no chão, pegava um calcinho, calçava a almofada e ali trabalhava o dia todinho. Quando chegava a hora de almoçar, a gente almoçava, acabava tomava aquela água, que não tinha esses negócio de suco, água gelada nem nada demais, se tivesse uma manga a gente chupava, se tivesse um caju a gente chupava, terminava a gente sentava e ia ia, trabalha inté [sic] de tarde, trabalhava de noite inté [sic] aqui eu dentro dessa casa aqui. Pegava minha almofada, passava quase a noite todinha trabalhando¹⁸. (D. Áster)

Uma característica deste método era a confecção e utilização do molde em papelão a partir da qual as crianças iniciavam seu aprendizado, da atividade de renda. Utilizavam-se moldes referentes ao bico, entremeio e aplicação, ou seja, eram peças de complexidade relativamente baixa por não serem peças grandes, porém, continham em uma única peça diversos pontos de complexidades variáveis.

¹⁸ Ação conversacional realizada na casa da rendeira D. Áster, localizada na Vila de Ponta Negra, no dia 06 de agosto de 2009. Na época ela estava com 73 anos.

Segundo Ramos & Ramos (1948, p.42), “as rendas estreitas são feitas por meninas e as mais largas por moças e mulheres.”

Das rendeiras observadas, raras eram as que sabiam “riscar” o desenho da renda, porque elas foram se acostumando a copiar (ou “tirar”, como as rendeiras falam), os desenhos das rendas através da observação da renda pronta, no processo de “picar o desenho”. Neste procedimento, a rendeira pegava a renda pronta, colocava em cima de um papelão - que antigamente era produzido com papel de cimento e grude (farinha de trigo e água), e então a rendeira furava ou “pinicava” a renda neste papelão, acompanhando os encontros dos pontos da renda. Ao final do processo, obtinha-se um papelão com vários furos, que era a representação daquele desenho, e era assim que as rendeiras podiam fazer a renda, guardando o papelão com este desenho copiado.



Figuras 21 e 22: Moldes antigos com desenhos de renda “picados”, pertencentes às rendeiras do Núcleo de Rendeiras da Vila de Ponta Negra.

Fonte: Registradas pela autora.

Outro aspecto desta técnica era o estímulo que havia ao aprendizado, pois nesta época na Vila de Ponta Negra, há pelo menos 50 anos era comum ver rendeiras em grupos ou sós, rendando nas calçadas, sentada no chão, ou com

cavaletes, muitas vezes um banco de madeira virado de cabeça para baixo, para apoio de suas almofadas. Assim como descreve a rendeira D. Hortênsia¹⁹:

a gente se juntava pra brincar, pra aprender a fazer renda, e todo mundo se interessava. A gente só trabalhava na calçada, assim à tarde, a casa de minha mãe era desse lado esquerdo lá de baixo como chamavam lá de baixo, aí o sol era muito quente, então a gente vinha para, ainda tem ali uma casa que tem a calçada alta, depois da minha casa ali, que tem uma casa, bem logo aqui, perto dum primeiro andarzinho que tem, que era a casa de uma senhora muito morena, a gente chamava ela de neguinha. Aí a gente ia pra calçada da casa de D. Juvita, então a gente ia pra calçada dela, cada uma tinha seu canto, a calçada era grande, e ninguém usava nem tamborete, nem cavalete, nem nada, era sentada no chão. Almofada no chão, a gente calçava com duas pedras, uma do lado outra de outro que era pra almofada não correr, abria as pernas e ficava sentada, com a almofada no meio. A gente trabalhava tudo sentada no chão, quando era dentro de casa era do mesmo jeito, sentada no chão, era, aí depois foi que a gente deu de colocar o tamborete ao contrário e colocava ela [a almofada] dentro do tamborete. Quando a gente pôde comprar umas cadeirinhas sabe? Quando a gente pôde comprar tamborete, cadeira não era tamborete, era uma pra almofada e um pra gente sentar, quando a gente pôde comprar, eu acho que eu já tinha de 12 anos pra lá. A gente gastou muito tempo rendando no chão. Ah, se eu pudesse ficar no chão, eu adorava, era mais confortável. É! Agora que dava mais dor nas costas da gente, dava. A gente começou a usar o tamborete porque a gente no chão a gente cansava mais a coluna e no tamborete não, no tamborete a gente já fica mais à vontade, no tamborete a gente já ficava mais à vontade. Mas nunca trabalhamos de cadeira, viemos trabalhar de cadeira agora depois que eu vim pra minha casa que eu pude comprar cadeira, aí tudo bem, mas enquanto num tinha, a gente só trabalhava no tamborete. E o cavalete, veio depois.

A seguir, observa-se a figura 23 do banco invertido com a almofada em cima, conforme descrito na citação acima²⁰.

¹⁹ Ação conversacional realizada no dia 22 de novembro de 2009, na casa da rendeira D. Hortênsia pela autora desta dissertação.

²⁰ Esta foto foi retirada pelo grupo GREPE (2006-2008), no Núcleo das rendeiras. A almofada e o banco são de uma das rendeiras e era exatamente desta forma, conforme ilustra a foto que elas rendavam antes de adquirirem os cavaletes.



Figura 23- Banco de madeira virado de cabeça para baixo sendo utilizado como um cavalete improvisado.

Fonte: Acervo GREPE (2006).

Como o processo inicial do aprendizado se dava pela observação, cada iniciante acabava por fazer suas próprias adaptações na execução da técnica. Pesquisa realizada no ano de 2007 com 12 rendeiras da Vila de Ponta Negra pelo GREPE (2006-2008) mostram que 8% das rendeiras aprenderam a render a partir dos 53 anos de idade, 17% a partir dos 10 anos e 75% aos sete anos. (CORDEIRO *et al*, 2009²¹).

Percebe-se, então, que a maioria das rendeiras que ainda praticavam a atividade na Vila de Ponta Negra começou a render ainda quando criança, ensinadas, em sua maioria, por suas mães e avós. O aprendizado da rendeira passa por etapas, de forma que há a necessidade de se adquirir um tempo mínimo de prática e, nesta fase, a rendeira aprendiz dita seu ritmo e evolução. Assim, as aprendizes observavam as mestras em suas almofadas, até adquirirem domínio do processo. Precocemente as rendeiras começam a fazer bicos, e depois passam para as aplicações e, mais tarde, passam a confeccionar as toalhas e panos (panos de bandeja e centros de mesa), para então rendarem modelos mais complexos e

²¹ CORDEIRO, Angela Dias; SALDANHA, Maria Cristine Werba (Coord.). Apresentação do artigo Oficina escola de renda de bilro: alternativa de sustentabilidade e manutenção da arte ofício na vila de Ponta Negra, proferida no III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade, realizado na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2009.

peças mais trabalhadas, como saias, vestidos e blusas. Assim como relata a rendeira D. Áster²²:

o primeiro que eu rendei foi um biquinho estreito, chamava os carinho de cianinha, tinha um que chamava, com licença da palavra, o bico cunhão. De repente eu aprendi, minha mãe me ensinou e de repente eu aprendi. Ela ensinava, eu sentada junto dela, ela dizia é assim, assim, assim e eu fazia. Era no papelão. Era no papelão, não era separado não. Ela botava logo o mais fácil. Botava aqueles biquinho estreito [*sic*], aí depois eu peguei a fazer as aplicações, peguei a fazer aqueles bicão [*sic*] grande, largo, aí eu peguei a fazer. Depois que eu cresci mais ela não ensinou mais nada. O pessoal sobrevivia da renda, agora é todo mundo empregado, num tempo de fazer renda. Era só dinheiro de renda, se vestia e se calçava com dinheiro de renda. (D. Áster, Rendeira da Vila).

Tal aprendizado seguia as etapas de aprendizagem da renda, como ilustrado a seguir no gráfico 5:

²² Ação conversacional realizada na casa da rendeira D. Áster, localizada na Vila de Ponta Negra, no dia 06 de agosto de 2009, pela autora desta dissertação e a bolsista de graduação Priscilla Cavalcanti. Na época a rendeira estava com 73 anos.

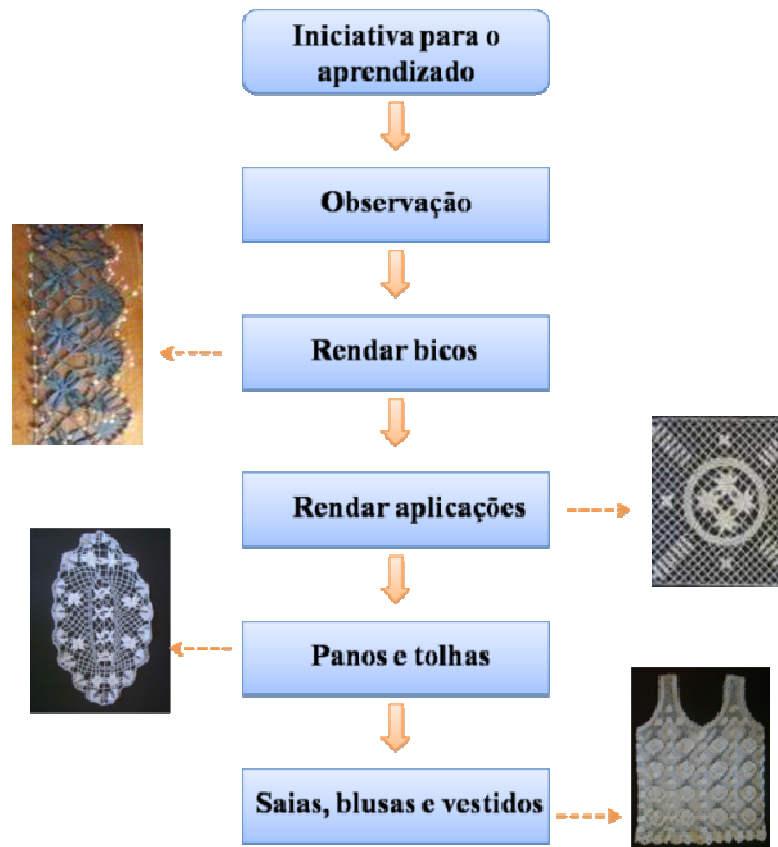


Gráfico 5 - Etapas do processo de aprendizagem da Renda.

Fonte: Cordeiro *et al* (2009).

3.3.1 “Olho de Pombo”: Método ou Molde?

Durante as aulas de Desenho da Renda que acontecem no Núcleo desde 11 de agosto de 2009, indaguei às rendeiras do núcleo sobre o desenho “*olho de Pombo*”. Mencionei que em pesquisas anteriores realizadas pelo grupo GREPE 2006 /2008, foi relatado que este desenho “*olho de Pombo*” foi criado pelas rendeiras para facilitar a aprendizagem de pessoas mais velhas que desejam ingressar na arte da renda, (visto que a idade ideal pra tal aprendizado acontece entre os sete a dez anos).

Desta forma, segundo pesquisas anteriores (GREPE 2006-2008), buscou-se uma maneira de introduzir as primeiras “manobras” da renda através da introdução deste desenho, como uma etapa de ensino inicial, para novas aprendizes. E assim

este ficou popularizado pelo nome “*olho de pombo*”, que era o desenho praticado inicialmente pelas aprendizes da época.

Não existe uma justificativa consistente da escolha deste ponto como o primeiro para a aprendizagem da renda, mas sim uma regra estabelecida pelas rendeiras mais antigas na profissão e influentes do Núcleo. Ainda segundo dados pesquisados sobre o assunto, nem todos os aprendizes se adaptavam a este desenho (do “olho de pombo”).

Na aplicação deste, *não havia um acompanhamento* adequado das mestras rendeiras para com a aprendiz, apenas mostrava-se o papelão (com o desenho “do ponto “*olho de pombo*” e como se executa o ponto, fazendo. Em seguida a mestra-artesã, exige “atenção” da aprendiz e uma cuidadosa observação de seus movimentos, já que ela tem que dar continuidade a sua produção da renda.

Quando o molde é realizado corretamente pela aprendiz, esta é elogiada e deve repeti-lo várias vezes, do contrário, deve observar atenciosamente a sua mestre-artesã realizar novamente o mesmo ponto, até finalmente conseguir repeti-lo. Diante de tais informações sobre esta forma de ensino tradicional, numa das aulas de desenho da renda de bilro no núcleo, no dia 25 de novembro de 2009, procurei mais informações a cerca deste ensino “*olho de pombo*”, juntamente com a rendeira mais experiente do Núcleo e fundadora do mesmo, D. Acácia, como é conhecida.

A rendeira esclareceu que não havia um *método* com este nome, mas sim *um ponto antigo*, muito praticado na época em que ela era criança, e desta forma, algumas das rendeiras que hoje possuem mais de 50 anos de profissão, durante a infância praticaram o aprendizado de tal ponto e quando alguém se interessava por aprender a renda, este ponto era em muitos casos escolhido para a iniciação na técnica. Como uma repetição de uma tradição de ensino, para as aprendizes a rendeiras, em suas primeiras experiências com a Técnica.

Porém um fato curioso foi quando D. Acácia falou não ter mais este papelão com este ponto e disse que fazia tantos anos que ela nem se lembrava direito como era este ponto e disse que ela não fazia uso deste, para ensinar. Porém, que tinha uma experiente rendeira falecida em dezembro de 2008, D. Delma²³, que utilizava este ponto para ensinar.

²³ Nome fictício da rendeira, assim adotado nesta pesquisa para preservar a livre expressão de opiniões das rendeiras do núcleo e da Vila e dos alunos das oficinas.

Foi então que uma das rendeiras aprendizes a D. Azálea, que possui mais de 08 anos de prática disse que iniciou seu aprendizado por este ponto “*olho de pombo*”, com a rendeira D. Delma, e que possuía um exemplar da renda confeccionada na época que iniciou seu aprendizado. Ela trouxe este “biquinho” que pode ser conferida a seguir na figura 23:



Figura 24 - Exercício “olho de pombo”, trazido pela rendeira aprendiz.

Fonte: Registrada pela autora.

Outra experiente rendeira do núcleo D. Orquídea, me relatou sobre seu aprendizado e descreveu como era esse ponto “olho de pombo”, citado a seguir:

ah, eu aprendi fazendo biquinho, Tinha bico “caga na rua”, tinha bico Olho de pombo...Tinha o bico de duas traças..esse era o biquinho de aprender... O olho de pombo ele é assim olhe, num tá vendo este quadradinho? (D. Orquídea mostra na renda que ela ta fazendo a malha do pano), é um quadradinho como este, mas é coentro, aí depois tem um quadrado ao redor, só que simples, entendeu? É o coentro no meio e depois um quadradinho de torcido. Aí ficava miudinho parecia um olho de pombo... Era para aprender a renda, mas aí fazia mesmo pra vender e o povo comprava... Era bem fininho, era bico para enfeitar, enfeitava até calcinha... As calcinhas de antigamente, na minha época né, as calcinhas era de pano. Num era não Narcisa! Se lembra das calcinhas de pano que a gente botava uns biquinhos... [Sic] (D. Orquídea²⁴)

²⁴ Rendeira Experiente moradora da Vila que proferiu esta fala numa ação conversacional do dia 01/06/2010, par a autora desta pesquisa.

O ensino tradicional da Renda de Bilro assume características como as descritas neste capítulo, de repasse oral informal, sem sistematização ou padrão de ensino. O ensino da Renda é repassado entre gerações e traz consigo uma forte herança cultural, que agrega valor imaterial ao produto acabado. A confecção da Renda de Bilro foi à primeira atividade remunerada da maioria das rendeiras da Vila, e como tal, sempre foi considerada como meio de sustento e de prazer para as rendeiras.

CAPÍTULO 4

[METODOLOGIA UTILIZADA NA PESQUISA]

4.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DA METODOLOGIA

Este capítulo apresenta as etapas da metodologia utilizada na pesquisa.

Trata-se de um tipo de *pesquisa aplicada*. Segundo Marconi e Lakatos, (1996, p.19), a pesquisa aplicada “caracteriza-se por seu interesse prático, isto é, que os resultados sejam aplicados ou utilizados, imediatamente, na solução de problemas que ocorrem na realidade”. Esta pesquisa tem objetivos exploratórios. Pesquisas exploratórias:

são investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos. Empregam-se geralmente procedimentos sistemáticos. [...] Uma variedade de procedimentos de coleta de dados podem ser utilizados, como entrevistas, observação participante etc (MARCONI e LAKATOS, 1996, p.77).

Utilizou-se uma abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa

[...] busca explorar a compreensão das pessoas a respeito de sua vida diária, ou seja, busca dar sentido ou interpretar fenômenos em termos das significações que as pessoas trazem para eles. A pesquisa qualitativa tem o objetivo de examinar problemas específicos de maneira mais aberta, de forma a gerar informações que não seriam obtidas de outra forma. Os métodos usados incluem entrevistas, observação direta, análise de discurso, de textos ou documentos (VIEIRA, 2008, p.99).

Em relação ao delineamento da pesquisa, esta se configura como um estudo de caso. O estudo de caso diz respeito a:

um estudo em profundidade, visando obter o máximo de informações que permitam o amplo conhecimento. É muito encontrado em pesquisas do tipo exploratória [*sic*]. Seu planejamento é flexível, o que permite ao pesquisador obter novas descobertas (ALVES, 2007, p. 55).

O tempo total de realização desta pesquisa foi de 24 meses (agosto de 2008 a agosto de 2010), conforme ilustrado, cronologicamente, nos gráficos 05, 06 e 21. O gráfico 05 ilustra a primeira etapa da pesquisa, que foi iniciada em agosto de 2008, quando já estava em processo de finalização a primeira dissertação de mestrado, realizada por um mestrando do GREPE, no Núcleo de Rendeiras da Vila (BARROS, 2009).

01 - Primeira Etapa da Pesquisa: apreciação global

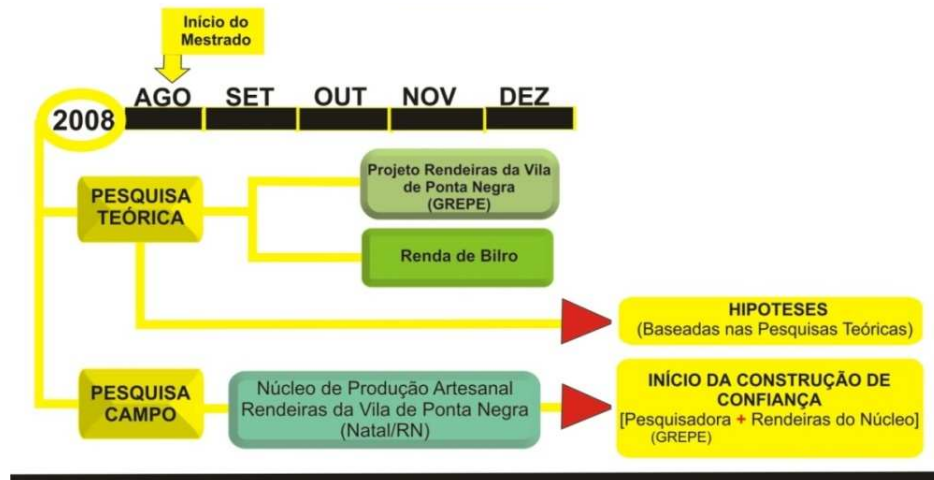


Gráfico 06 - Esquema cronológico referente à primeira etapa da pesquisa (Apreciação Global).

Fonte: Elaborado pela autora.

A segunda etapa da pesquisa (gráfico 06) iniciou em janeiro de 2009, com o desenvolvimento da pesquisa de campo referente à oficina de Renda de Bilro iniciada neste período. A fase mais intensa e sistemática da pesquisa de campo se deu quando esta pesquisadora passou a acompanhar a referida oficina, da qual

também participou como aluna. Esta condição da pesquisa, conduzida a partir de uma observação participante, permitiu à pesquisadora conhecer detalhadamente a realidade de trabalho/aprendizagem das rendeiras de bilro da Vila de Ponta Negra através de um processo vivência durante as oficinas na referida comunidade. Este modo de pesquisa é denominado de pesquisa participante (THIOLLENT, p.83).

02 - Segunda Etapa da Pesquisa: pesquisa de campo

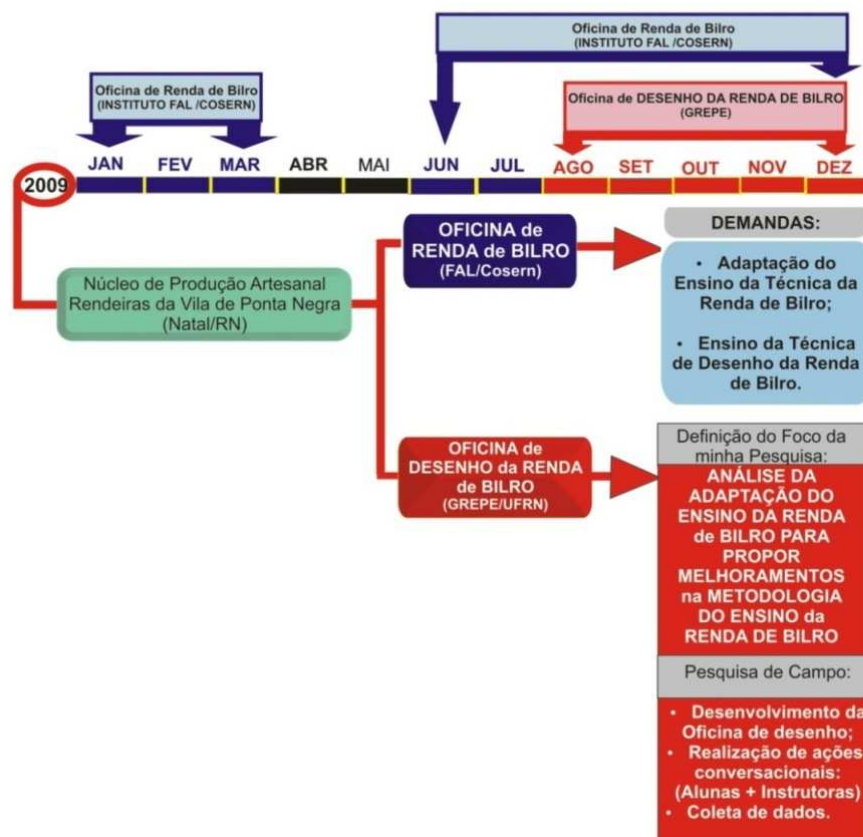


Gráfico 07- Esquema cronológico referente à segunda etapa da pesquisa.

Fonte: Elaborado pela autora.

Segundo Marconi e Lakatos (1996, p.82), a observação participante:

consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais dele.

Marconi & Lakatos (1996, p.82) referem-se a algumas dificuldades enfrentadas pelo pesquisador, que pratica a observação participante, no tocante a assegurar a objetividade científica das observações. Estas dificuldades dizem respeito ao fato do pesquisador exercer influência no grupo e ser influenciado por antipatias ou simpatias pessoais e ao choque do quadro de referência entre observador e observado.

De fato, constatou-se certo grau de dificuldade no que se refere à “*objetividade*”, pois, em vários momentos, enquanto participávamos como alunas-pesquisadoras da oficina de renda de bilro, necessitávamos de uma certa flexibilidade para prestar atenção e registrar os comentários e informações apresentados pelas rendeiras da comunidade. A esta exigência metodológica se somava a exigência das instrutoras e, de alguma maneira, das demais alunas, com relação ao cumprimento do desempenho enquanto aprendiz da oficina renda. Era necessário muito cuidado para não haver nenhum “*rompimento*” das relações ali construídas.

Operacionalmente, do ponto de vista metodológico, houve situações cujas verbalizações das rendeiras e instrutora da oficina não eram escutadas na sua totalidade nem era possível anotar, dada a ambivalência da função simultânea assumida, de pesquisadora e aluna da oficina de renda.

As informações coletadas, através das observações, das conversações e das escutas ampliadas, durante as oficinas de renda de bilro, eram registradas nos *cadernos de campo*.

Ao final de cada aula da oficina as pesquisadoras recapitulavam os episódios ou acontecimentos e complementavam ou ajustavam as anotações realizadas até então. Este processo dava cabo aos relatórios à *quente*, elaborados imediatamente, e, em seguida, no dia seguinte, aos relatórios à *frio*, como métodos de roteirização dinâmica (Vidal, 2008, p.150) das observações e interações registradas durante as atividades das rendeiras nas oficinas.

Para a análise das atividades das rendeiras, realizaram-se 10 interações, aplicando-se a técnica da conversa-ação (VIDAL, 2008, p.153) e 03 interações, aplicando-se a técnica da Análise Coletiva do Trabalho – ACT (FERREIRA, 1998, pp. 82-91; VIDAL, 2008, p.146).

As sessões de autoconfrontação coletivas realizadas na oficina de desenho foram bastante valiosas para a obtenção de opiniões e validações da pesquisa. A

técnica do *brainstorming* (tempestade de idéias) também foi aplicada com o objetivo de estimular o surgimento de idéias para novos produtos confeccionados com a renda de bilro. Nestas ocasiões surgiram várias idéias que foram incorporadas pelas alunas, proporcionando, além de outras opções de produtos, mais autonomia e confiança das rendeiras no processo criativo. Após a realização das ações-conversacionais e as ACTs, eram realizadas as transcrições das falas: processo trabalhoso e demorado, porém crucial.

Os métodos interacionais, utilizados para estimular as verbalizações e conversações das rendeiras e das alunas, a cerca das oficinas realizadas, proporcionaram discussões e reflexões relativas a vários assuntos: método de ensino, dificuldades, sugestões de melhorias etc. A sugestão de implantação de uma Oficina Híbrida também resultou deste processo interacional.

Para a condução das ações conversacionais foram previamente elaborados roteiros dinâmicos (Apêndice A, B, C e D).

A escuta ampliada, parte do capítulo do método interacional, é uma técnica que foi também utilizada para coletar informações acerca das oficinas e da atividade desenvolvida pelas rendeiras e alunas do Núcleo de Produção Artesanal Rendeiras da Vila. A escuta ampliada:

[...] se orienta para as informações difundidas de forma ampla (broadcast), ou da captura de falas e comentários em geral não necessariamente dirigidos ao analista. Chamamos a atenção para o fato de que os comentários, os avisos genéricos, alguns fragmentos de conversas são oriundos da realidade do trabalho e por isso não podem ser ignorados (VIDAL, 2008, p.149-150).

Segundo Vidal (2008, pp.115-170), os métodos interacionais e os observacionais auxiliam o pesquisador na coleta de dados que servirão para a formulação de um bom diagnóstico da situação de trabalho.

Para ordenar e sistematizar os resultados obtidos com os métodos interacionais, foram elaboradas *matrizes de inclusão de comentários* (VIDAL, 2008, pp.170 -171), a partir das quais se estabeleceram análises que foram utilizadas para a formulação de diagnósticos das situações de trabalho das rendeiras.

Estas matrizes foram organizadas segundo cada assunto abordado e englobava o nome da pessoa pesquisada; a fala; e o comentário do pesquisador, complementando ou esclarecendo alguma expressão ou assunto verbalizado pela pessoa com quem foi realizada a interação. À medida que iam sendo inseridas mais pessoas e suas devidas falas às matrizes, incorriam os comentários do pesquisador e a síntese de cada bloco de assuntos. Em seguida, eram realizados tratamentos cada vez mais específicos dos dados que iam sendo separados segundo classificações específicas, de acordo com os interesses das análises.

Os equipamentos (Figura 25) utilizados para registro das ações-conversacionais foram: gravador MP4 e máquina fotográfica digital (de propriedade da pesquisadora). Para a realização das ACTs, foram utilizadas filmadora digital (pertencente ao GREPE) e máquina fotográfica digital (pertencente ao GREPE). Também foram utilizados cadernos de campo para o registro das observações e das interações (ações conversacionais e ACTs).



Figura 25 - Instrumentos e equipamentos utilizados pela autora da pesquisa.

Fonte: Registrada pela autora.

4.2. MÉTODO SISTEMÁTICO DE ANÁLISE: ADAPTAÇÃO DO MÉTODO DA ANÁLISE ERGONÔMICA DO TRABALHO (AET)

4.2.1 Análise Ergonômica do Trabalho

A abordagem conceitual da ergonomia e a AET serviram de base para compreensão das situações de trabalho das rendeiras durante as oficinas de renda e de desenho.

Segundo Daniellou e Béguin (2007, p.281-282):

o desenvolvimento da disciplina [Ergonomia] permitiu identificar um conjunto de conhecimentos, métodos, e práticas que cada interventor pode mobilizar em relação à especificidade de suas intervenções. [...] Mas se baseia simultaneamente na capacidade de mobilizar conhecimentos e métodos adaptados a cada situação.

A AET é um método de pesquisa em ergonomia que foi desenvolvido a partir das experiências de ação ergonômica no contexto de empresas, especialmente de manufatura. Por isso, para o propósito desta pesquisa, decidiu-se adotar como método de análise das situações de trabalho a AET, de forma adaptada ao trabalho artesanal em questão.

A Análise Ergonômica do Trabalho diz respeito a uma metodologia utilizada para descrever e compreender o que realmente acontece nas situações de trabalho, com o objetivo de transformação positiva. Para Vidal (2002, pp.145-146), a Análise Ergonômica do Trabalho:

repousa sobre a idéia de que exista uma construção permanente pelo operador de seus modos operatórios para atingir objetivos em condições socialmente determinadas, levando em conta um conjunto de contrantes²⁵ (ligados à situação e às características pessoais) e um conjunto de critérios de desempenho. A atividade de trabalho é a

²⁵ **Contrantes:** “tudo aquilo que na situação de trabalho contraria a intenção do trabalhador em realizar sua tarefa da melhor maneira para si, respeitando os objetivos e exigências que constituem o aspecto prático do contrato de trabalho”.

confluência entre os componentes pessoais, organizacionais e tecnológicos de um processo de trabalho.

A AET, canonicamente, divide-se basicamente nas seguintes etapas:

- Instrução da Demanda:

convencionaremos chamar de instrução da demanda a esta passagem de uma demanda gerencial nebulosa a uma demanda ergonômica mais precisa. [...] A instrução da demanda é, pois, um procedimento básico da AET e que serve de moldura para qualquer forma de atuação *a posteriori* da Ergonomia. Na verdade a instrução da demanda permite clarificar as finalidades do estudo ergonômico, objeto de um contrato que vincule o praticante de Ergonomia à organização (VIDAL, 2008, p.36).

- Análise da Atividade:

[...] não pode ser uma abordagem baseada na simples aplicação de ferramentas pré-construídas. É melhor caracterizada se considerada como um processo onde o ergonomista entra, no qual fica imerso. É ao longo do desenvolvimento desse processo que o ergonomista constrói sua compreensão da situação de trabalho, estrutura de maneira adequada seus conhecimentos, e que estes progridem do ponto de vista de sua operacionalidade. Essa perspectiva operacional exige que se agreguem, aos conhecimentos existentes, os relativos a situação na qual o ergonomista age. Isso pressupõe que se constituam ferramentas de análise que permitam apreender a realidade em sua especificidade (GUÉRIN, 2001, pp.82 - 83).

- Recomendações ergonômicas e caderno de encargos:

[...] trata-se de um relatório de intervenção acrescido da especificação das mudanças em termos projetuais (plantas, memorial descritivo de obras, especificação de compras, ordens de serviço e outros detalhamentos necessários) (VIDAL, 2008. p.42)

Esta pesquisa desenvolveu estas três etapas da AET. O processo de instrução da demanda possibilitou a obtenção dos dados globais relativos ao Núcleo. Em seguida realizaram-se as análises das atividades das rendeiras durante as 2 oficinas (de renda e de desenho). Ao final, elaborou-se e apresentou-se um conjunto de recomendações de melhorias ergonômicas relacionadas às atividades pesquisadas.

A AET depende fundamentalmente da contribuição das pessoas envolvidas de alguma forma com os propósitos da pesquisa. Portanto, o desenvolvimento da AET no âmbito de um processo de pesquisa vai depender de um processo criterioso de construção social.

4.2.2 Processo de Construção Social da Pesquisa

A construção social de uma pesquisa, segundo Vidal (2008, pp.72 e 74),

é o meio de estabelecer encaminhamentos de fato, evitando-se a passagem imediata de um problema constatado em sua forma mais superficial a uma solução de algibeira. E isso se estabelece de forma dinâmica por dois conjuntos de conceitos: no plano intrínseco pela articulação entre organização e adaptação e no plano da atuação pela combinação entre negociação incremental e multiplicação permanente. [...] A razão de ser da construção social é precisamente estabelecer um lugar para que os princípios de auto-organização e de auto-adaptação possam ser expostos, discutidos e aceitos como parte da realidade do trabalho, redesenhando procedimentos e avaliações de desempenho.

Com um sentido similar, Carvalho (2005, p.53) se refere ao conceito de construção sócio-técnica para designar o processo de envolvimento e comprometimento das pessoas, que têm relação com o contexto do trabalho em questão, com os propósitos da pesquisa. Estas pessoas estão posicionadas nos seus diferentes níveis de atuação (estratégico, tático e operacional) dentro da organização em questão, e em outras organizações externas, e contribuem para o desenvolvimento do projeto ergonômico (de pesquisa ou de intervenção) em curso, seja no âmbito político, histórico (repassa das memórias da organização), técnico,

gerencial ou operacional. O nível de envolvimento destas pessoas com a pesquisa poderá estar indicando o grau de cooperação para com a pesquisa e a probabilidade de sucesso do projeto de ergonomia.

Em agosto de 2008, início da formação do mestrado desta pesquisadora, já estava em processo de conclusão a primeira dissertação de mestrado desenvolvida pelo GREPE no Núcleo de Rendeiras da Vila de Ponta Negra, a partir de uma pesquisa sobre as atividades das rendeiras, levada a cabo pelo mestrando Kleber Barros. Neste mesmo período, vários dados desta pesquisa já haviam sido levantados, diversas demandas já haviam sido verificadas por esta pesquisa e algumas demandas indicadas pela pesquisa anterior tinham sido confirmadas pela presente pesquisa. Estas demandas expressavam claramente a preocupação das rendeiras de que fossem desenvolvidas ações que contribuíssem para a análise da atual fase da produção da renda de bilro no Núcleo e para as intervenções que evitassem o desaparecimento do artesanato tradicional da Renda de Bilro na Vila de Ponta Negra, em Natal - RN.

Em outubro daquele mesmo ano, o referido mestrando apresentou as rendeiras do Núcleo às novas pesquisadoras do GREPE, que dariam continuidade às pesquisas no Núcleo.

Nesta fase inicial, as pesquisadoras não puderam contar com nenhum material ou equipamento para registro das informações, tais como caderno de campo, máquina fotográfica ou câmera de vídeo. O trabalho de pesquisa em loco se dava com as pesquisadoras observando a atividade das rendeiras e interagindo com elas para compreender o seu ofício detalhadamente.

Em 14 de janeiro de 2009, com o início das oficinas de Renda de Bilro no Núcleo, as pesquisadoras passaram a frequentar o Núcleo com regularidade, no mínimo duas vezes por semana, para acompanhar de forma sistemática as oficinas de renda. As pesquisadoras assumiam um papel duplo de pesquisadoras e de alunas da oficina. Esta atuação de pesquisa participante possibilitou o fortalecimento das relações junto às demais alunas rendeiras e a instrutora da oficina. Aos poucos foi-se formando uma espécie de rede de contatos e relacionamentos, que deu o suporte necessário para o bom desenvolvimento das pesquisas.

Um quesito bastante favorável para a pesquisa se pautou no local onde ocorreram as oficinas de renda e desenho da renda de bilro, pois estas se realizaram no Núcleo de produção habitual das rendeiras da Vila e, por tal

característica, foi possível entender a atividade e todo o fluxo de produção real. Ressalta-se o fato de que, enquanto as oficinas eram realizadas, as demais rendeiras continuavam rendando suas peças para compor o estoque do Núcleo.

Para Vidal (2003, p.63),

o dispositivo social de uma ação ergonômica é composto por vários grupos formulados dentro do local de trabalho que irão articular informações para o sucesso da realização da Análise Ergonômica do Trabalho.

Segundo Vidal (2008), para que se garanta o sucesso de uma ação ergonômica, tem-se que criar um dispositivo de sustentação destas ações na empresa, que possibilite uma harmonia com a dinâmica possível naquela realidade. Para isso, é fundamental que se combine uma interação técnica, participativa e gerencial com a cúpula da organização a fim de que as mudanças necessárias ocorram.

A construção social em sua formação pode ser comparada ao conceito de redes, em que se interligam pessoas importantes no processo de pesquisa. Segundo Capra (2003, p.4),

rede é um padrão comum a todo tipo de vida, e sua característica chave implica na autogeração, ou seja, elas se cria e recriam a si próprias, quer transformando ou substituindo seus componentes, e onde quer que nos deparemos com vida, constatamos redes.

Desta forma, num processo de pesquisa, à medida que se inicia a formação dos vínculos com as pessoas envolvidas no trabalho, formam-se, paulatinamente, as redes de contatos com pessoas de diferentes conhecimentos, saberes, poderes, níveis de interlocução e de vínculos.

Para Capra (2003, p.3),

á medida que comunicações continuam a se desenvolver na rede social, eventualmente produzirão um sistema compartilhado de crenças, explicações e valores - um contexto comum de significados conhecidos como cultura, o qual é continuamente sustentado por comunicações adicionais. É através da cultura que os indivíduos adquirem identidade como membros da rede social.

Segundo Bott (1976, p.241), “o modelo vivenciado no casamento, de união e divisão é reproduzido na maneira pela qual as redes (‘agrupamentos’), articulam a família com a sociedade mais ampla”. O estudo básico realizado por Bott é a maneira pela qual um grupo – qualquer tipo de grupo – está relacionado com o seu meio social. Seu objetivo é compreender como o funcionamento interno de um grupo é afetado não somente por sua relação com as pessoas e com as organizações de seu meio, mas também pelas relações entre essas pessoas e as organizações.

Estas reflexões elucidadas por Bott apontam para a importância da construção das relações sociais e dos papéis vivenciados entre as redes sociais, pois cada membro de uma família vai construindo sua rede de relações, e há as congruências entre estas, que ao longo do tempo vão se conformando, à medida que novas relações são iniciadas ou interrompidas.

A construção desta rede de contatos e relações com o Núcleo de Rendeiras da Vila de Ponta Negra, local desta pesquisa, se deu paulatinamente, marcadamente estabelecido por um processo de *transição* entre o pesquisador que já estava há pelo menos dois anos inseridos no Núcleo e as duas pesquisadoras que iniciavam um novo ciclo de pesquisas.

O dispositivo técnico de construção social (Vidal, 2008) da pesquisa foi se configurando à medida que se avançava na pesquisa, tornando mais claro o papel que cada pessoa desempenharia em todo o processo de pesquisa e intervenção.

Os grupos que compuseram este dispositivo, e que deram suporte à pesquisa e às intervenções, foram constituídos por pessoas de distintas origens e formações, recebendo as seguintes denominações conforme suas participações na pesquisa:

- **Grupo de Focos (GFs):** participam dos levantamentos de dados, e das validações dos diversos momentos e análise mais localizadas; Os Grupos de Foco participaram da pesquisa fornecendo dados sobre a atividade e foram convidados a participar das análises, das sessões de autoconfrontação, das proposições e das ações. Foram

formados 05 GFs durante o processo de pesquisa de campo, que atuaram da seguinte forma:

- ❖ **Grupo de Foco 01:** foi composto por duas rendeiras, *D. Camélia*, colaboradora da oficina de renda, que discutiu e sugeriu modificações no método de ensino que foi desenvolvido para a oficina de renda e, posteriormente, se tornou a instrutora da oficina de desenho, e *Zínia*, rendeira da vila, filha de uma rendeira do Núcleo e amiga de D. Camélia, que ensinou esta rendeira a render com os bilros, após esta sentir dificuldade de aprender a render no Núcleo pelo método tradicionalmente repassado entre as rendeiras da Vila e do Núcleo.

- ❖ **Grupo de Foco 02:** foi composto por duas rendeiras antigas na profissão, que tornaram-se instrutoras da oficina de Renda de Bilro. A rendeira D. Acácia é a fundadora do Núcleo, proprietária do local onde os grupos de rendeiras se reúnem para produzir a Renda de Bilro. A rendeira é a líder do grupo e desempenha várias funções no Núcleo. A rendeira D. Hortênsia deixou de render assiduamente no Núcleo para render em casa, porém, tem uma relação estreita com a rendeira líder do grupo, é muito bem relacionada com a comunidade da Vila e participa ativamente de várias manifestações populares tais como pastoril, congo, e festejos religiosos. Através do acompanhamento da oficina de renda, foi possível identificar as diferentes características de repasse do ensino entre as instrutoras. Estas informações foram importantes para a concepção da oficina Híbrida.

- ❖ **Grupo de Foco 03:** foi composto pelas alunas da oficina de renda de bilro. Inicialmente havia treze alunos, um deles homem, e ao longo dos três meses de duração a oficina concluiu com oito alunas. Através do acompanhamento da oficina de renda e das ações conversacionais realizadas com alguns alunos, foi possível identificar as dificuldades e sugestões de melhorias relativo aos exercícios aplicados, ao método de ensino das instrutoras e ao método sistematizado, concebido para a oficina.

- ❖ **Grupo de Foco 04:** foi composto pelas alunas da oficina de desenho da renda de bilro. Inicialmente esta oficina foi composta por quinze alunos, um deles homem e, ao longo dos quatorze meses de duração da oficina, foram formadas treze alunas. Este grupo de foco contribuiu para a

identificação das dificuldades e sugestões de melhorias relativas aos exercícios aplicados, ao método de ensino das instrutoras e ao método sistematizado, concebido para a oficina.

❖ **Grupo de Foco 05:** foi composto por duas rendeiras da vila, antigas na profissão, que, durante as ações conversacionais, falaram como aprenderam a render pelo método tradicional. Através dos relatos das rendeiras foi possível identificar algumas características do ensino tradicional praticado na Vila, e assim compreender a dificuldade que *D. Camélia* sentiu ao tentar aprender a renda pelo método tradicional de ensino praticado pelas rendeiras do Núcleo. Outra característica identificada através do entendimento do método tradicional foi a não sistematização desse ensino tradicional.

- **Grupo de Suporte (GS):** deve ser integrado por pessoas de poder de decisão na organização, a quem o GAE se reportará durante toda a ação. Este grupo foi formado pelas rendeiras D. Acácia e D. Camélia, para quem as mestrandas se reportavam quando de qualquer ação a ser realizada, e pelos coordenadores das oficinas de renda e de desenho, que eram responsáveis por fomentar as oficinas e a quem tínhamos que comunicar as ações pretendidas;
- **Grupo de Acompanhamento (GA):** tem fundamento similar ao grupo de suporte, porém com uma diferença, pois neste grupo reúnem-se pessoas que têm autoridade técnica para tomar decisões nesse âmbito. Este grupo foi formado pelas três rendeiras atuantes nos processos de decisão das oficinas, D. Acácia, D. Hortênsia e D. Camélia, e pela coordenadora e orientadora da pesquisa;
- **Grupo de Ação Ergonômica (GAE):** formado pela articulação da equipe de ergonomia com o grupo de interesse. O GAE foi constituído pelas duas mestrandas do GREPE, participantes do Projeto Rendeiras da Vila. As duas mestrandas se reportavam constantemente às rendeiras D. Acácia (líder do grupo) e D. Camélia, colaboradora, que sugeriu modificações no método tradicional de ensino de renda e que tornou-se instrutora da oficina de desenho da renda. Estas duas rendeiras tinham uma boa relação entre si. Este grupo constituiu a base que deu suporte à intervenção técnica realizada no Núcleo de Rendeiras da Vila de Ponta Negra.

O esquema do dispositivo social de ação ergonômica, sugerido por VIDAL (2008) e adaptado para a realidade pesquisada no Núcleo (gráfico 07), clarifica os grupos de distintas naturezas envolvidos na pesquisa.

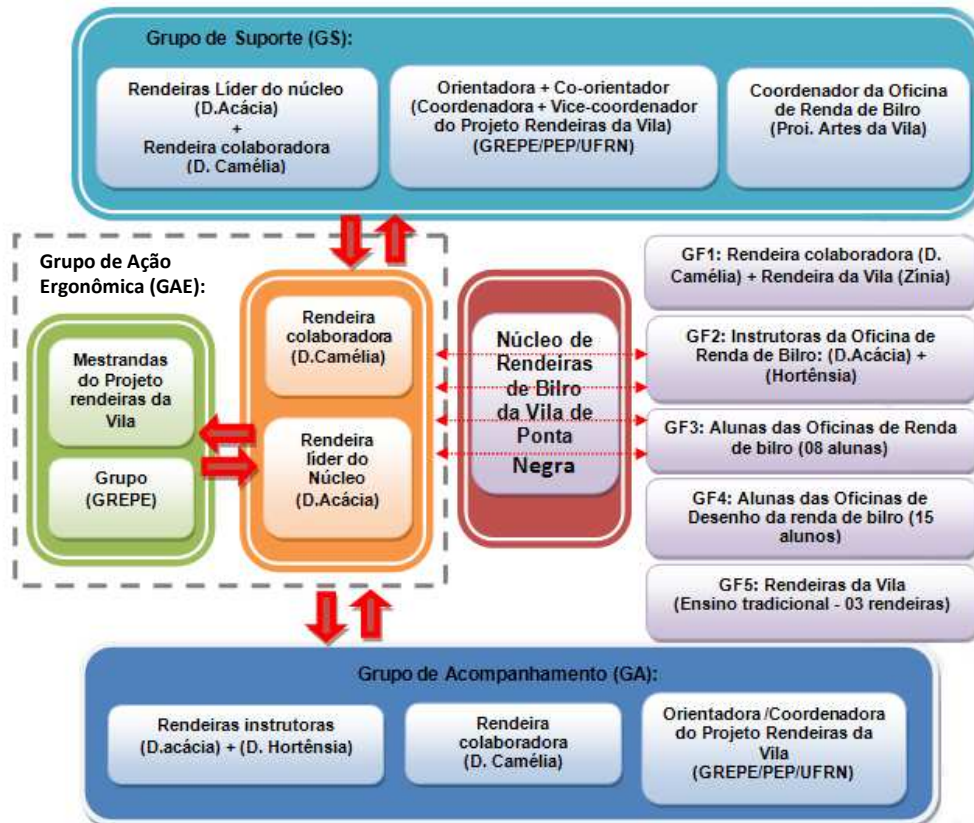


Gráfico 08 - Esquema do dispositivo de construção social.

Fonte: Adaptado de Vidal (2008), Saldanha (2004) e Carvalho (2005).

De acordo com Saldanha (2004, p.106),

a construção social é a estruturação de um dispositivo de sustentação da ação ergonômica na empresa, ou seja, a constituição de uma equipe que possibilitará a realização de uma intervenção técnica em uma empresa. Esta equipe compreende todas as pessoas que irão compor o quadro nos diversos momentos da intervenção, quer sejam diretamente os responsáveis pela intervenção, pelo suporte técnico e de decisão, quer sejam pessoas que participam do levantamento das informações relativas à atividade, as quais permitem o conhecimento necessário e imprescindível para a construção de uma solução correta em termos antropotecnológicos.

Para esta autora (2004, p.129) “a construção social não é previamente determinada, sua constituição ocorre ao longo do processo de acordo com as necessidades e afinidades”. Segundo Carvalho (2005, p.53),

o dispositivo da construção sócio-técnica constitui um processo dinâmico de gestão de competências necessárias para as ações ergonômicas, que vão dar conta de responder à demanda ergonômica negociada.

A formação da “rede” de contatos e relacionamentos, que deu o suporte para o bom desenvolvimento das pesquisas situadas no Núcleo de Rendeiras da Vila de Ponta Negra, encontra-se ilustrado no gráfico 09.

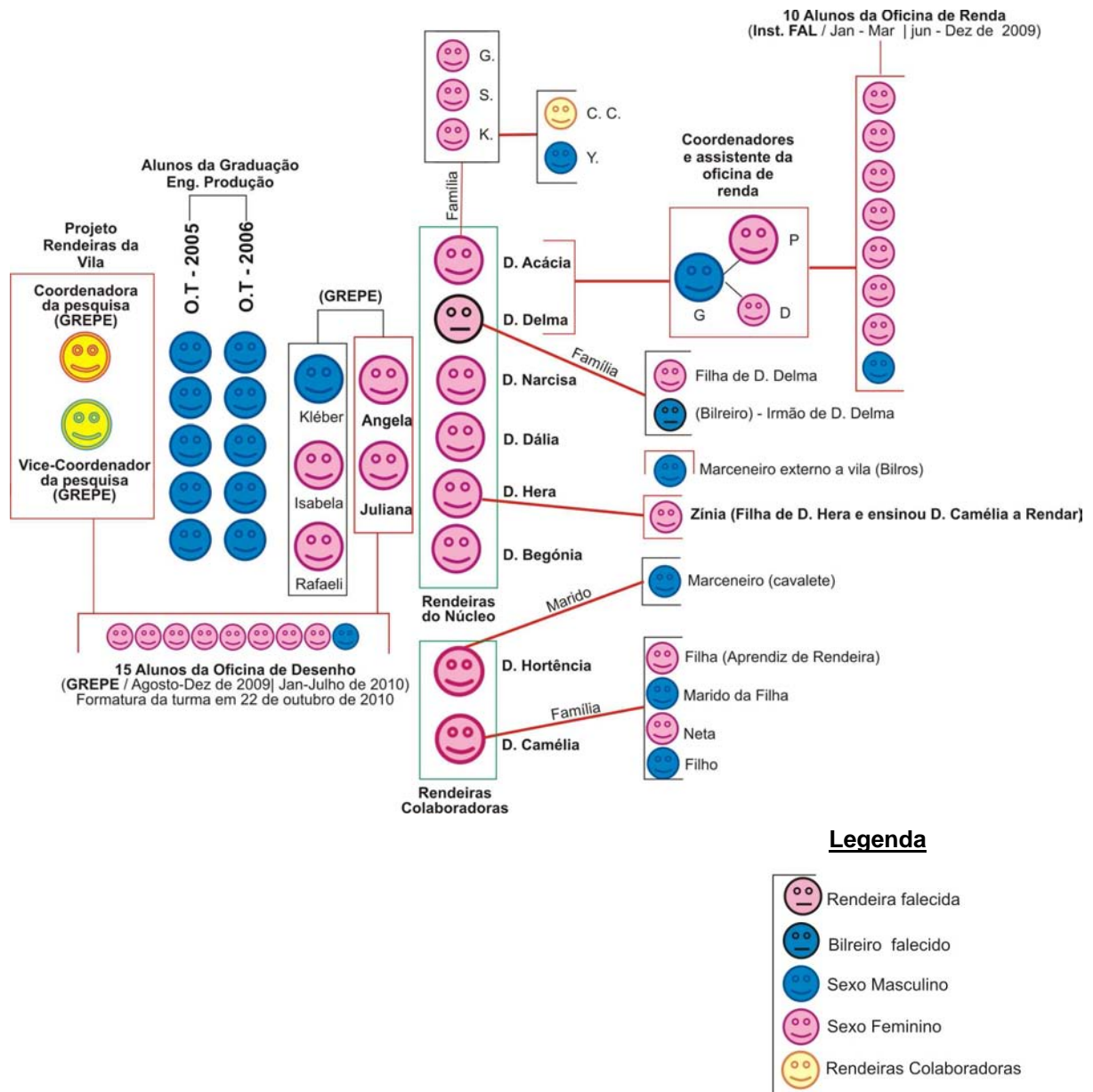


Gráfico 9 - Esquema da formação da rede de contatos.

Fonte: Elaborado pela autora.

A AET, como método de pesquisa em ergonomia, foi permeada nesta pesquisa pelo processo de construção do dispositivo social, que possibilitou as coletadas de dados e as análises realizadas durante a realização das oficinas de renda e de desenho da renda de bilro.

4.2.3 Processo de Instrução da Demanda

Para Guérin *et al* (2001, p.87), “A demanda é o ponto de partida da AET, caracterizando-se pelo momento da definição do problema, descrevendo os postos de trabalho, procurando evidenciar os aspectos ergonômicos mais importantes, a fim de caracterizar a problemática”.

As demandas são necessidades que surgem em uma determinada indústria, empresa, cooperativa, núcleo, grupo, independente de seu caráter formal ou informal. É a partir de uma necessidade, de um problema a ser investigado ou solucionado, que a Ergonomia atua.

É importante considerar que as demandas nem sempre aparecem claramente e desta forma tem-se que conhecer bem o local que se pretende atuar, através de levantamento documental, de observações globais e sistemáticas e de interações com as pessoas em questão. Estudos preliminares de ordem bibliográfica, documental ou empírica podem ajudar a instruir a demanda no local de foco, e isto aconteceu nesta pesquisa. Os estudos de ordem empírica podem acontecer no próprio local de foco ou em uma situação tomada como referência (DANIELLOU, 2002, p.31) para o estudo da situação de foco.

De acordo com Vidal (2008), as demandas podem ser classificadas em três tipos:

- Demanda *provocada*: quando se pretende investigar uma determinada empresa ou núcleo, sem que para isso tenha sido solicitada investigação por parte delas;
- Demanda *gerencial*: quando a solicitação é feita por parte da área gerencial ou dirigente, a cerca de um problema de produção, de saúde no trabalho, de desempenho de um produto ou de eficácia

organizacional, ou seja, que se trata da versão que esta gerência tem para o problema; e

- Demanda *latente*: demandas existentes no local, mas não são percebidas pelos operadores, e sim pelo grupo de pesquisa.

As demandas apresentadas por esta pesquisa, no Núcleo da Rendeira da Vila de Ponta Negra, foram constituídas, inicialmente, a partir das seguintes demandas apresentadas na primeira dissertação de mestrado (BARROS, 2009) produzida pelo GREPE neste Núcleo:

- Demanda 01: Necessidade de que as rendeiras tenham o mínimo de habilidade com os desenhos dos moldes, pois as rendeiras do núcleo não têm prática em desenhar os riscos;
- Demanda 02: Necessidade de criação de novos produtos, principalmente modelagens mais adequadas. Inovar, mas sem descaracterizar a tradição da renda de bilro;
- Demanda 03: Necessidade de recuperação dos desenhos tradicionais repassados entre gerações de rendeiras, pois muitos estão se deteriorando;
- Demanda 04: Identificar a metodologia mais adequada a ser aplicada no repasse de conhecimentos para as rendeiras, a fim de difundir a arte;
- Demanda 05: Identidade Visual (Placa de sinalização, Folder, Banner, etc.);

A leitura desta dissertação e a descoberta das demandas ali apontadas provocaram na pesquisadora a necessidade de conhecer a atividade das rendeiras do Núcleo de Rendeiras da Vila de Ponta Negra. As primeiras visitas realizadas no Núcleo aconteceram em outubro de 2008 e contaram com o acompanhamento do autor da referida dissertação, que nos apresentou às rendeiras. Neste período deu-se início o processo de transição entre o pesquisador precursor, que se encaminhava para o encerramento de suas atividades no Núcleo, e duas novas pesquisadoras, que apenas iniciava um processo de pesquisa, através do qual passariam a interagir com as rendeiras no Núcleo durante os dois anos seguintes, como parte da formação no mestrado de engenharia de produção da UFRN.

Estas interações com as rendeiras fizeram parte do processo de construção social, previsto pela Análise Ergonômica do Trabalho, e deram cabo a um processo gradual de construção *de confiança*²⁶ entre o novo grupo de pesquisadores e as rendeiras.

Após confrontar as demandas anteriormente pesquisadas e elencar mais demandas, foi dado o passo de hierarquização destas, (gerencial, latente, provocada) com a finalidade de identificar as mais relevantes. Depois de hierarquizadas foi possível afunilar ainda mais o direcionamento destas para que assim fosse possível se chegar a duas importantes demandas, tratadas nas duas dissertações desenvolvidas pelas duas mestrandas do GREPE/PEP -2008 -2010:

- **Demanda 1:** Análise da metodologia (do processo) de Ensino da Renda de Bilro;
- **Demanda 2:** Necessidade de repasse da técnica de desenho para as rendeiras do Núcleo.

A partir das observações e das pesquisas anteriores do GREPE - 2006-2008 e da dissertação de Barros (2009), foi constatado que a maioria das rendeiras do núcleo não criavam novos produtos e desenhos e nem recuperavam os antigos moldes (papelões que contém o desenho da renda a ser reproduzido), pois não sabiam desenhar e dependiam de terceiros para executar esta etapa.

Neste íterim, surgiu uma instituição que financiou a Oficina de Renda de Bilro, ministrada pelas rendeiras D. Acácia e D. Hortênsia e realizada no Núcleo.

Foi a partir do surgimento desta Oficina de renda de bilro, promovida pelo Instituto FAL, que houve a adaptação do processo de ensino habitualmente praticado no núcleo (ensino tradicional). A demanda desta pesquisa surge então da necessidade de analisar as modificações ocorridas na metodologia de Ensino da Renda de Bilro

²⁶ **Construção de confiança:** como o próprio nome diz, esta fase marca o início do convívio, da relação de confiança dos pesquisadores com a população de trabalhadores pesquisada. No caso desta pesquisa, esta fase retratou a etapa de transição da equipe de pesquisadores anterior (que diariamente freqüentava o núcleo, e que as rendeiras já os conheciam muito bem), com a nossa equipe que passara a conhecê-las pessoalmente e elas a nós. Procuramos transmitir e manter ao grupo de rendeiras, a mesma confiança que elas tinham no grupo anterior.

4.2.4 Análise das Atividades

Definida a demanda ergonômica, a oficina de renda passou a ser acompanhada sistematicamente focando-se nas análises do processo de ensino-aprendizagem. Desta forma verificou-se que este apresentava problemas e carecia de melhoramentos.

As análises das atividades foram realizadas mediante aplicação dos métodos observacionais e interacionais. A observação da atividade é de suma importância para que se promovam análises. Porém, “se torna insuficiente para uma boa AET”. Desta forma aplicaram-se alguns métodos interacionais empregados em AET: entrevistas estruturadas, análise coletiva do trabalho (ACT), roteiros dinâmicos para realização de conversações e escuta ampliada.

As observações eram registradas manualmente e/ou através de máquinas fotográficas e filmagem e as análises se davam através de categorias de análise pertinentes à pesquisa.

As verbalizações das rendeiras decorrentes das interações e da escuta ampliada eram tabuladas através de matrizes de inclusão de comentários e tratadas de acordo com as categorias de interesse da pesquisa.

Para Vidal (2008, p.153) “a conversa-ação combina todos os procedimentos observacionais e interacionais numa perspectiva ampliada de AET”.

Para Ferreira (1998, p.85), a ACT é “um método de análise do trabalho no qual trabalhadores descrevem a sua própria atividade em situação de trabalho para outros trabalhadores e para pessoas externas à relação de trabalho”. Este método produz certo espanto nos trabalhadores, pois reúne num mesmo ambiente o grupo de trabalhadores e de pesquisadores (FERREIRA, 1998, pp. 86-87):

[...] quem sabe e fala são os trabalhadores; os pesquisadores só escutam e perguntam. Invariavelmente, isto também produz espanto num primeiro momento, porque é uma inversão da relação de poder predominante. Mas em seguida, representa um certo alívio para os trabalhadores. Para quase todos eles é a primeira vez na vida (e talvez a única) em que alguém se interessa pelo seu trabalho e pela sua rotina diária.

Verificou-se que na oficina de renda em curso todos os pontos básicos da renda eram reunidos num só papelão, aumentando a dificuldade de aprendizagem por parte dos alunos.

Com a participação das rendeiras, foram elaborados quatro exercícios e divididos os pontos básicos da renda, que foram separados em moldes distintos, com a intenção de que o aprendizado se desse através de um processo gradual de dificuldade. Este novo método de ensino-aprendizagem da oficina de renda foi sugerido e discutido entre as rendeiras D. Camélia juntamente com as rendeiras Instrutoras da oficina de renda, D. Acácia e D. Hortênsia, rendeiras do núcleo que possuem mais de 50 anos de profissão.

Concluída esta oficina de renda de bilro, foi realizada pelo GREPE (2008-2010) a oficina de desenho da Renda de Bilro, no Núcleo de Produção Artesanal Rendeiras da Vila. A ACT foi aplicada na oficina de desenho, para avaliar as aulas que eram ministradas por módulos, e se mostrou muito valiosa para analisar as dificuldades e propor sugestões de modificações ou adaptações na referida oficina.

A oficina de desenho possibilitou à autora desta dissertação, além de participar da elaboração e aplicação desta oficina, resgatar informações importantes quanto a Oficina de Renda de Bilro anterior. Assim, após o acompanhamento destas oficinas, foi possível analisar as informações para, propor a modelagem de uma Oficina Híbrida com o intuito de tornar o processo de ensino-aprendizagem da renda mais fácil e de propiciar o ensino do desenho conjuntamente com o da renda, com o mesmo propósito.

4.2.5 Recomendações e Cadernos de Encargos

As análises das atividades possibilitaram a compreensão e explicação dos problemas concernentes às oficinas de renda e de desenho, relacionando-os com as dificuldades das alunas no aprendizado da renda. Para melhorar o processo de ensino-aprendizagem foi formulado um conjunto de modificações no curso das oficinas de renda e de desenho, que culminou na formulação de um novo método de ensino aprendizagem da renda de bilro, denominado de *método híbrido*.

O gráfico 10 ilustra e sintetiza todas as etapas desta pesquisa realizadas no Núcleo das Rendeiras da Vila de Ponta Negra:

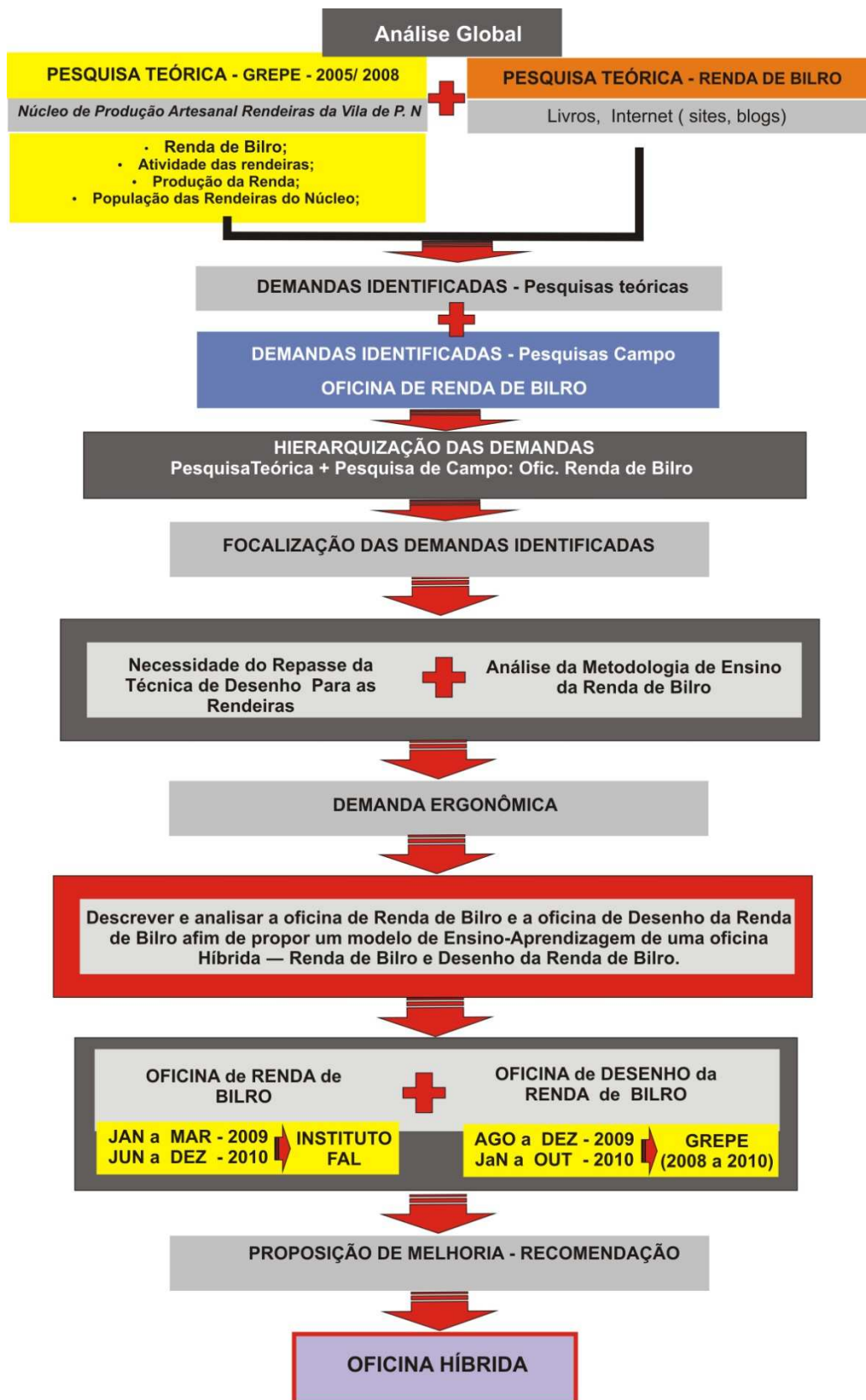


Gráfico 10 - Esquema ilustrativo da síntese das etapas da pesquisa.

Fonte: Elaborado pela autora.

CAPÍTULO 5

[OFICINA DE RENDA DE BILRO]

5.1 HISTÓRICO E DADOS GLOBAIS DA OFICINA DE RENDA DE BILRO

A Oficina de Renda de Bilro estava para ser iniciada em agosto de 2008, e teria a duração de um trimestre, época em que o coordenador do Projeto ARTES DA VILA²⁷, havia acertado com a rendeira D. Delma²⁸, uma das rendeiras do Núcleo bastante atuante e muito amiga de D. Acácia, as quais seriam as instrutoras da Oficina. Era com D. Delma que D. Acácia ia vender as rendas nas feiras de artesanato e fazia muitas de suas viagens. Porém, diante do súbito adoecimento de D. Delma, foi sendo adiado o início da oficina.



Figura 26 - D. Delma Rendeira do Núcleo de Rendeiras da Vila de Ponta Negra (*in memoriam*).

Fonte: Registrada por Kiko - Acervo GREPE.

²⁷ Em entrevista cedida no dia 04 de fevereiro de 2009, no Núcleo de Produção Artesanal Rendeiras da Vila. O Projeto ARTES DA VILA foi patrocinado pela COSERN, e teve como apoiador o instituto FAL, que contribui com o projeto dando o apoio institucional e toda parte de mídia e divulgação, através da lei de incentivo a cultura Câmara cascudo (patrocinado pelo governo do estado), com parceria da fundação José Augusto. O projeto tinha a duração de 12 meses e os cursos oferecidos foram: Artes em vidro (trabalhou com os vidros dos antigos medidores de energia cedidos pela COSERN); trabalhos com garrafas PET; grutas em pedras; balões decorativos; bordado rústico; crochê tunisiano; Renda de Bilro.

²⁸ Foi utilizado um nome fictício conforme já explicado anteriormente.

No final de dezembro de 2008, infelizmente ela veio a falecer, fato este que abalou todas as rendeiras do Núcleo, principalmente D. Acácia, que a tinha como uma filha e amiga. Durante este difícil período, a rendeira pensou em fechar o Núcleo e parar de render, porém D. Acácia relata que as aulas que passou a dar nas oficinas de renda e de desenho fizeram com que ela não desistisse de render,

eu ficava trabalhando direto, assim dava 12h [meio dia], assim 11h30 pras 12h, a finada chegava aqui, e ela trabalhava ali (apontou para o local), aí eu chegava, tinha dia que ficava só eu e ela, depois ia chegando, ia chegando, aí nós ficava [sic] aqui trabalhando, até umas cinco horas. De cinco horas, todo mundo ia embora, eu ainda ficava mais ela. [...] se não fosse [sic] estas aulas, depois que a finada foi, meu filho também, eu não tinha aguentado não... [pausa]... Eu gosto muito de tá [sic] aqui. (D. Acácia).

Foi então que no período de 14 de janeiro a 30 de março se deu início à oficina de Renda de Bilro, para um grupo de 10 alunos, (a maioria vinda de outros bairros da cidade). No decorrer das aulas, houve a desistência de dois alunos, ficando até o final dos três meses de oficina um total de oito alunas. Destas oito alunas, 50% estavam na faixa etária entre 51 a 60 anos, como mostra o gráfico a seguir:

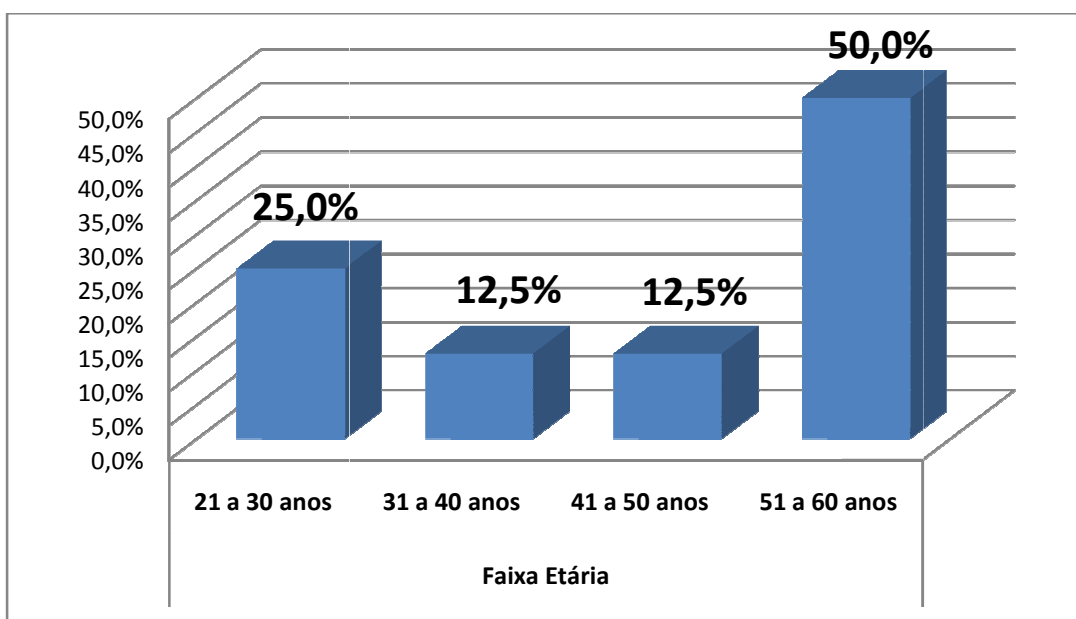


Gráfico 11 - Faixa etária dos alunos da Oficina de Renda de Bilro.
Fonte: Elaborado pela autora

As aulas foram ministradas por duas rendeiras experientes do Núcleo, D. Acácia e D. Hortênsia²⁹ (rendeira outrora integrante do núcleo, porém atualmente renda em sua residência e não no Núcleo, e por vezes deixa suas rendas para serem vendidas por D. Acácia), que se dividiram inicialmente cada uma, se responsabilizando pelo ensino de cinco alunas.

A pretensão inicial das rendeiras que ministrariam as aulas era a de dar continuidade ao processo de repasse da técnica com a qual aprenderam a partir do método tradicional - quando elas eram ainda crianças, há cerca de 60 anos, pelas antigas gerações de rendeiras. Elas iriam apresentar um único molde às alunas, que continha num só desenho, vários pontos iniciais da renda.

Neste sentido, é importante explicar que, para se confeccionar a Renda de Bilro, é necessário seguir o molde ou “cartão de pique”, que contém o desenho da renda a ser feita. Esse desenho é elaborado tradicionalmente a mão livre e na grande maioria das vezes apenas se copiava os motivos de antigos moldes, num processo bem artesanal chamado “picar” ou “furar o papelão”, nos locais onde são inseridos os alfinetes para a colocação dos pares de bilros, que se entrecruzarão para a confecção da trama.

Contudo, de acordo com as antigas pesquisas realizadas pelo grupo GREPE 2006/2008, houve um processo de modificação na produção destes desenhos realizados por uma rendeira aprendiz, conhecida como Dona Camélia³⁰.

D. Camélia sentiu dificuldades quando iniciou o aprendizado da técnica tradicional, (há nove anos, quando possuía seus 53 anos).

aí eu vim aqui no núcleo. Só que o método deles é muito complicado pra mim. Porque aqui no núcleo, elas davam logo uma renda pra você fazer um bico e aí nesse bico tinha todos os pontos, tinha trocado, tinha traça, tinha o pano, tinha, tinha tudo e você não conseguia porque é muito difícil. A renda não é brincadeira é uma coisa assim que é difícil pra você fazer tudo que tem na renda de uma vez. Eu não consegui. (D. Camélia³¹).

²⁹ Utilizamos nomes fictícios das Rendeiras citadas nesta pesquisa, com exceção da rendeira Vó Maria.

³⁰ Nome fictício.

³¹ Rendeira colaboradora da oficina de renda e instrutora da oficina de desenho,

Decidida a dar continuidade ao seu aprendizado de Renda de Bilro, ela pediu a uma amiga e filha de rendeira para que a ensinasse de uma forma mais fácil, desta forma ela, juntamente com sua amiga e professora de renda, observou que o aprendizado seria mais fácil se os pontos fossem aprendidos separadamente.

então a Zínia, ela dava aula de reforço e assim mesmo ela ainda me ensinava a fazer a renda e muito carinhosa, muito querida. Aí ela concordou e eu fui assim, primeiro eu fiz o trocado, depois eu fiz a traça, depois eu fui aprender a fazer o pano, o coentro. Quando eu aprendi toda essa coisa aí eu fiz um caminho de mesa, que elas não falam caminho, aqui eles falam outro nome. Bom, foi aí que eu fiz um pano de mesa, com oito aulas eu consegui fazer um pano de mesa. Aí eu comecei sem colocar agulhinha, a agulhinha for coisa minha também, aí eu via que ficava fechada né? Eu puxava a linha muito, daí eu comecei. Aí eu comecei com aquelas agulha pra abrir a traça, então aquilo ali foi uma coisa que eu senti, cada necessidade que eu sentia, eu fui adaptando e foi com esse método que eu ensinei vocês é por isso que não saiu quase ninguém, todo mundo ta conseguindo fazer a renda. (D. Camélia).

D. Camélia então elaborou uma malha, a fim de deixar simétricos e alinhados os motivos desenhados, e ela mesma, nas suas próprias palavras, “quebrou a cabeça”, no entendimento de como confeccionar novos desenhos, de forma que desse certo. Como cita em sua fala a seguir:

e eu queria outros riscos, outras coisas que eu não tinha noção do que era o risco de renda, aí quando eu cheguei, eu vi os papelão [sic] assim tudo comido de barata. Eles faziam assim com farinha de, de... molhava farinha de trigo colava, é um grude, é. E a barata passava e tinha uns desenho muito bonito, antigo [sic], mas eu nem via mais, tava assim tão, só via as agulha, a furadinha de agulha e não dava mais. Eu mesma não conseguia fazer aquilo. (D. Camélia).

D. Camélia então fez testes com novos desenhos. Testes esses que foram validados, como se fala na ergonomia, com as antigas rendeiras, que não sabiam criar novos desenhos, apenas “picar”, ou seja, furar novos moldes tomando como base um já existente. Ver figura a seguir:



Figura 27 - O cartão sendo furado ou “picado”.

Fonte: Registrada pela autora.

De forma geral, para iniciar o desenho da renda de bilro, é necessário ter antes alguma noção de como rendar os pontos básicos. Desta forma, constrói-se uma malha com linhas na diagonal, feita sobre um papel rígido conhecido como papel *Paraná* (ou papel rígido similar a ele), entrecruzando-as. (ver ilustrações a seguir):



Figura 28 - Representação da malha para criação do desenho da renda, do molde contendo o desenho e do molde ou cartão de pique fixo na almofada, respectivamente.

Fonte: Registrada pela autora.

Após a construção da malha, desenha-se dentro destes quadrados, ou seja, nos “módulos”, a representação gráfica, dos pontos existentes da Renda de Bilro. Depois de desenhado no papel *paraná*, ou papel rígido, fazem-se os furos nos locais

onde os pontos irão ser tecidos. Nesses furos, são fixados alfinetes que servem como guias para os bilros, que são onde estes são presos e, a partir daí, inicia-se o processo de confecção da renda.

Foi então na época em que a rendeira D Camélia estava iniciando seu aprendizado da renda no núcleo, que chegou uma senhora dona de um *pet shop*, querendo saber se as rendeiras do núcleo aceitavam encomendas de roupinha de cachorro que ela queria confeccionar em renda. Acostumadas a rendarem peças complexas, as experientes rendeiras não se interessaram pela proposta. Diante da recusa, D Camélia aceitou o desafio e foi nessa situação que ela resolveu então tentar criar, desenhar e render tal peça, como já mencionado, e conforme conta a própria rendeira em ação conversacional³²:

aí eu acho que fazia uns três meses que eu tava aqui trabalhando com elas, chegou uma pessoa e queria uma roupinha de cachorro, e elas falaram que não tinha como fazer, aí eu peguei aquela roupinha de cachorro, olhei e falei pra mulher: “você deixa essa roupinha comigo?” E ela falou: “deixo”, eu falei: “vou ver se eu consigo fazer”. Todo mundo riu. Aí eu peguei aquela roupinha e fui embora pra casa, eu fiquei um mês e meio na minha casa sozinha, eu desenhei, eu comprei o papelão, eu desenhei ele, aí eu via, eu desenhava um, mas eu pensava: “bom mas se a linha vem, porque a linha tem que ter sequência”, você não pode arrebentar, você até pode tirar algumas, quando é uma peça assim que a gente acontece... tem que sumir com uma carreira de linha, você até pode tirar, mas é bom evitar, porque tem que dar nó, tem que amarrar, e a renda não fica uma coisa bonita. Então eu desenhei essa roupinha de cachorro, mas era assim, eu vi que tinha lugar que não tinha sequência. Aí eu disse: “epa! Peraí” [sic], tem alguma coisa errada. Aí fui, acho que eu desenhei umas quatro, quatro roupinhas, eu fiz. Porque fazer a roupinha era fácil: eu colocava lá o tecido, riscava em volta e a roupinha tava ali. Agora eu tinha que desenhar ali dentro, criar a malha, criar a renda. Aí umas quatro eu desenhei. Aí eu consegui. Quando eu, eu sentei lá e fiquei fazendo, fazendo, fazendo, e eu sumi do núcleo, elas não viam nada: “vai voltar nunca mais, com essa roupinha de cachorro, aonde né?” Aí fiquei de um mês e meio a dois meses fazendo, aí eu fiz a roupinha, aí desenhei uma rendinha muito bonitinha, coloquei tudo franzidinho em volta, mas a roupinha ficou linda, linda, linda. Aí foi assim, quer dizer, foi um desafio. Eu sou uma pessoa assim, quando eu vejo uma coisa eu penso: “acho que eu faço”, entendeu? Aí eu vou pra casa, se eu tiver uma amostra, assim uma coisa assim, eu faço. Se eu tiver o artesanato,

³² Ação conversacional realizada pela autora deste projeto juntamente com uma aluna de graduação e integrante do GREPE em 06 de agosto de 2009.

me mostrar, eu perceber como faz eu chego em casa e eu faço. (D. Camélia³³)

Assim, ocorreu esse fato que teria grande importância para esta oficina, que foi um ensaio de adaptação do método de ensino tradicionalmente repassado pelas rendeiras do Núcleo. Esta modificação no repasse da técnica de ensino ocorreu pelo envolvimento de D. Camélia, quando ainda considerada aprendiz pelas instrutoras do núcleo, iniciou o próprio aprendizado do desenho e, baseando-se nas etapas dos pontos que havia aprendido, desenhou seu próprio molde.

Foi então a partir desta experiência que D. Camélia contribuiu com as rendeiras experientes e então instrutoras das aulas de renda para a elaboração dos quatro exercícios e, desta forma, do novo método de ensino adotado e ensinado nestes três meses de aulas de Renda de Bilro:

aí eu tive coragem de chegar [...] e dizer: “tá errado, tá muito difícil, não é assim”. Quando elas for [sic] fazer esse curso é... ninguém vai aprender. [...] Como que vai fazer um bico desse tamanho aqui na primeira aula? [...](D. Camélia).

foi aonde eu peguei esse método meu e, graças a Deus, deu certo, né? As menina tão [sic] tudo fazendo um monte de coisa. Na escolha dos desenhos, eu acho que não teve critério nenhum. Eu pensei assim: [...] “pra começar tem que aprender a trançar, porque se você não aprende trança, você não aprende nada”. Aí a segunda coisa: v “vamo [sic] por parte”, quer dizer, eu desenhei, eu criei e eu não pedi assim, eu chegava lá e dizia: “ó, fez o trocado, fez a traça, agora vamo [sic] fazer o trocado, a traça e o pano”. Lembra que foi assim. Depois você faz o trocado, a traça, o pano e uma outra coisa, pode ser um coentro, uma outra coisa, assim. Foi dessa maneira que aí passamo [sic] pro biquinho (D. Camélia).

eu não fiquei perguntando muito pra elas, porque elas também ficavam assim meia... Elas tinha aquele jeito delas de ensinar. Então quando eu fazia o papelão e eu mostrava, dizia: “olha, aqui, assim, ah não tá certo”. Elas não impuseram nada. E graças a Deus deu o que deu (D. Camélia).

Diante da dificuldade em aprender pelo método repassado tradicionalmente, ela propôs uma sistematização do ensino caracterizado pelo parcelamento dos

³³ Ação conversacional realizada no dia 06 de agosto de 2009, no estabelecimento de sua propriedade, situado ao Lado do Núcleo de Produção Artesanal rendeiras da Vila de Ponta Negra.

pontos básicos da renda, em etapas de dificuldades crescentes, aprendidos separadamente. Em contraposição à forma antiga, em que era apresentado às iniciantes no aprendizado um único molde, o qual continha vários pontos básicos da renda, todos compondo um mesmo desenho. Ver gráfico12:

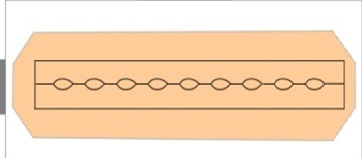
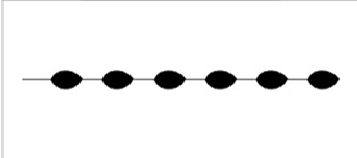
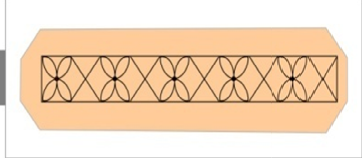
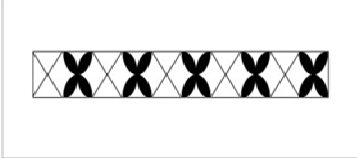
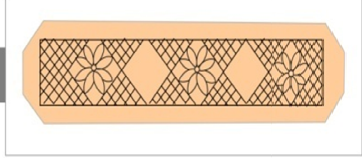
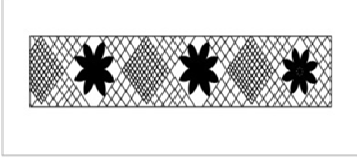
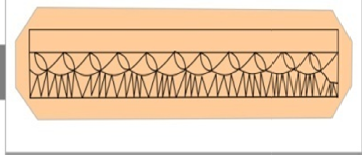
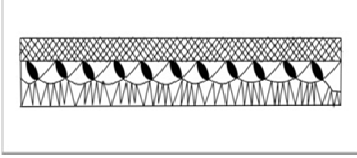
	Molde	Peça Rendada	Descrição
1			02 pares de bilros = 04 bilros utilizados Pontos: Traça e trança
2			08 pares de bilros = 16 bilros utilizados Pontos: Traça e trança
3			24 pares de bilros = 48 bilros utilizados Pontos: Traça, trança e pano
4			16 pares de bilros = 32 bilros utilizados Pontos: Traça, trança pano e ponta.

Gráfico 12 - Exercícios aplicados na oficina de Renda de Bilro.

Fonte: Elaborado pela autora.

Desta forma houve modificações a partir do no método de ensino tradicional, através da reunião desta recente rendeira (que aprendeu com uma filha de rendeira), com as duas rendeiras experientes (instrutoras), com que planejaram este método modificado de ensino coletivo e sistematizado aplicado nas oficinas. Ver gráfico13:

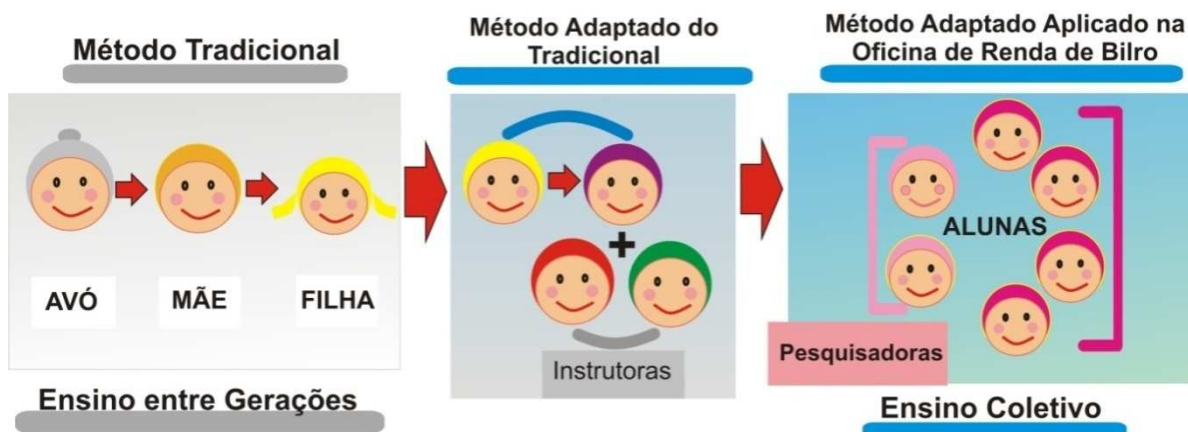


Gráfico 13 - Esquema ilustrativo de como ocorreram às modificações para a formação do novo método de ensino da renda de bilro no núcleo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim observam-se algumas diferenças entre o ensino tradicional e este adaptado, tais como:

- **No ensino tradicional:** Segundo relatos, havia o interesse das filhas e netas das rendeiras para aprender ainda criança, com o objetivo de produzir as peças para vender, assim como inspiradas no exemplo de suas mães, avós, tias, irmãs mais velhas. As rendeiras antigas ficavam produzindo suas rendas e não se mobilizavam para ensinar: isto acontecia em períodos curtos e por insistência e observação da criança.
- **No ensino realizado nas oficinas:** A rendeira instrutora ensina para um grupo de alunas e, desta forma, seu trabalho é o ensino da renda, sem que elas produzam suas rendas em tais períodos e sim estejam voltadas para o ensino da renda ao grupo. Além disso, contava-se com o ensino sistematizado, diferentemente do tradicional, que se dava de forma aleatória e conforme a decisão de cada rendeira antiga que resolvia passar algumas dicas as jovens aprendizes, geralmente crianças e parentes das rendeiras.

5.2 ANÁLISE DA OFICINA DE RENDA DE BILRO

Segundo o coordenador do curso, o objetivo da oficina era o de ensinar a técnica da Renda de Bilro a pessoas interessadas, e capacitá-las para serem multiplicadores deste artesanato tradicional.

Com esta nova concepção foi possível aprender em etapas sequenciadas de forma que só se passava para o exercício seguinte na medida em que se dominava o exercício anterior, cabendo à instrutora avaliar a qualidade destes pontos e verificar a destreza da aprendiz em relação a absorção da técnica. Houve um elemento bastante positivo que foi o respeito ao ritmo de cada aprendiz, de forma que se respeitavam as diferenças de tempo de aprendizagem e de destreza de cada aluno.

Outra importante característica observada foi a faixa etária dos alunos, que variava entre 21 a 60 anos. Percebeu-se que as rendeiras instrutoras esperavam sempre uma resposta mais ágil dos alunos no que se refere à absorção da técnica, já que havia uma comparação, por parte das instrutoras, com a época de aprendizado delas, que aprenderam ainda crianças, entre sete a dez anos, tendo em vista que a resposta cognitiva é mais rápida nesta fase.

Foi possível a participação das duas pesquisadoras do GREPE – 2008/2010, que tem as pesquisas voltadas para as Rendeiras de Bilro da Vila de Ponta Negra, compartilharem das experiências do aprendizado da renda de bilro e das vivências deste grupo de rendeiras, entendendo de uma forma situada e integral o cotidiano, as dificuldades pessoais e do grupo de alunas em relação ao aprendizado da técnica, bem como observar as diferentes formas de transferência de conhecimento das duas rendeiras professoras responsáveis pelo ensinamento desta arte-ofício secular.



Figura 29 - Pesquisadoras (GREPE), na aula de Renda de Bilro.

Fonte: Registrada pela integrante GREPE.

Durante as aulas, as rendeiras instrutoras se concentraram apenas no ensino, parando a produção de suas próprias peças neste período, ficando apenas três rendeiras integrantes do Núcleo dando continuidade a produção das peças para a comercialização. Diante de tal modificação, a rendeira D. Acácia, relatou a grande satisfação em ver a movimentação das pessoas no local com a realização da oficina.

Foi observado também que o tempo estipulado pela instituição promotora da oficina para a realização dos quatro exercícios (apenas três meses), se mostrou insuficiente para o aprendizado completo das técnicas básicas. Neste período, pôde-se conhecer apenas uma parte dos pontos básicos. Nesta oportunidade, constatou-se que para um aprendizado completo é preciso aprender a “ler” o desenho e saber iniciar o processo, ou seja, calcular a quantidade de bilros necessários para a produção e como e onde inseri-los.

Além disso, é imprescindível a continuidade através da prática e dedicação diária para completar o aprendizado, pois para se ter o completo domínio da técnica e saber rendar qualquer peça e os inúmeros pontos existentes, tem-se que ter um tempo no ofício próximo aos das antigas rendeiras, que têm uma média de 60 anos na atividade.

5.3 ORGANIZAÇÃO DA OFICINA

As aulas foram planejadas para dez alunos (as), sendo confeccionadas as almofadas, os cavaletes, os bilros (inicialmente duas dúzias para cada aluno), as linhas e moldes com os desenhos das rendas preparados para os três meses de curso contendo quatro exercícios com as primeiras lições dos pontos básicos.

A turma foi composta por nove mulheres e um homem, com habilidades diversas para artesanato e renda, alguns deles nunca haviam tido contato com a renda de bilro. A disposição das almofadas no espaço foi pensada como mostra a figura 33, com cinco almofadas de um lado da sala e as outras cinco opostas e de frente umas para as outras.



Figuras 30 e 31 - Organização do espaço - almofadas postas em fileiras.

Fonte: Registradas pela autora.

Para o início das aulas, foram utilizados os materiais básicos utilizados na confecção da renda: linha de algodão e o molde contendo o desenho da renda a ser tecida (neste caso foram utilizados os quatro exercício elaborados para as aulas).

Os instrumentos necessários para dar início à atividade de rendeiras são: Bilros (de madeira), espinhos (de cardeiro ou xique-xique), alfinetes (de cabeça redonda) e tesoura. A seguir ver gráfico. 14 com ilustração referente aos materiais e instrumentos necessários para início das aulas de renda.

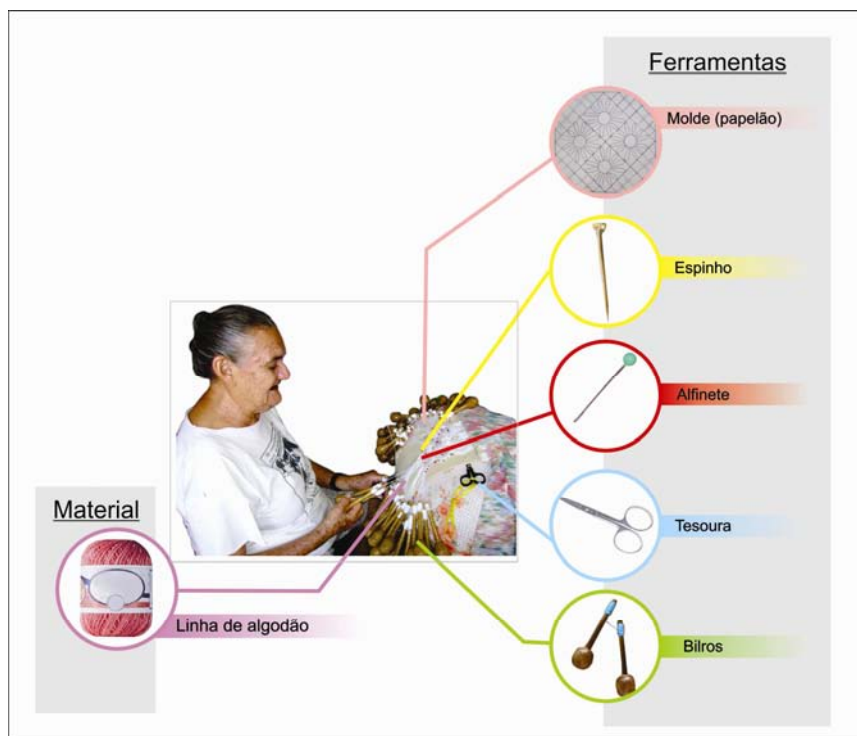


Gráfico 14 - Materiais e ferramentas utilizados pelas rendeiras na realização de sua atividade.

Fonte: Adaptado de Almeida (2010).

A sistemática do ensino inicialmente configurou-se com cada instrutora se responsabilizando pelo ensino de cinco alunos (as), de uma fileira e cinco da outra fileira.



Figuras 32 e 33 - Instrutoras auxiliando as alunas, até então, organizadas em fileiras.

Fonte: Registrada pela autora; registrada por integrante do GREPE.

No decorrer das aulas, as instrutoras passaram a atender ambos os lados das fileiras, de acordo com o grande número de solicitações das alunas, assim como as próprias alunas passaram a organizar-se não mais em fileiras, mas agrupadas. Ver figura 33 a seguir:



Figura 34 - Alunas organizadas aleatoriamente e não mais em fileiras.

Fonte: Registrada pela autora.

Desta forma ocorreu uma nova organização do espaço, de forma que as alunas voluntariamente posicionaram suas almofadas aleatoriamente, sem seguir o padrão organizado inicialmente em fileiras. Já que agora não havia mais a orientação de instrutoras por fileira, e sim conforme havia solicitação das alunas,

no início era uma instrutora para cada cinco alunas, só que não permaneceu assim. A atual iluminação e a ventilação fizeram com que as alunas se agrupassem na frente do núcleo, além da afinidade entre elas. (Íris - Aluna da oficina de renda).

Em determinados momentos, o fato de uma mesma aluna ser ensinada por duas instrutoras diferentes, mostrou-se como um aspecto que dificultou o entendimento das alunas em relação ao repasse da técnica. Pois, devido às formas diferentes de executar determinados pontos da renda e técnicas, uma mesma aluna

era ensinada por duas rendeiras de formas diferentes, o que por várias vezes instaurou confusão e dificuldade de aprendizado. Sobre este assunto algumas alunas deram sua opinião, veja a seguir algumas falas:

[...] eu, por exemplo, eu comecei com a instrutora D. Acácia, mais aí depois eu senti mais uma relação de proximidade com a instrutora D. Hortência; não que eu prefira uma à outra: se tiver uma ou outra eu vou perguntar, se eu tiver dúvida, do mesmo jeito, mas eu acho que aconteceu isso. E por outras necessidades que às vezes a instrutora D. Hortência, não pode vir porque foi ao médico, alguma coisa.. É porque ainda tem a questão da cooperação entre elas. Eu não acho que tenha sido ruim não isso, sabe? Porque criou uma própria dinâmica de um se ajudar o outro [sic]. "(Girassol - Aluna da oficina de renda)

não, eu acho que separaria muito, se continuassem as fileiras, e assim misturou o ensinamento de uma e o ensinamento de outra, misturou tudo e eu acho bom, porque não fica aquela coisa separada, né, Angela? E talvez até a turma ficasse separada, e no entanto não, hoje a turma é toda uma ajudando a outra, né?" (Jasmim - Aluna da oficina de renda).

senti um pouco, porque cada uma tem o seu modo diferente, eu já aprendi só o da instrutora D. Acácia, já o da instrutora D. Hortência já é diferente, então só gravei o da instrutora D. Acácia que ela tem um formato de amarrar o bilro diferente. (Lírio - Aluno da oficina de renda).

A comunicação entre instrutor e aluno depende de uma boa relação entre os dois; dependendo como esta comunicação se estabeleça, pode comprometer o aprendizado e o ensino de alunos X instrutor, assim como cita Schön (2000, p.130) em sua fala a seguir:

instrutor e aluno podem fechar-se em um ciclo de má comunicação. Seu diálogo pode levar a aprendizagem ou um impasse na aprendizagem, dependendo da postura que cada um assume em relação ao outro, do universo comportamental que criam para si próprios e especialmente da habilidade do instrutor em estimular um relacionamento aberto à investigação.

Conforme se depreende dos relatos de alunos acima citados, esse desentendimento fez com que alguns solicitassem mais uma determinada instrutora que a outra, de acordo com sua identificação pessoal. Como as duas instrutoras passassem fiscalizando os exercícios dos alunos, quando percebiam que estavam executando de forma diferente da que ela ensinava, a instrutora prontamente corrigia a aluna, ensinando de seu jeito. Porém, às vezes, o procedimento estava correto, somente executado da forma que a *outra* instrutora havia ensinado. Desta forma, por cada uma ter suas próprias características de ensino, e de repassá-lo, as alunas eram vez por outra confundidas e acabavam por escolher a forma mais simples de fazer, de acordo com sua ótica.

é porque uma ensina de outra forma e a outra de outra, pra quem tá começando, complica um pouquinho, né? Porque é bom você chegar e ficar só de um jeito, aí depois que você já sabe bem daquele jeito, aí você mostra outra maneira de como pode ser feito. (Jasmim - Aluna da oficina de renda).

aí, falando um pouco da questão da metodologia, assim, de uma e de outra, assim, é a questão mais da paciência, né? Não que uma seja melhor que outra, cada um tem a sua, né? Importância ali dentro. Só que a instrutora D.Hortênsia ela tem assim mais a paciência, né? De entender que é um processo, né? (Girassol - Aluna das Oficinas de Renda e desenho da Renda).

Outro fator também observado devido à grande solicitação dos alunos foi a cooperação e o prazer pelo ofício das rendeiras que constituem o núcleo. Enquanto a aula era ministrada, as três outras rendeiras do núcleo davam continuidade à sua produção habitual.

Porém, quando havia muita solicitação dos alunos e as duas rendeiras instrutoras estavam ocupadas, as outras rendeiras se dispunham voluntariamente a oferecer ajuda. É interessante notar que uma delas é muda e mesmo assim interage de forma a ser compreendida pelos alunos.



Figuras 35 e 36 - Cooperação das rendeiras do Núcleo com as alunas da oficina.

Fonte: Registradas pela autora.

E também, à medida que as alunas iam aprendendo, se dispunham a tirar dúvidas das outras colegas, conforme a permissão das instrutoras,

hoje mesmo eu fui lá e a tinha uma aluna não sabia fazer o coentro, a instrutora D.Hortênsia estava ocupada e eu fui lá e perguntei, eu posso ir lá ensinar, e ela disse vá, vá lá... Aí eu fui e ensinei o coentro. Também pra mim eu perguntei umas cinco vezes para aprender a fazer o coentro, aí eu disse à instrutora D. Hortênsia, venha cá, me ensine de novo, porque ele é meio complicadinho. Mas depois que aprende, vai embora. (Jasmim - Aluna da Oficina de renda e de desenho da Renda).

Os recursos utilizados durante a realização das aulas foram os materiais e utensílios específicos da renda, como já mencionado anteriormente.

A oficina inicialmente começou com uma turma e posteriormente abriu nova turma, nos seguintes dias da semana: terça e sexta e quarta e quinta, e horários das 14 às 17h.

Os exercícios foram elaborados com níveis de complexidade crescente, indo dos pontos básicos (traça e trança) aos mais complexos. Nessa metodologia, os desenhos e a confecção dos moldes foram todos elaborados por uma das rendeiras do núcleo a partir da troca de informações com as duas outras rendeiras instrutoras

e antigas no ofício. Muito embora esta rendeira colaboradora D.Camélia, não tenha sido remunerada, ela teve papel crucial para a continuação da oficina de Renda de Bilro.

À medida que o grau de dificuldade aumentava, devido às particularidades de cada desenho, aumentavam as quantidades de bilros existentes, exigindo da aluna mais concentração e destreza. Nestas fases de transição de um exercício para outro, surgiam muitas dúvidas, e as duas instrutoras individualmente se dirigiam aos alunos para demonstrar como se fazia. Desta forma iniciava-se uma *conversa*ção reflexiva com a situação, assim como aborda Schön (2000, p.123),

[os alunos] escutam, e refazem sua concepção do problema, experimentos imediatos, detecção de conseqüências e implicações, respostas à situação e resposta a resposta que constitui uma conversação reflexiva com os materiais de uma situação, o talento artístico com caráter de design de uma prática profissional.

Na primeira aula, as instrutoras ensinaram os primeiros passos da produção: elas encheram os bilros (sentido anti-horário), furaram o molde para fixá-los na almofada, colocaram os pares de bilros no molde com alfinetes, iniciaram a trama para os alunos darem continuidade, como mostra o gráfico 15. Nesta aula também foi ensinado o “trocado”, movimento feito com os bilros para confecção da trama.

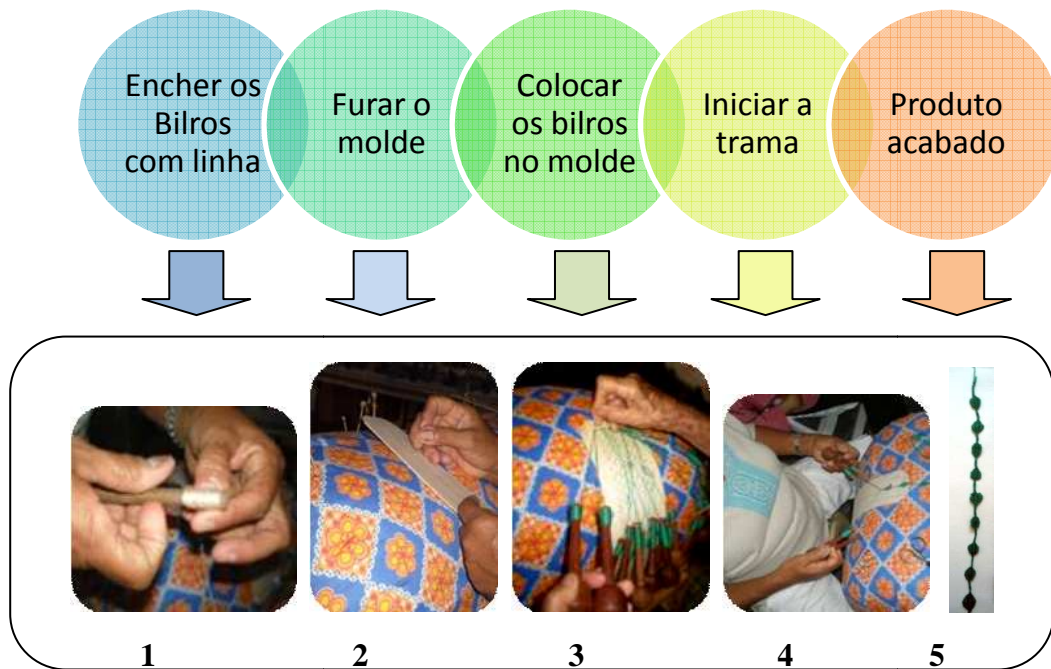


Gráfico 15 - Etapas para dar início aos exercícios

Fonte: Elaborado pela autora.

A cada exercício, a complexidade aumentava, uma vez que havia a inserção de pontos diferentes em um mesmo desenho e, a cada novo desenho, o número de bilros a serem manipulados era maior. Sobre a sequência gradativa de dificuldades dos exercícios, algumas alunas da oficina deram sua opinião, a seguir:

é sempre um desafio, porque cada vez que você vai, terminou aquele desenho, assim, também era legal isso, porque não ficava só a mesma coisa. Você já tinha um outro desenho que já lhe dava um desafio, né? De você, né? A partir do que você já tinha, já começar outra, um outro nível de dificuldade maior. Porque também quando você pega um exercício que ele vai se repetindo muito, aí fica cansativo, né? (Girassol - Aluna da oficina de renda).

os exercícios com dificuldade aumentando gradativamente são muito importantes. A passagem para cada etapa era uma vitória. Foi um grande estímulo, sentia que eu estava evoluindo. (Íris - Aluna da oficina de renda).

A respeito do método de ensino aprendido tradicionalmente (há mais de 60 anos), e este novo método desenvolvido para a oficina de renda, a rendeira D. Acácia destaca em sua fala:

agora, Angela, do jeito que a gente ensina hoje é melhor de que quando eu aprendi. Você sabe por quê? Quando eu aprendi não existia papelão riscado, só os buraco [sic]. A gente fazia pelo jeitinho... Uma comparação: se era meia pancada, tinha um paninho no meio, era só o furo. E a gente aprendia per aquele jeito: a pessoa ensinava, fazia aquele pedacinho, e per aquele pedacinho a gente olhava e fazia. Per aquele buraco. E hoje é riscado, é tudo direitinho, separadinho, cada quadrado separado. A gente usa aquele lindo desenho, e pelo visto, não erra, não.

Ver na figura 37, a seqüência dos quatro exercícios aplicados na oficina de renda de bilro:

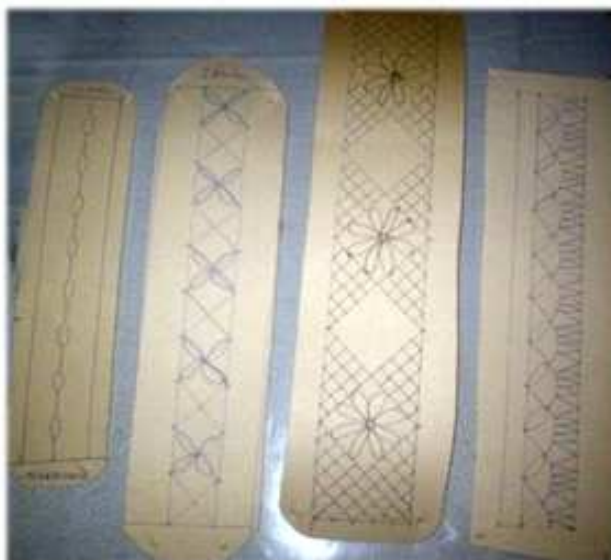


Figura 37 - Exercícios da Oficina de Renda de Bilro - seqüência gradativa de dificuldade (da esquerda para a direita).

Fonte: Registrada pela autora.

A passagem para o exercício seguinte estava condicionada ao aprendizado da técnica e à qualidade da trama do anterior, havendo flexibilidade no tempo de

aprendizagem para cada aluna em cada etapa, de forma a existirem em cada turma alunos executando exercícios de complexidade diferente.

5.4 DESCRIÇÃO DOS EXERCÍCIOS APLICADOS

5.4.1 Primeiro Exercício

O primeiro exercício aplicado na oficina foi o da iniciação dos pontos (traça e trança) e do movimento básico intitulado “trocado”. Antes, porém, de dar início ao exercício, houve a explicação de como deveriam ser enrolados os bilros, (no sentido anti-horário, ou seja, segurando um bilro com a mão esquerda, enrola-se a linha na haste do bilro, segurando uma das pontas da linha com o polegar da mão esquerda e rotacionando a sua mão direita na direção do seu corpo).



Figuras 38 e 39 - Primeiro exercício sendo confeccionado.

Fonte: Registrada por Juliana Almeida e pela autora, respectivamente.

Para dar início ao primeiro exercício, foram utilizados quatro pares de bilros. A instrutora, antes de fixar o molde na almofada (utilizando 04 espinhos de xique-

xique), furou o molde nos locais para a colocação dos alfinetes e nestes presos os pares de bilros.

Ao final do molde, a instrutora “levanta” a renda já feita para o início do molde e prende o final da renda no início do desenho com o alfinete, para dar prosseguimento a confecção da trama, até que é chegada a hora de fazer as amarrações finais (acabamento) para retirar a renda já acabada do molde e dar seqüência aos outros exercícios. A evolução do aprendizado das alunas era avaliada de acordo com a qualidade das traças produzidas, desta forma, passava-se para o próximo exercício ou continuava-se no mesmo.

A previsão das instrutoras para o aprendizado deste exercício foi de duas aulas (uma semana), porém a maioria das alunas concluiu em quatro aulas (duas semanas). Ver gráfico 16, esquema do primeiro exercício.

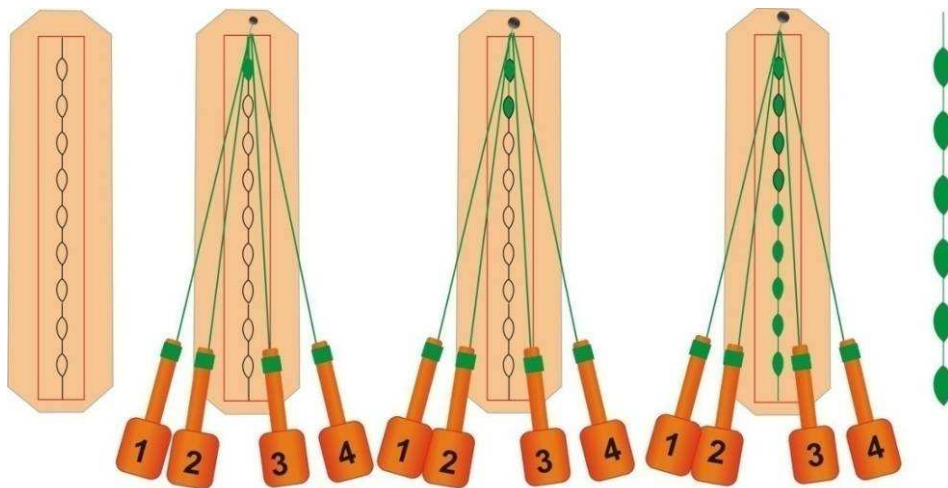


Gráfico 16 - Representação do primeiro exercício: molde, execução e finalização (produto acabado).

Fonte: Elaborado pela autora.

5.4.2 Segundo Exercício

O segundo exercício aplicado na oficina foi ainda utilizando os pontos “traça” e “trança” do primeiro exercício, com a incorporação da união das traças para a formação de uma “flor” com quatro “traças”. Antes, porém de dar início ao exercício,

a instrutora fixou o novo molde na almofada com os espinhos (xique-xique), e após este procedimento, iniciou colocando os pares de bilros.



Figura 40 - Segundo exercício sendo confeccionado.

Fonte: Registrada pela autora.

Desta vez, houve o aumento de quatro pares do exercício anterior, para oito pares neste novo exercício. Este exercício compreendia a confecção de um “entremeio” (caracterizada por estar entre dois panos). Neste exercício, a dificuldade foi reduzida em relação ao manuseio dos bilros, pois já havia sido exercitado no exercício anterior, mas a união das traças para a formação da flor gerou muitas dúvidas e foi necessário o auxílio constante das instrutoras. Este exercício teve a duração de quatro aulas (duas semanas).



Gráfico 17 - Esquema do molde, execução e o segundo exercício finalizado.

Fonte: Elaborado pela autora.

5.4.3 Terceiro Exercício

O Terceiro exercício também foi a confecção de um “entremeio”, só que mais largo e foram introduzidos dois outros pontos denominados de: “torcido” e “meia pancada”. Assim como no exercício anterior, também havia a junção de traças para a formação de uma flor, só que esta contendo oito traças, fato este que gerou muitas dificuldades pela complexidade da junção. Houve também o acréscimo de mais pares de bilros, aumentando de oito pares do exercício anterior, para doze pares neste exercício. Todas as alunas sentiram dificuldade no ponto *meia-pancada*.

Para as instrutoras, a previsão para as alunas concluírem este exercício era de duas aulas (uma semana), mas, diante das dificuldades, a duração foi de oito aulas (quatro semanas).

Pela complexidade do ponto *meia-pancada*, foi necessário ensiná-lo à parte, de forma que a rendeira D. Camélia, (rendeira colaboradora desta oficina que foi instrutora na oficina seguinte de desenho) desenhou a parte em um papelão este ponto para ser exercitado, antes de retornar para o exercício três.

Estas aulas extras foram dadas apenas para algumas alunas que quiseram reforçar o aprendizado deste ponto. As demais alunas deram continuidade ao

exercício sem exercitar a parte. A seguir na figura 40, observa-se o ponto *meia-pancada* sendo realizado à parte:



Figura 41 - Ponto *meia-pancada* sendo exercitado em separado para depois ser executado no exercício.

Fonte: Registrada pela autora.

Assim que houve o entendimento deste novo ponto, “*meia-pancada*”, as alunas deram continuidade ao terceiro exercício, executando-o desta forma com mais facilidade e destreza, assim como relatam duas das alunas da oficina e uma instrutora, com as seguintes falas:

Por exemplo naquele exercício da rosinha, num tinha uma parte que era a rosinha, não tinha uma parte que era um paninho? Aí lá na praia eu fiz só o paninho, só paninho, só paninho, até aprender. Então eu acho que você vai exercitando mais aquele, porque quando você começa a misturar paninho com florzinha, aí fica meio confuso pra quem ainda não tem tanta facilidade, né? Eu acho que ajudaria, assim no aprendizado, ia ser melhor, porque aí você ia exercitar só aquele, né? (Girassol - Aluna oficina de renda)

Os exercícios intermediários facilitariam muito. Por exemplo, quando tive aula de reforço para aprender o ponto “pano”, aprendi bem melhor e sempre que encontrava o mesmo em outros exercícios conseguia fazê-lo bem. Já no quarto exercício não tive esta base e encontrei dificuldade. (Íris - Aluna oficina de renda)

Eu achei que o que as alunas mais se atrapalharam foram [sic] com o pano, porque é na hora que usa mais bilros. É normal isso aí e o pano ele é muito ingrato. Você não pode trocar um errado que já fica o buraco, já atravessa a linha pro outro lado né? O pano pra nós rendeira [sic] é a coisa mais fácil que tem pra fazer, mas pra vocês é

difícil porque vocês tão acostumado [sic] a um trocado inteiro e de repente é meio e meio, com bastante bilro. Aí é aonde você pega o desenrolar, lembra que eu pegava o bilro falava: “olha tem que ficar todo”? É esse, então até você definir o bilro certo, você apanha um pouquinho, mas de repente deu certo. (D.Camélia - Rendeira colaboradora da oficina de renda e instrutora da oficina de desenho).

Porém, além da dificuldade de rendar este novo ponto, o “pano”, houve também dificuldade de junção das oito pétalas de traça para formar uma flor,

o terceiro exercício foi que demorou mais, é mais complicado justamente pela junção das traças para formar a flor, a união do miolo... (Jasmim - Aluna oficina de renda).

Algumas alunas relataram que só conseguiam fazer a junção das oito pétalas de traça com a ajuda da instrutora. Ver figura a seguir:



Figura 42 - Execução do terceiro exercício.

Fonte: Registrada pela autora.

A seguir, mostra-se o esquema das etapas necessárias para a execução do terceiro exercício, visto que este foi o que as alunas mais sentiram dificuldade em executar.

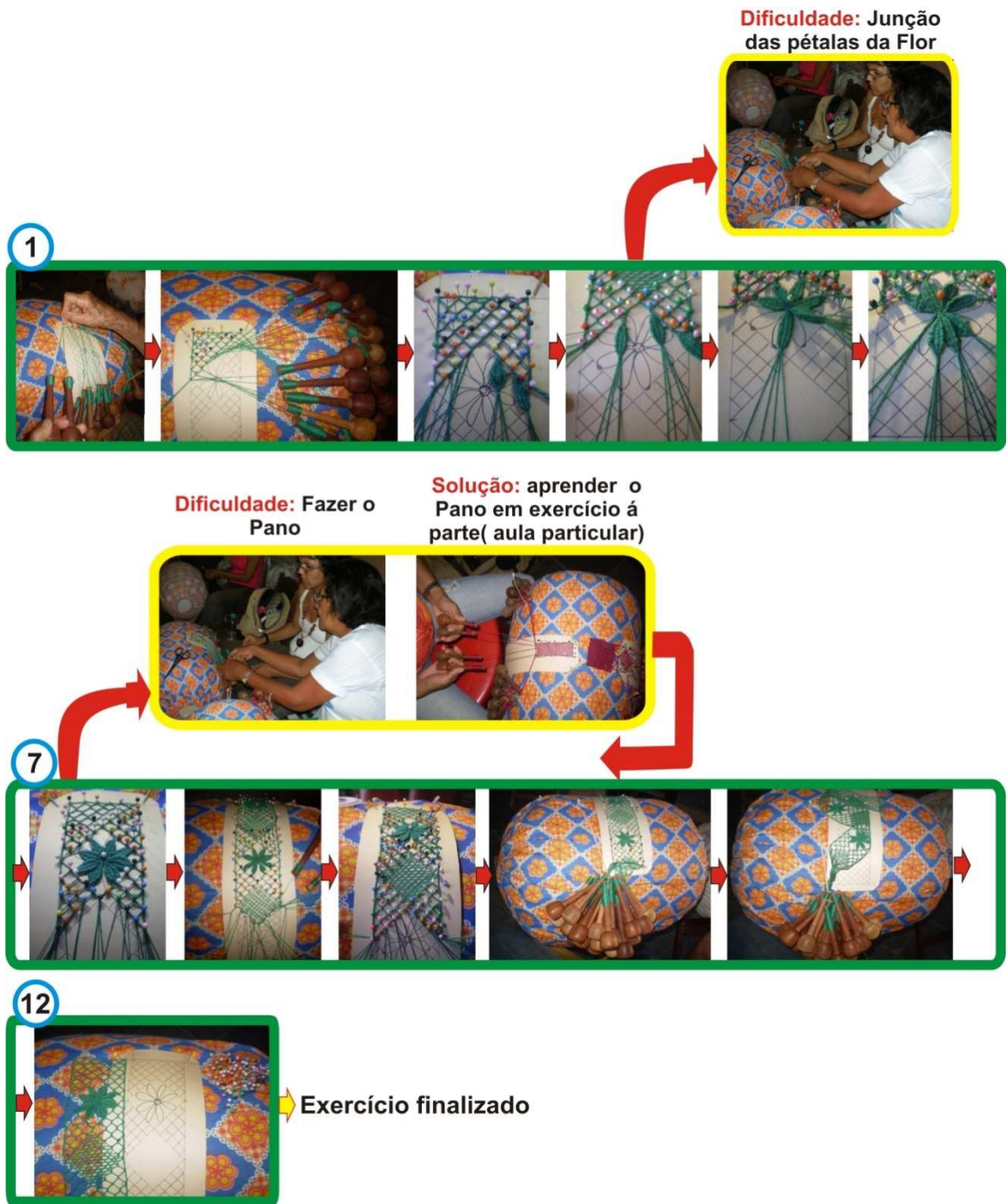


Gráfico 18 - Etapas para execução do terceiro exercício.

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir observa-se o esquema ilustrativo do molde, da renda sendo confeccionada e do produto acabado, ver gráfico 19:

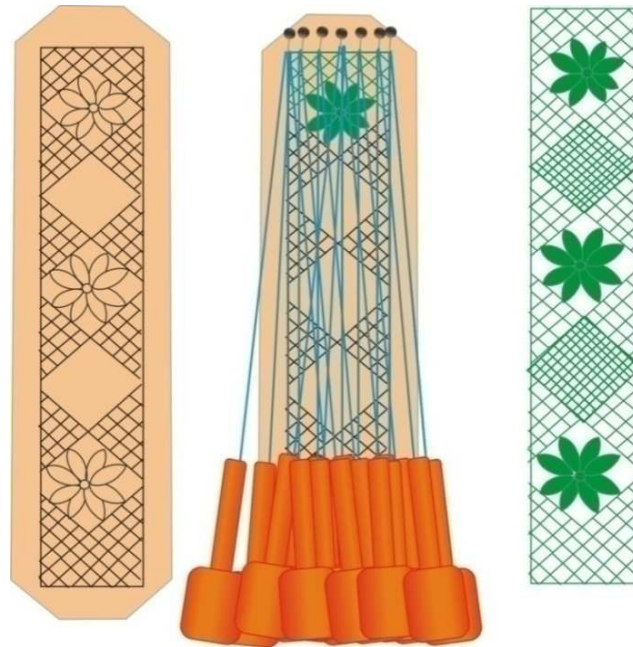


Gráfico 19 - Esquema do molde, execução e o terceiro exercício finalizado.

Fonte: Elaborada pela autora.

5.4.4 Quarto Exercício

O quarto exercício foi elaborado utilizando os pontos “trança”, “traça”, “meia-pancada”, e “ponta”. Este último exercício é denominado de “bico”, pois geralmente se aplica em outras peças como um enfeite ou acabamento final.

Este exercício também gerou muitas dúvidas, porque, além do ponto “pano” ou “meia-pancada”, introduzido no terceiro exercício, teve a confecção da “ponta”, trama que caracteriza os bicos. Além destes, houve o acréscimo de mais pares de bilros a serem manipulados. Assim como estão relatados nas falas dos alunos a seguir:

Não consegui fazer o quarto exercício na primeira etapa da oficina, nos três meses. A instrutora D.Hortênsia iniciou para mim este exercício. O quarto exercício foi complicado, tem hora que a pessoa se perde e tem que chamar a instrutora. A renda já está grande de tanto que repeti.” (Íris - Aluna oficina de renda).

Eu senti dificuldade no pano, no trocar os bilros também, porque tem meia pancada, tem pancada toda; eu senti dificuldade, senti dificuldade também até na hora mesmo de encher os bilros, de colocar linhas nos bilros porque como era minha primeira vez não peguei totalmente tão rápido, então... E também senti dificuldade no nó da rendeira que eu não aprendi, não aprendi o nó da rendeira, aprendi o meu nó [risos] (Lírio - aluno da oficina de renda.)

Este exercício também teve a duração de oito aulas (quatro semanas). Os exercícios podem ser visualizados nas figuras 43 e 44:



Figuras 43 e: 44 - Execução do quarto exercício.

Fonte: Elaboradas pela autora.

A seguir observa-se o esquema ilustrativo do molde, da renda sendo confeccionada e do produto acabado, ver gráfico 20:

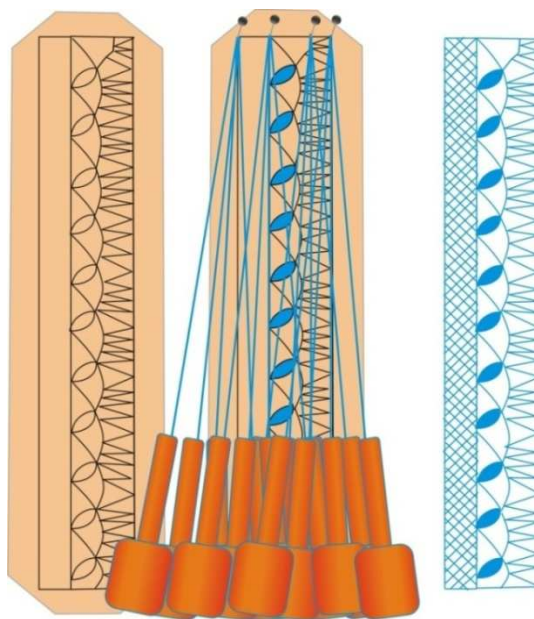


Gráfico 20 - Molde e execução do quarto exercício.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como resultados dos exercícios, foram elaborados entremeios e bicos, pequenos pedaços de rendas utilizados para fins decorativos, como, por exemplo: vestimentas, enxovais, etc. Porém, todas as peças produzidas pelas alunas ficaram com o coordenador da oficina. O processo das etapas da produção ensinadas na oficina de Renda estão ilustradas a seguir:

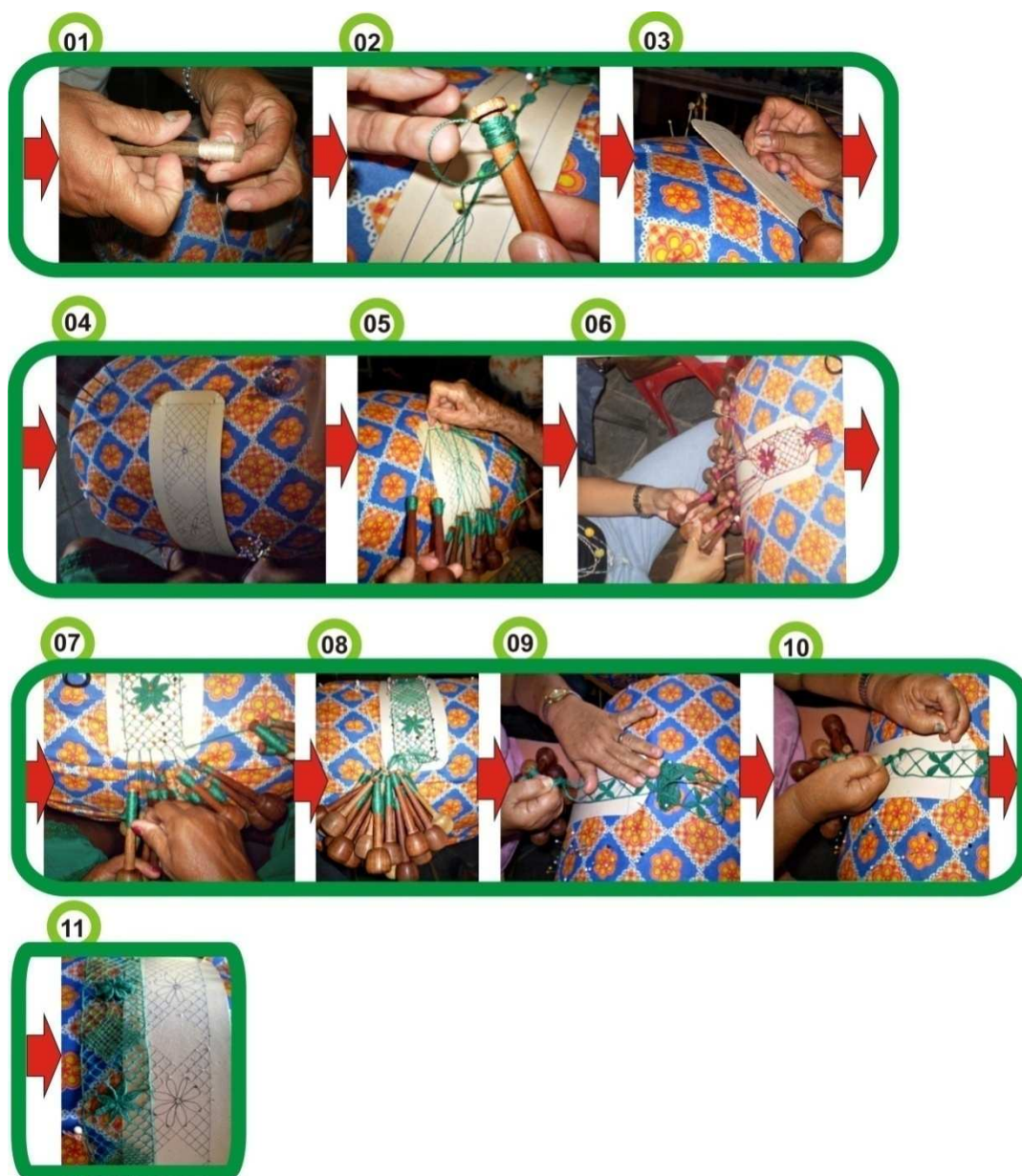


Gráfico 21 - Etapas da produção realizadas na Oficina de Renda.

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir, o quadro com as descrições das etapas da renda ilustradas acima:

Descrição das Etapas da Produção Realizadas na Oficina de Renda		
ETAPAS		COMO OCORREU NA OFICINA
1	Enrolar a linha nos bilros	As instrutoras nos ensinaram os procedimentos para enrolar a linha no bilro - sempre no sentido anti-horário
2.	Prender a linha no bilro	As instrutoras nos ensinaram a dar a laçada, para prender a linha no bilro.
3	Picar o papelão	D.Camélia, desenhou os exercícios nos papelões, cortou tudo e as instrutoras picaram o papelão.
4	Fixar o papelão na almofada.	As instrutoras fixaram os desenhos nas almofadas.
5	Fixar os pares de bilros no desenho	As instrutoras penderam os pares de bilro no papelão.
6	Entrelaçar os pares de bilros seguindo o desenho para confecção da trama.	As instrutoras iniciaram os exercícios para as alunas e a medida que iam executando os procedimentos, as alunas prestavam atenção para depois repetir.
7	Fechamento da Renda	Quando as alunas estavam chegando perto do final do desenho (molde), chamavam as instrutoras e elas faziam o fechamento da renda.
8	Amarrar os Pares de bilros	As instrutoras após fecharem a renda amarravam os pares de bilro com um pedaço de linha e depois prendiam os bilros amarrados numa vareta de metal afixada na almofada.
9	Levantar a renda	Depois de amarrados e presos os bilros, as instrutoras tiravam a renda a renda acabada, para iniciar com um próximo exercício.
10	Reiniciar a fixação dos pares de bilro no desenho - caso se deseje dar continuidade ao mesmo desenho.	Caso fosse necessário dar continuidade no mesmo exercício, as instrutoras recolocavam a mesma renda no início do molde e prendia com alfinetes a renda no papelão para dar continuidade ao exercício.
11	Produto acabado (neste exemplo tem-se um entremeio).	Depois de terminado o exercício, as instrutoras tiravam o papelão e colocavam o exercício seguinte na almofada e reiniciava o processo de colocação dos pares de bilros no molde com os alfinetes, para dar início a trama..

Quadro 7 - Etapas da produção realizadas na Oficina de Renda.

Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se que o objetivo do coordenador da oficina era tornar as alunas aptas a render as peças básicas (menores), em três meses de curso. Porém, na prática aconteceram algumas dificuldades no desenrolar das aulas, tendo em vista que o tempo previsto, não foi suficiente para que todas as alunas aprendessem a técnica básica de render.

Além disso, não foi ensinada a técnica do desenho e, por isso, as alunas não detinham o domínio sobre uma importante etapa, que é a criação e entendimento dos desenhos rendados. Assim, como não foi ensinado às alunas a iniciar, ou seja, a pinicar o papelão nos pontos corretos, fixar o papelão na almofada e prender os pares de bilros no molde. Assim como não foi ensinado às alunas como finalizar a renda - dando o acabamento (fechamento dos pontos).

Todas as alunas ficaram dependentes das instrutoras para a realização de desenhos básicos, o que fazia parte do objetivo principal do coordenador da oficina.

Inicialmente, as rendeiras que ministrariam as aulas dariam continuidade ao processo de repasse da técnica com a qual aprenderam a partir do método tradicionalmente aprendido, processo em que cada rendeira repassa seus conhecimentos da forma individualizada como absorveram por gerações anteriores de rendeiras e através de moldes que contêm vários pontos da renda a serem exercitados de uma única vez, sem haver a sistematização deste ensino em etapas de dificuldades sequenciada.

Ao longo das aulas, foi possível entender a base da técnica da renda e observar a processo de ensino. As dificuldades sentidas por alguns alunos da oficina durante as aulas no entendimento da técnica foram caracterizadas pela forma diferenciada de cada rendeira ensinar. A experiência de se participar das aulas de renda de bilro proporcionou um entendimento mais rico e fiel da realidade, visto que a inserção de forma participativa no cotidiano do Núcleo favoreceu a compreensão da realidade e subsidiou suporte para tomada de ações, deixando os pesquisadores sempre despertos quanto ao respeito e sintonia com a realidade do Núcleo pesquisado, compartilhando os saberes e soluções. Faz-se sempre necessário “conhecer para transformar” (GUERÌN, 2001).

As rendeiras também se mostraram imensamente satisfeitas com a experiência de ensinar, já que, desta forma, elas revivem o aprendizado repassado por suas mães e avós, fortalecendo a tradição de repassar o saber, aspecto que vivifica a autoestima.

Ao longo das aulas, variabilidades³⁴ surgiram, e as regulações³⁵ foram feitas de acordo com as necessidades do grupo.

A primeira variabilidade foi com relação à quantidade de vagas oferecidas. Surgiram mais interessados em participar das aulas, depois de iniciada a oficina, então, para suprir a nova demanda, uma segunda turma foi aberta em dias alternados. No entanto, ao longo da oficina, observou-se um elevado índice de desistência de alunos.

Com o aumento do número de turmas e de alunos, foi necessária a aquisição de mais bilros, que foram providenciados pelos coordenadores do projeto. Também se fez necessária a compra de mais almofadas, contudo, visto que não havia mais verba para a compra destas, as rendeiras adotaram uma regulação para adaptar os recursos à demanda: foram afixados, em lados opostos, dois moldes na mesma almofada, de modo que as respectivas alunas de cada turma, em dias alternados, dividem o instrumento de trabalho.

Devido ao grande número de solicitações por parte das alunas, as duas instrutoras passaram a atender todas as alunas (as duas fileiras de alunos), como já mencionado acima. Estas rendeiras demonstraram nitidamente a cooperação e o prazer em repassar estas técnicas aprendidas e exercitadas durante tantos anos.

Com o passar do tempo, as fileiras de alunos, planejadas no princípio da oficina, se transformaram num aglomerado de almofadas, cavaletes e cadeiras na porta do núcleo. Este fato se deu, principalmente, pela iluminação deficiente e pela temperatura elevada no interior do Núcleo. Outro aspecto observado foi que a prática da “pausa para o lanche”, adotada pelas rendeiras, foi seguida pelas alunas. Essa pausa era feita sempre que se sentia algum tipo de dor ou incômodo pela posição adotada no ato de render.

Vários aspectos puderam ser observados ao longo da oficina com relação à metodologia desenvolvida pelas artesãs para o repasse da técnica. Com a análise destes, pudemos fazer algumas considerações a respeito da metodologia aplicada pelas rendeiras instrutoras na ocasião.

Devido aos vários anos dedicados à renda, cada rendeira instrutora possuía particularidades na forma de fazer e, conseqüentemente, na forma de ensinar as

34Variabilidades: “A variabilidade traduz o fato de que nem as pessoas nem os componentes da situação de trabalho se mantêm constantes ao longo do tempo” (CARVALHO, 2009, p.27).

35 Soluções encontradas para lidar com as variabilidades encontradas.

técnicas da renda de bilro. A variabilidade no modo de fazer ocorre desde a forma de encher os bilros à maneira de “troca-los” (movimentação feita com os bilros de modo a trançar a linha) e confeccionar os pontos da renda.

O tempo previsto para a realização de cada exercício também foi subdimensionado pelas artesãs. Observou-se que algumas alunas precisaram de algumas aulas extra para poder superar dificuldades e passar aos exercícios seguintes. Apesar dessa regulação, o tempo previsto não foi suficiente, e as alunas solicitaram a continuidade das aulas, rateando entre si a remuneração das instrutoras, enquanto os coordenadores negociavam a continuidade da oficina junto aos órgãos financiadores.

Com a realização da oficina, foi constatada uma mudança no ritmo habitual de produção no Núcleo, já que apenas três, das cinco rendeiras, continuaram a produzir peças para comercialização. As demais rendeiras passaram a atuar como instrutoras da oficina durante praticamente toda a semana. No entanto, a realização das oficinas neste local e não em outro é fundamental, pois possibilita a imersão na realidade da atividade e de algumas particularidades no cotidiano das rendeiras. Desta forma, o ensino da renda de bilros não se restringiu apenas ao repasse de uma técnica, mas possibilitou às participantes a absorção de experiências, de cultura e costumes adquiridos ao longo de anos de dedicação das renderias à arte.

A cooperação entre as demais rendeiras do Núcleo e as instrutoras da oficina também foi observada durante a oficina. Um exemplo desta cooperação está relacionado à metodologia de ensino desenvolvida em conjunto pelas rendeiras instrutoras e a rendeira D. Camélia, outra rendeira do Núcleo, que além de sugerir e discutir a sequência dos desenhos a serem ensinados com grau crescente de dificuldade, também elaborou os desenhos nos moldes para os exercícios. Ressalte-se que ela executou estas atividades de forma voluntária e espontânea, sem que para isso, fosse remunerada. Outra situação de cooperação foi observada quando as rendeiras do Núcleo paralisavam sua produção para auxiliar as alunas aprendizes que aguardavam a disponibilidade das instrutoras para tirar dúvidas sobre a execução dos exercícios.

Sobre cooperação no ambiente de trabalho, segundo Guèrin et al, (2001, p.59),

é comum que a atividade de um operador seja exercida em conjunto ou cooperação com a de um dos seus colegas. A atividade coletiva pode apresentar-se de forma diversa: ora como ação em conjunto para a realização do mesmo objetivo; ora a coletividade tem lugar somente no resultado final; ora há uma atividade concomitante de operadores com tarefas distintas; ora as atividades se regulam estruturalmente, com “um conhecimento do conjunto da situação, do estado de adiantamento das tarefas, das diferentes pessoas envolvidas.

Ainda segundo Guèrin *et al* (2001, p.60), muitos termos são utilizados nas descrições das dimensões coletivas da atividade, porém o conjunto das palavras utilizadas para tal definição “[...] não parece sofrer grande variação, diferenciando entre coordenação, co-ação, cooperação e colaboração” como se segue:

A coordenação pressupõe operadores que devem levar em conta mutuamente o ordenamento de suas ações e respectivas decisões, mesmo tendo objetivos imediatos diferentes;

A co-ação é a forma particular de coordenação em que operadores realizam ações paralelas, devendo convergir num dado momento;

A cooperação implica em operadores trabalhando no mesmo objeto de trabalho, numa relação de dependência mútua;

A colaboração estabelece relações entre trabalhadores que habitualmente não trabalham no mesmo objeto, mas compartilham suas competências para lidar com uma situação particular ou famílias de situações.

5.5 RECOMENDAÇÕES DE MELHORIA PARA OFICINA DE RENDA DE BILRO

Os exercícios para o aprendizado da técnica de render implementados nesta oficina de Renda de Bilro, segundo relatos das próprias instrutoras, proporcionaram um aprendizado mais rápido em comparação com o método tradicional.

Abaixo, sintetiza-se em um quadro o resultado das observações efetuadas durante as oficinas, listando os pontos positivos a manter ou potencializar, assim como os pontos negativos a eliminar ou melhorar em futuros projetos. Essas vivências e observações são essenciais para o entendimento desta proposta, e sua aplicação na oficina de desenho que se apresentará mais adiante.

PONTOS POSITIVOS (MANTER OU POTENCIALIZAR)		PONTOS NEGATIVOS (ELIMINAR OU MELHORAR)	
Descrição	Proposta	Descrição	Proposta
Cooperação e integração entre as rendeiras do núcleo – com as alunas da oficina e com as instrutoras.	Poderia homenageá-las de alguma forma, já que não pode haver remuneração para todas. Ex.: presentear com uma blusa do projeto, como forma de reconhecer a importância de todas ou inseri-las em alguma etapa.	Cada instrutora por ter seu próprio modo de ensinar os pontos corrigia as alunas quando estas não estavam realizando-os da forma que as instrutoras executavam.	Padronizar o ensino de cada exercício, a ser repassado de forma única. No caso de divergência, pode-se pensar em selecionar procedimentos e deixar para cada instrutora repassar à sua maneira. Ex.: o nó da rendeira, apenas seria repassado à maneira de D. Acácia, ou o nó da traça, que seria repassado apenas à maneira de D. Hortência.
A confecção dos materiais e ferramentas para a produção da renda: cavalete, bilros, almofadas, ser feitos na Vila e próximo do núcleo.	Fortalecer esta rede. Poderia formar oficinas ensinando a confeccionar as almofadas, os cavaletes, os bilros, para interessados e para o público jovem.	A iluminação precária do ambiente: aglomerou mais as alunas perto da entrada.	Melhorar a iluminação ou estudar uma forma de organizar os postos de trabalho para beneficiar á todos.
As aulas estarem sendo realizadas em dias diferentes da semana, oferece mais opções ás alunas interessadas.	Manter opções de dias alternados.	No início das aulas as alunas tinham que procurar suas almofadas e organizar no local, demorava um pouco para achar as almofadas.	Poderia numerar cada almofada para facilitar a procura no início das aulas e desta forma poder organizar as almofadas na seqüência de sua numeração.
A sequência de realização dos exercícios serem iniciados pelos pontos básicos, para	Manter esta característica crescente do grau de dificuldade estimula e gera autoconfiança.	Não houve um replanejamento do tempo para cada exercício, quando foi	Quando ocorrer das alunas ultrapassarem o tempo estipulado, tentar replanear

depois ir acrescentando outros pontos e junções em ordem crescente de dificuldade.		verificado que o tempo estipulado não foi o que as alunas seguiram. Desta forma as instrutoras tinham uma certa pressa quando percebiam as alunas mais atrasadas.	estratégias para os módulos seguintes, para não interferir no andamento das alunas.
Respeito ao tempo individual de cada aluna na progressão dos exercícios. Possibilitando que cada aluna só passasse para o exercício seguinte quando tivesse aprendido o anterior.	Manter esta flexibilidade individual de assimilar os conteúdos e caso haja muita dificuldade concentrar no aluno a atenção.		

Quadro 8 - Síntese das análises dos resultados dos principais aspectos da Oficina de renda de bilro.

Fonte: Elaborado pela autora.

CAPÍTULO 6

[OFICINA DE DESENHO DA RENDA DE BILRO]

Neste capítulo faz-se a descrição e análise da Oficina de Desenho da Renda de Bilro, concebida e realizada pelo GREPE.

A concepção desta oficina surge da necessidade de introduzir no ensino da renda de bilro a etapa do desenho da Renda. Esta demanda já havia sido identificada anteriormente pelo GREPE e foi confirmada através do acompanhamento da Oficina de Renda de Bilro

O período de realização desta oficina aconteceu de agosto de 2009 a Julho de 2010. E em outubro de 2010 ocorreu a formatura das alunas da Oficina, que na ocasião receberam certificados e o núcleo uma placa de formatura. No gráfico 22 ilustra-se a cronologia da Oficina.

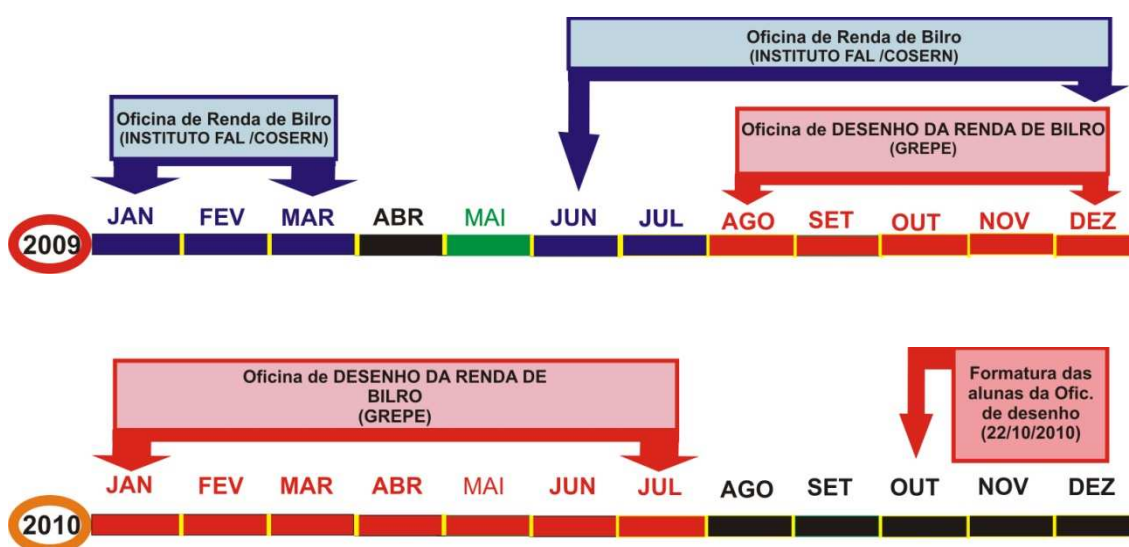


Gráfico 22 - Esquema cronológico de realização das oficinas.

Fonte: Elaborado pela autora.

A demanda do ensino do desenho da renda foi identificada pelo grupo de pesquisadores anterior do GREPE, entre 2006 e 2008. Atentou-se então para a necessidade de se desvencilhar do hábito de copiar os desenhos e partir para o aprendizado da execução e criação do desenho da renda. E desta forma intenciona-se passar a incorporá-lo à cadeia produtiva da renda.

A oficina de desenho foi, portanto promovida pelo GREPE, a partir das experiências vivenciadas na oficina de Renda de Bilro, principalmente pela observação das dificuldades devidas à ausência do conhecimento de como criar o traçado da renda. Planejou-se tanto proporcionar a autonomia às rendeiras, capacitando-as a independem do auxílio das poucas pessoas que detinham o conhecimento do desenho, como também fomentar o ensino da técnica dessa etapa da produção para futuros aprendizes no Núcleo. A oficina contou com o financiamento oriundo do Proext Cultura (2008).

A formulação da proposta inicial para a oficina de desenho foi dividida em sete módulos (conforme gráfico 23 a seguir), compostos por: oficinas de teoria e prática de desenho a mão livre, técnicas de desenho (ensino da prática do desenho da renda e confecção dos moldes), técnicas de *design* (representação bidimensional através de composição de imagens através de módulos com pontos da renda), criação de novos desenhos (elaboração de novos desenhos e produtos com as técnicas aprendidas), conservação e manutenção dos moldes, elaboração de novos produtos (confecção da renda, baseando-se nos desenhos produzidos na etapa anterior) e oficina de formação de preços, respectivamente.

Essa proposta foi elaborada inicialmente pelos pesquisadores em conjunto com a instrutora, porém, como logo se verá, o processo foi sendo remodelado ao longo das aulas, consoante o envolvimento, as necessidades e as limitações dos alunos.

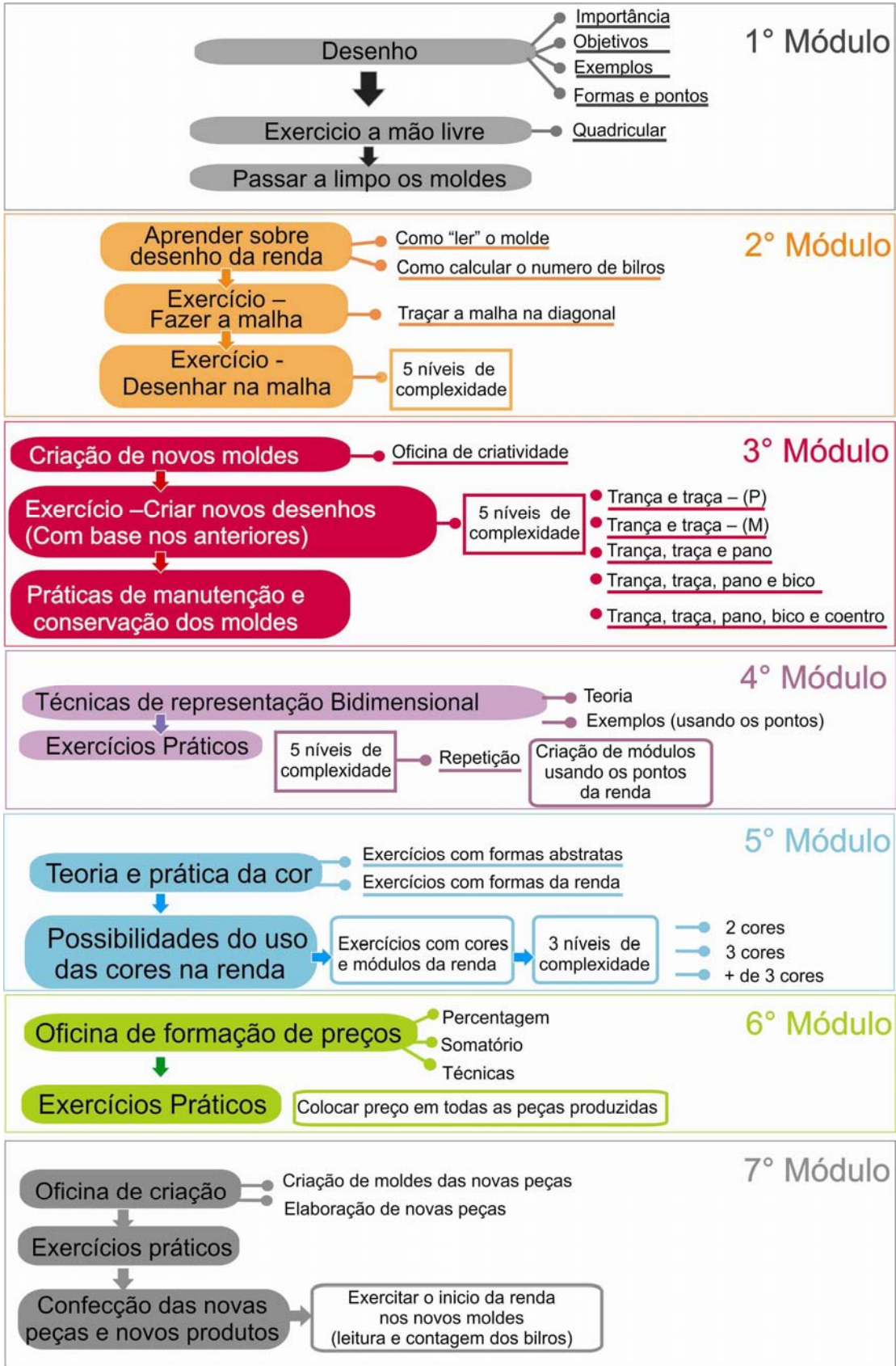


Gráfico 23 - Metodologia implementada na Oficina de Desenho (Detalhamento dos exercícios).

Fonte: Retirada de Almeida (2010).

Foi utilizado um aparelho de *data show* para apresentação dos módulos das aulas como também para as análises coletivas, filmadora, máquina fotográfica e gravador (Mp4).

As aulas aconteceram nas terças e sextas-feiras das 14 às 17 horas, no período de agosto de 2009 a julho de 2010, com abertura realizada no dia 11 de agosto, quando foi possível apresentar o esquema dos módulos da oficina, elaborados conjuntamente com a instrutora e a equipe do projeto as alunas. No dia 14 de agosto foram iniciadas as aulas propriamente ditas. Ver figuras a seguir, mostrando respectivamente à abertura e o primeiro dia de aula:



Figuras 45 e 46 - Abertura da oficina - primeiro dia de aula.

Fonte: Registradas pela autora.

A oficina iniciou-se com 15 alunos, dos quais 14 eram mulheres e um homem, a maioria sendo de pessoas que cursaram a oficina de renda. Porém com o decorrer das aulas houve duas desistências e no dia 22 de outubro de 2010, formaram-se 13 alunas.

As aulas da primeira etapa foram ministradas por duas rendeiras, sendo uma D. Camélia (a mentora da metodologia), juntamente com a equipe de ergonomia, e a outra, D. Acácia. Na segunda etapa, as aulas foram ministradas pelas integrantes da equipe de ergonomia juntamente com D. Camélia, com aulas teóricas e práticas. A terceira foi ministrada por três rendeiras do Núcleo, sendo elas D. Camélia, D. Acácia e D. Hortênsia, outra rendeira experiente, que foi instrutora da oficina de renda.

Principiou-se com a etapa do ensino do desenho, em papel A4, depois passando para o papel Paraná (papel rígido) e, desta forma, algumas etapas seguintes foram complementando o rol de informações necessárias para que o aluno estivesse apto a desenhar. Depois dessas etapas, passaram pelo processo de criação, onde desenhariam e rendariam em seguida o produto de sua própria criação. O esquema a seguir ilustra essas etapas do processo produtivo, incluindo o desenho e o render.



Gráfico 24 - Etapas de produção da Renda incluindo a criação e o desenho do molde no processo.

Fonte: Elaborado pela autora.

Descrição das Etapas da Produção Realizadas na Oficina de Desenho da Renda de Bilro		
ETAPAS		COMO OCORREU NA OFICINA
1.	Desenho do motivo da renda no papel A4	A instrutora D. Camélia ensinou primeiro a fazer o quadriculado (malha) do desenho e em seguida copiava-se os exercícios na folha A4
2	Cortar o cartão Paraná nas dimensões corretas	Inicialmente a instrutora já trazia os moldes cortados, depois as próprias alunas cortavam o cartão paraná para desenhar .
3	. Passar o desenho feito no papel A4 para o cartão Paraná	Depois de realizado o exercício no papel A4 as alunas desenhavam-no no cartão Paraná que é o que será afixado na almofada.
4	Enrolar a linha nos bilros	A maioria das alunas já sabia esta etapa por ter participado da Oficina de renda de bilro.
5.	Prender a linha no bilro	Etapa aprendida na Oficina de Renda de Bilro
6	Picar o papelão	Quando iniciou a etapa das alunas rendarem os desenhos que criaram, foi que foi necessário picar o papelão para fixação dos pares de bilro, porém quem picou os desenhos foram às instrutoras. .
7	Fixar o papelão na almofada.	As instrutoras geralmente fixavam os desenhos nas almofadas, porém algumas alunas o fizeram.
8.	Fixar os pares de bilros no desenho	As instrutoras que prenderam os pares de bilro no papelão.
9	Entrelaçar os pares de bilros seguindo o desenho para confecção da trama.	As instrutoras iniciaram os exercícios para as alunas e à medida que iam executando os procedimentos, as alunas prestavam atenção para depois repetir.
10	Fechamento da Renda	Quando as alunas estavam chegando perto do final do desenho (molde), chamavam as instrutoras e elas faziam o fechamento da renda.
11	Amarrar os Pares de bilros	As instrutoras após fecharem a renda amarravam os pares de bilro com um pedaço de linha e depois prendiam os bilros amarrados numa vareta de metal afixada na almofada.
12	Levantar a renda	Depois de amarrados e presos os bilros, as instrutoras tiravam a renda a renda acabada, para iniciar com um próximo exercício.
13	Reiniciar a fixação dos pares de bilro no desenho - caso se deseje dar continuidade ao mesmo desenho.	Caso fosse necessário dar continuidade no mesmo exercício, as instrutoras recolocavam a mesma renda no início do molde e prendia com alfinetes a renda no papelão para dar continuidade ao exercício.
14	Produto acabado (neste exemplo tem-se um entremeio).	Depois de terminado o exercício, as instrutoras tiravam o papelão e colocavam o exercício seguinte na almofada e reiniciava o processo de colocação dos pares de bilros no molde com os alfinetes, para dar início a trama..

Quadro 9 - Etapas do processo produtivo da Renda realizados na Oficina de Desenho da Renda de Bilro.

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme já mencionado, essa metodologia foi sendo adaptada, à medida que se percebiam as dificuldades e eram discutidas com conjunto com a rendeira instrutora D. Camélia e as mestrandas, vinculadas ao (GREPE) e ao projeto Rendeiras da Vila. Desta forma foi construída uma sistemática de ensino-aprendizagem dinâmica, adaptativa e participativa.

Nesta presente dissertação, há o foco nas discussões quanto às modificações ocorridas no ensino da Renda de Bilro, priorizando a primeira oficina (a oficina de Renda de Bilro), como principal alavanca de tais modificações. Desta forma fez-se o acompanhamento da oficina de desenho, tomando como linha condutora o registro da evolução de tais modificações ocorridas no ensino da Renda de Bilro, para em seguida propor um método que agregue tais evoluções e melhoramentos.

Algumas dificuldades surgiram no percurso da oficina, as quais se concentraram principalmente: na dificuldade de desenhar, na dificuldade com certas formas geométricas, na dificuldade com a contagem dos bilros a serem utilizados, e na dificuldade da leitura geral do desenho para decifrar e identificar se o desenho é “rendável” ou não.

Quanto à dificuldade de desenhar, esta se apresentou por razão de que poucos dos alunos nunca tinham sido levados a desenvolver a habilidade do próprio ato de desenhar, como se ilustra na fala do aluno Lírio,

porque pra mim é uma dificuldade desenho; nunca fui bom em desenho, nem na escola, quanto mais... [risos] pra mim, aos olhos das pessoas que estão fazendo o curso não é difícil, mas pra mim é difícil o desenho, porque eu nunca gostei de desenhar, não aprendi.

Outros associavam o ato de desenhar a uma criatividade que supostamente lhes faltava, justificando assim a não inovação dos padrões: “Ai, eu não tenho jeito pra desenho não, não tenho muita criatividade não”. (D. Orquídea³⁶ - rendeira do Núcleo)

Observou-se, porém que esse preconceito e a conseqüente rejeição à tentativa de desenhar tendia a desaparecer, na maioria dos casos, conforme se repetiam exercícios de desenho.

36Ação conversacional realizada no dia: 01/06/2010

A segunda dificuldade dizia respeito a certas formas geométricas e à maneira de traçá-las no papel. Enquanto alguns alunos aprovaram o uso de instrumentos como o compasso ou a régua, outros tiveram dificuldades de usá-los para traçar o quadriculado (ou malha) e para fazer desenhos redondos e mangas de blusas,

facilitou muito [o uso do compasso]. Pelo menos pra mim facilitou. Agora fica bem certinho, porque ficava mais pra cá redondo, aí o compasso facilita bastante. (Girassol - aluna)

eu mesma não gostei de usar aquilo não... (D. Acácia - aluna e instrutora)



Figura 47 - Aluna traçando o quadriculado ou “malha” do desenho com o auxílio da régua.

Fonte: Registrada pela autora.

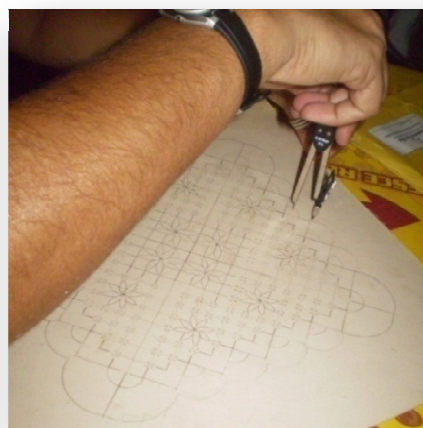


Figura 48 - Aluna utilizando o compasso para execução de algumas partes arredondadas do desenho.

Fonte: Registrada pela autora.

O desenho de formas arredondadas (pela não exatidão das medidas entre os pontos, conforme se vê nas figuras abaixo) é uma dificuldade que se ilustra ainda na fala de ex-alunas e da oficina de Renda de Bilro, quando se iniciavam na oficina de desenho: “Eu mesma não vou mentir que eu não fiz nenhum desenho redondo não... fugi de tudinho...” (Amarílis - aluna). “Eu fiz dois desenhos redondos, mas achei difícil porque as medidas eram desencontradas... não ‘batia’ feito as dos quadrados...” (Girassol - aluna).

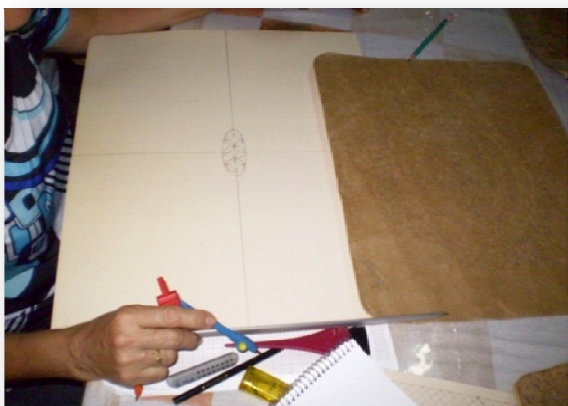


Figura 49 - Aluna recuperando um desenho antigo redondo.

Fonte: Registrada pela autora.

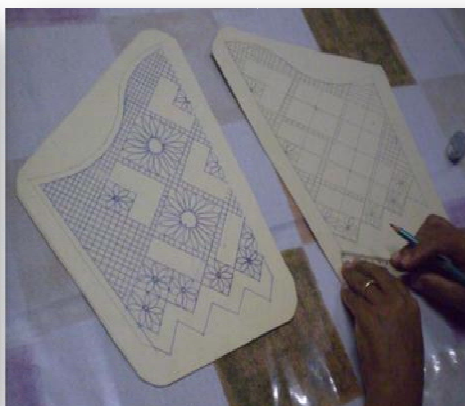


Figura 50 - Aluna desenhando uma manga de blusa.

Fonte: Registrada pela autora.

Constatou-se posteriormente que os próprios instrumentos propostos também eram, em certos casos, razão dessa dificuldade com o traço, por causa da pouca familiaridade dos alunos com eles. Por exemplo, alguns alunos não se adaptaram ao compasso até o fim da oficina. Para esses, foi sugerido por D. Camélia que utilizassem algum objeto redondo, como: copos, tampas de potes de margarina, de panelas, etc., consoante o diâmetro desejado, como alternativa de instrumento para as formas arredondadas e circulares. A própria D. Camélia afirmou que já se servira desse artifício:

mas se fosse tão difícil assim igual eu no começo, eu pegava um copo e media, aí num dá. Aí eu ia pegava, aí, meu Deus do céu, no começo era muito difícil. Aí depois que a gente foi pensar no compasso. Mas eu olhava todas panela [sic] na minha casa. Eu pegava sabe aqueles pirex grande [sic] de vidro? Trazia uma travessinha aqui.

A dificuldade quanto à contagem do número de bilros para cada desenho, para a colocação nos moldes, diz respeito a prever todo o processo desde o desenho inicial. A maioria dos alunos apresentou essa dificuldade, mesmo antes de a oficina se iniciar, isto é, essa dúvida surgira na oficina de renda. Ocorre que não há um número fixo de pares de bilros a serem usados no processo: de acordo com a

complexidade do padrão a ser rendado, levam-se mais ou menos pares. A quantidade, portanto, parece ser previsível somente através da experiência (já que cada desenho é diferente do outro), e é apenas depois de colocado o padrão na almofada que se pode verificar se a contagem dos bilros foi correta, assim como se identificar se o desenho é “rendável” ou não. Como explica D. Camélia:

quando vocês sentar [sic] na almofada e vocês for [sic] fazer um pano, quando vocês colocarem todos os bilro [sic], conte quanto tem e pegue um lápis e coloque em cima: tantos bilro [sic]. É a melhor maneira de se saber, por mais que vocês contarem quando é uma saia, uma blusa, uma coisa e outra, vai ficar complicado demais porque vai ser um tempo que vocês vão perder. Porque cada linha dessa, você sabe que vai um par de bilro [sic]. Então você não tem necessidade de contar, você vai encher e colocar. Aí quando você terminar, você colocou todos, ó, aqui vai por daqui aqui, quando você terminou que você conta os bilro [sic], quanto ‘cê pôs. Aí você pega um lápis e coloca tantos bilro [sic]. A outra vez que você for fazer a outra parte da manga: “ah eu tenho que encher tantos bilro” [sic]. Vocês não têm que ficar com a cabeça inchada com isso.

Para sanar a dificuldades, percebeu-se que a repetição de um mesmo exercício por mais de uma vez facilitou a absorção dos conhecimentos. Nos primeiros exercícios, o fato de se fazer primeiro no papel e depois no papelão ajudou na superação das primeiras dificuldades. Outro fator que facilitou o aprendizado foi o conhecimento das simbologias utilizadas nos desenhos dos moldes (esta fase foi durante o aprendizado da renda na oficina anterior).

[...] é o seguinte, porque a gente tava desenhando a primeira tinha que ficar comigo a outra tinha que ficar aqui. Então quando você fazia o primeiro desenho, você sentia dificuldade, mas quando você ia passar pra fazer o segundo você já tava com a noção do que tava fazendo. Eu sentia dificuldade pra fazer a leitura do primeiro desenho.” “[...] quando ela começou o desenho a gente desenhava em cima do papel pra poder passar, desenhava duas vezes, desenhava no papel e passava pro papelão. Quantas e quantas vezes eu dizia pra ela e ela dizia pra mim quando a gente ia pro cartão a gente já sabia fazer, mas se a gente fosse direto pro cartão? Me diga agora a resposta! (Ziza - aluna das oficinas de renda e desenho da renda.)

Apesar das dificuldades que surgiram, todos os alunos afirmaram que, após conhecerem a técnica de execução do desenho da Renda de Bilro, conseguiram compreender melhor a sistemática (lógica) da trama da renda e assim se desenvolveram mais rapidamente na confecção de vários desenhos. Como afirma Ziza³⁷ uma das alunas da Oficina de Desenho e que foi também aluna da Oficina de Renda:

iniciei inconsciente agora 'tou consciente. Se fosse o desenho junto com a renda facilitava demais [...] é ter consciência do que estou fazendo. Eu estava cega, comecei a enxergar agora. Agora eu tenho consciência, antes [oficina de renda] eu era cega e errava e desmanchava. Abriu muito a mente, veio uma coisa complementar a outra.

Os materiais utilizados foram linhas de algodão para rendar de diversas cores. Os instrumentos utilizados para a oficina de desenho foram papel A4, cartão Paraná, lápis, régua, compasso, borracha, estilete, cadeira, almofadas, cavaletes, bilros, espinho de cardeiro, alfinetes.

37 Em ação coletiva do trabalho-realizada em 20 de outubro de 2009, no Núcleo de Produção Artesanal Rendeiras d a Vila de Ponta Negra.

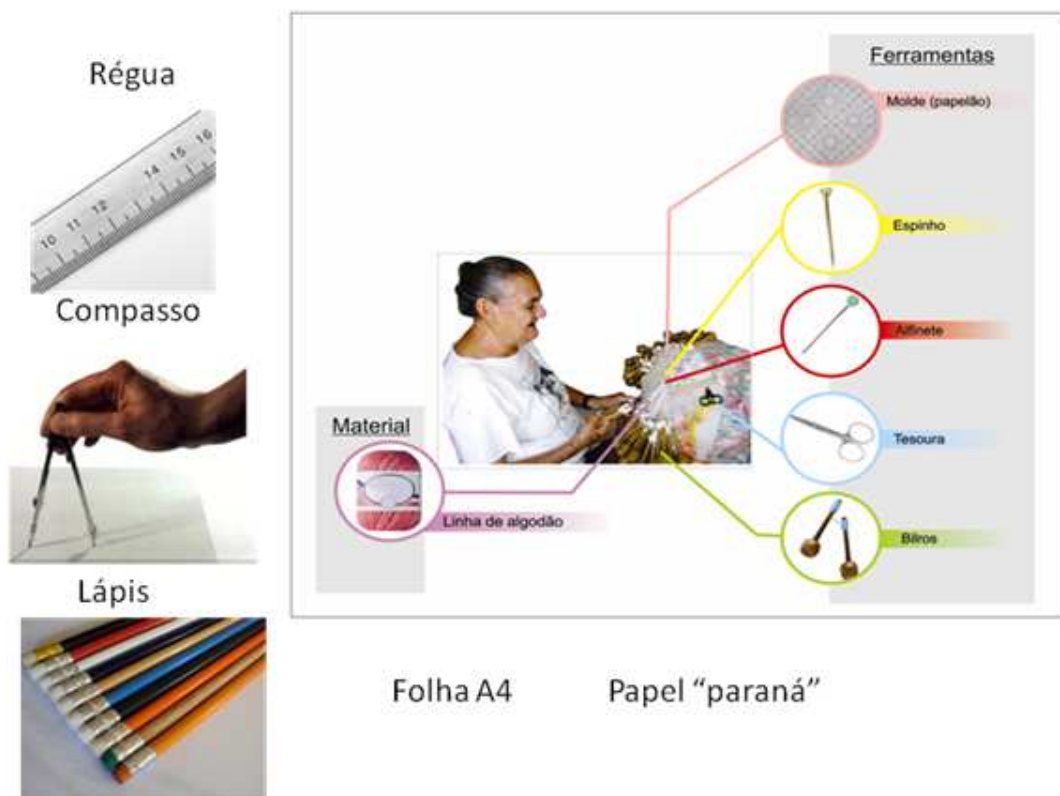


Gráfico 25 - Instrumentos e materiais utilizados.

Fonte: Adaptado de Juliana Almeida (2010).

A rendeira que ministrou as aulas de desenho foi a mesma que na oficina de renda, anterior a esta, colaborou com a modificação na sistemática de ensino tradicionalmente ensinada no Núcleo. Essa rendeira (D. Camélia), fala de sua forma de ensinar e de como procederia com as alunas da oficina:

eu vou dar a oficina de desenho, vai ser do mesmo jeito. Se riscar errado eu não vou gritar com ninguém, nem vou ofender ninguém, nós vamo [sic] dar outro papelãozinho, ela vai fazer certo, ela vai conseguir, não? Uma hora ela vai fazer. Então eu quero que ela veja em mim uma amiga, uma pessoa que quer que ela cresça, né?

então quando eu vejo que a aluna tá tendo dificuldade naquela parte então eu faço um desenhinho com aquele negócio, só aquilo e falo pra ela: "olha faça assim" e você vê que com uma aula, duas aula acaba [sic] os problemas. Então eu vou olhando a capacidade de cada uma, porque se você der pra todas, daí uma vai falar: 'ah, mas eu já sei, pra quê que eu vou fazer isso?' Então eu vou vendo,

olhando a dificuldade de cada uma. (D. Camélia³⁸ -Rendeira instrutora da oficina de desenho).

Esta didática da instrutora de se aproximar dos alunos, de forma carinhosa, procura olhar o aluno individualmente a fim de observar as dificuldades e evolução de cada um, construindo um diálogo e um ambiente favorável à troca e ao aprendizado seguro. Segundo Schön, (2000, p. 127), “Instrutor e aluno fazem essa transição em um empreendimento comunicativo específico – um diálogo de palavras e ações”.



Figura 51 - Instrutora (camisa preta) tirando as dúvidas da aluna e em seguida ela corrigindo seu exercício.

Fonte: Registrada pela autora.

Segundo Schön, (1998, p.131), em relação ao aprendizado, o aluno em várias situações só tem consciência de ter absorvido o conteúdo quando se depara com uma situação em que observa seus colegas e detecta que já avançou no conhecimento em relação a determinado aluno,

38: Ação conversacional realizada no dia 06 de agosto de 2009, próximo ao núcleo das rendeiras.

a experiência do ensino prático pode criar raízes no subsolo da mente. E a aprendizagem de fundo absorvida em uma aula prática pode tornar-se evidente apenas quando o aluno entra em um novo contexto, no qual ela vê o que aprendeu à medida que detecta o quanto ela está diferente daqueles em torno dela.

Esta experiência de perceber o que se está fazendo enquanto se faz trata-se do conceito, já mencionado, da *reflexão sobre a ação* de Schön. Em relação ao que foi exposto na citação acima do autor, a aluna Jasmim em sua fala, afirma:

eu acho que tudo isso vem muito com a prática, sabe Angela, tanto é que hoje em dia eu sinto que alguma coisa está errada, aí eu vou desmancho e já tou vendo onde é que tá o erro... Certo? Então eu acho que isso aí é com a prática. (Jasmim - Aluna da Oficina).

Sobre a cooperação, este fator continuou recorrente desde o início da oficina de desenho, assim como já experienciado por algumas alunas na oficina de renda. As alunas trocavam experiências entre si e ajudavam seus colegas que ainda não estavam compreendendo bem o procedimento.



Figura 52 - alunas discutindo em conjunto sobre suas dúvidas.

Fonte: Registrada pela autora.



Figura 53 - aluna tirando dúvidas de seu colega.

Fonte: Registrada pela autora.

Sobre esta importante característica do aprendizado, a troca de experiência entre alunas, e os constantes diálogos entre a instrutora e as alunas, observa-se um importante conceito desenvolvido por Vigotsky (1998, p.113), sobre o desenvolvimento proximal, que o autor diz que tem como característica aquilo que a criança faz com ajuda ou mediação de outro:

a zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentes em estado embrionário [...] Assim, a zona de desenvolvimento proximal permite-nos delinear o futuro imediato da criança e seu estado dinâmico de desenvolvimento, propiciando o acesso não somente ao que já foi atingido através do desenvolvimento, como também aquilo que está em processo de maturação.

Desta forma, entende-se que a evolução no aprendizado ocorrido nesta oficina de desenho se deu de forma mais fluida e dinâmica, pois este acompanhamento da instrutora com cada aluno e a forma com que as aulas foram realizadas, em que todas as alunas se sentavam juntas à mesa para a execução dos exercícios de desenho, demonstrou que houve mais interação e troca entre elas e com a instrutora.

O grupo ficou mais coeso e integrado e, desta forma, as dificuldades eram superadas, havendo auxílio dos alunos mais adiantados em relação aos que ainda sentiam alguma dificuldade. Assim como foram formando-se laços de amizade mais fortes.



Figura 54 e 55 - Alunas reunidas durante a aula para a execução dos exercícios.

Fonte: Registrada pela autora.

Outras importantes etapas se seguiram, distribuídas em módulos de ensino, assim como o exercício de cópia e conservação dos antigos moldes (desenhos), já deteriorados. Desta forma estes foram sendo substituídos e repostos no núcleo. Esta etapa de conservação dos moldes foi incorporada pela necessidade observada durante as pesquisas realizadas pela equipe anterior e durante a oficina de renda de bilro, assim como ilustra as figuras 55 e 56 a seguir:

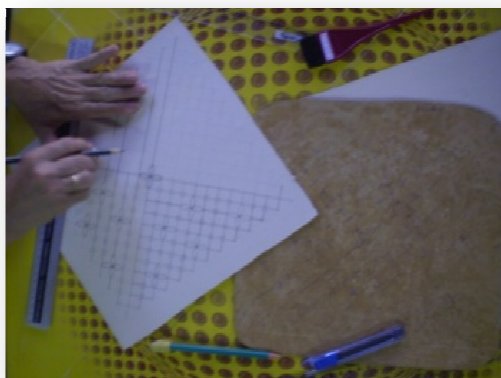


Figura 56 - Recuperação dos moldes.

Fonte: Registrada pela autora.



Figura 57 - Conservação dos moldes.

Fonte: Registrada pela autora.

Segundo relatos da rendeira fundadora do Núcleo e aluna da oficina de desenho, antes de encapar os desenhos com papel contato, ela primeiro os testa, colocando-os em sua almofada para rendá-los; estando corretos, então ela os encapa, caso estejam errados, ela pode então apagar e corrigir. E comenta sobre uma das alunas que tinha o desenho errado e, como já havia encapado, não dava para apagar e corrigi-lo³⁹.

Os produtos confeccionados na oficina de desenho foram bem variados, criados pelas próprias alunas e rendados por elas. Alguns exemplos são: marcadores de livro, porta-retratos, golas, bolsas, porta-papel higiênico, coletes, aplicações, etc. Ver nos exemplos a seguir, no gráfico 26, as alunas confeccionando os desenhos que elas criaram:

39: Relato de Vó Maria registrado no caderno de campo, no dia 17 de novembro de 2009, em uma das aulas da oficina.



Gráfico 26 - Alunas confeccionando os desenhos que criaram.

Fonte: Registrada pela autora.

A seguir algumas das criações realizadas pelas alunas durante a oficina de desenho:



Gráfico 27 - Algumas criações das alunas da Oficina de Desenho.

Fonte: Registrado pela autora.

Sugerimos como recomendação de melhorias, em intervenções futuras, que, na etapa em que está sendo ensinado o desenho, sejam também ensinadas as sucessivas etapas necessárias para execução dos diversos exercícios. Tais como: após desenhar, ensinar a contar os bilros necessários para execução daquele determinado desenho, em seguida ensinar a aluna a picar o cartão, fixar na almofada, colocar os bilros no desenho para só então ensiná-la a render o desenho. Assim como ilustrado a seguir:



Gráfico 28 - Etapas da criação do desenho à peça pronta.

Fonte: Registrado pela autora.

Espera-se que, feitos esses ajustes conforme essas recomendações, o ensino de todas as etapas necessárias possa ser gradual para que o aluno adquira autonomia no exercício da técnica de desenhar e render.

Durante este processo da oficina, pôde-se perceber o fortalecimento das relações cooperativas, e a atração de novas pessoas para a produção artesanal. Segundo Wisner (1987), todas as atividades que não se desenvolvem de maneira satisfatória devem ser objeto de uma verdadeira análise do trabalho, a fim de se conhecer as razões das diferenças entre as tarefas prescritas e as tarefas reais e aplicar as melhorias necessárias.

Sendo assim, a metodologia foi modelada de acordo com a avaliação e validação contínua durante a implementação desta, resultando em uma metodologia mais adequada às necessidades do grupo.

Ressalte-se que nós pesquisadoras do GREPE e Coordenadora do Projeto Rendeiras da vila de Ponta Negra, entrevistamos dentro da comunidade de forma definitiva: pode-se dizer que as atividades desenvolvidas mudaram o modo de agir das pessoas que delas participaram, talvez mesmo o seu modo de ser. É de supor que elas nunca vão voltar a ser as rendeiras que eram, tanto pelos novos conhecimentos, quanto pelas novas experiências que obtiveram com esse contato, conforme foi assinalado por Vidal (2009, - comunicação verbal)⁴⁰:

[...] as oficinas elas vão crescendo, o problema que os atores das oficinas também vão evoluindo também incorporaram algumas coisas, por estarem em contato com a gente, em relação ao desenvolvimento mesmo. De maneira definitiva, vocês entrevistaram dentro da comunidade, vocês mudaram o modo de ser das pessoas, isso. “a ergonomia não tem que se perguntar será que estamos intervindo num processo social alterando como ele era porque a gente chegou agora e já ta intervindo, é o contato com o mundo real, se o aprendizado tem que ser com integração é uma outra escola, uma outra oficina, uma outra elaboração pedagógica, que o seu trabalho e o dela vão ajudar muito a poder formular, esse que vai ser uma terceira ou quarta ou quinta, geração de oficinas, e assim que vai ser o processo mesmo a gente vai se depurando, vai sendo um ciclo evolutivo darwiniano [...]Vidal (2009, - comunicação verbal).

Dessa forma, a interação entre os conhecimentos da ergonomia e o saber-fazer das rendeiras produziu (e, espera-se, produzirá ainda) boas mudanças que, provavelmente, terão duradouras consequências. Isso condiz plenamente como que afirma Bonfati (2004, p.47):

[...] o ergonomista sempre produzirá, com a sua presença, vários tipos de alterações naquilo mesmo que pretende observar. Vale dizer

⁴⁰ Informação coletada na intervenção do Prof. Phd Mário Vidal, proferida na Auditoria Acadêmica relativa aos projetos vinculados ao GREPE, através do Projeto Casadinho, financiado pelo CNPq, realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no período de 30 de novembro a 4 de dezembro de 2009.

aqui que o ergonômista sempre analisará uma situação de trabalho modificada pela sua presença.

É nesta perspectiva que nós pesquisadoras atuamos no Núcleo das Rendeiras de Bilro da Vila de Ponta Negra, compartilhando das experiências, dificuldades e sempre visando à melhoria do ensino. Assim foi possível formular uma proposta de uma nova oficina que chamamos de Oficina Híbrida, que será descrito no capítulo seis.

CAPÍTULO 7

[PROPOSTA DE UMA NOVA OFICINA - OFICINA HÍBRIDA]

Propõe-se neste capítulo apresentar a oficina híbrida de Desenho e Renda de Bilro. Esta proposta será ainda testada e poderá sofrer alterações, devido ao seu caráter adaptativo à realidade a qual será aplicada. Assim, utilizando o conceito de Capra (2003, p.04), “cada comunicação cria pensamentos e significado [...] assim, se criam e recriam de forma contínua, numa abordagem sistêmica e coerente com os tópicos críticos de nosso tempo.”

O objetivo da elaboração deste esquema participativo e sistemático de ensino é incorporar o desenho no próprio processo produtivo, uma importante etapa, possibilitando a recuperação de antigos desenhos, a criação de novos e de novas ideias para produtos, conforme já falado no capítulo anterior, para atrair novas gerações de rendeiras.

Desta forma um dos principais objetivos deste novo modelo de oficina (Híbrida), é manter a tradição por intermédio do repasse do ensino, ao atrair novas gerações de rendeiras para aprender esta antiga tradição. Assim, como responder a problemática apresentada em capítulos anteriores:

Como o processo de ensino da Renda de Bilro, desenvolvido no Núcleo de Rendeiras de Bilro da Vila de Ponta Negra, está interferindo no interesse e na aprendizagem da técnica por parte das novas gerações?

Corroborando a esta indagação, foi verificado através das falas das próprias rendeiras que este método sistemático, iniciado desde a oficina de Renda de Bilro e continuada com a oficina de desenho, se tornou mais fácil.

Desta forma, pode-se confirmar a hipótese construída a partir da problemática acima citada, que se caracteriza da seguinte forma:

É possível melhorar o interesse das novas gerações em aprender a técnica da Renda de Bilro com a introdução de um novo método de ensino, porque o método de ensino tradicional aplicado à Renda de Bilro é pouco estimulante e carece de melhoramentos e sistematização. O método tradicional contribui assim para a não continuidade da atividade, assim como não se adéqua às demandas do mercado atual.

A confirmação desta hipótese pôde ser verificada não só através de pesquisa situada e bibliográfica acerca da atividade e das pessoas diretamente envolvidas com o ofício, mas, sobretudo pelas análises das oficinas ocorridas e pela aplicação das ações conversacionais, assim como análises coletivas com as alunas e instrutoras de ambas as oficinas.

A aceitação do novo método sistematizado e parcelado (em níveis de dificuldades crescentes), de repasse do ensino da Renda de Bilro, pode ser verificada através da fala de uma das antigas rendeiras participantes do núcleo desde sua fundação, como se observa a seguir:

“Acho mais fácil agora... porque antigamente, a gente aprendia umas coisas tão miudinha [sic]... hoje é diferente... as rendeiras tavam sumindo.” (D.Orquídea⁴¹ - Rendeira do Núcleo).

Após ação conversacional⁴² com a rendeira D. Camélia, que sugeriu modificações no método de ensino para a oficina de renda de bilro e posteriormente foi a instrutora da oficina de desenho da renda, nos módulos de ensino do desenho e nos módulos da execução dos desenhos criados.

Quanto à sugestão em relação às duas instrutoras por turma:

então o caso seria assim, menos aluno e uma só ensinando. Aí ficaria só de um jeito. Agora se misturar duas, três mulher [sic], cada uma das rendeiras, porque a renda é uma coisa que não teve professora. Cada uma aprendeu com a mãe, então pegou o jeito da mãe. Não foi uma coisa assim que foi pra uma escola e aprendeu da mesma maneira. Então cada uma sabe da sua maneira. E aí a hora que a gente vai ensinar, que elas vão ensinar ou que a gente vai ensinar, a gente quer dar, faz do jeito da gente, porque a gente não vai fazer do jeito da outra, né? Então tendo duas professoras pra mesma aula não tem como ensinar de um jeito só. A menos que dividia as alunas, essas são suas e essas são minha [sic]. (D. Camélia).

Quanto à sugestão de mudança em relação à oficina de renda:

⁴¹ Ação conversacional realizada no dia 01 de junho de 2010 no Núcleo de Produção artesanal rendeiras da Vila.

⁴² Ação conversacional realizada no dia 06 de agosto de 2009 próximo ao Núcleo de produção artesanal rendeiras da vila.

eu mudaria o seguinte, quando eu desse as quatro aulas que vocês aprendessem todos os pontos eu ia prum [sic] quadrado, eu ia ensinar vocês fazer um quadradinho, uma aplicação, porque daí você ia fazer, por exemplo, quatro aplicação, [sic] ou cinco, seis, sei lá, fazia as aplicaçãozinha, porque é difícil, quando você for fazer você vai ter que ir virando a almofada, tem um detalhe lá, tem o arremate que é muito complicado, tem que emendar, dar nó bem apertadinho. Então eu ia ensinar o quadrado, depois eu ia ensinar os bicos, porque daí você já ia aprender a fazer o quadrado e você já ia fazer o bico e você já ia aplicar aquele bico já naquelas aplicação [sic] que eu te ensinei. Se não acompanhou então faz mais um, o seu aqui tá mei [sic] com defeito você vai fazer outro, entendeu? E seria assim eu acho que seria assim um curso mais completo, porque daí já fazia, por exemplo, já fazia uma peça. Ela ia, ela via aquela peça pronta, [...].

eu ia ensinar o caminho né? As aplicações pra fazer um caminho de mesa com os bicos em volta, que seria em sequência, aí depois eu ia ensinar uma blusa, sei lá, uma coisa, uma aplicação, olha eu queria fazer uma aplicação numa roupa e eu ia ensinar. Aí daí já vinha a escolha delas né? Mas é, faltou eu acho que essa aplicaçãozinha, era muito importante... e também tem a toalhinha redonda, que eu acho que teria que inserir nessa aula também, porque eu mesmo nunca fiz. (D. Camélia).

Em relação à quantidade de alunos por aula:

assim, eu faria assim cinco alunos iniciantes, até a quarta aula, depois já jogaria num outro dia junto com outras, porque depois que você já ensinou assim os pontos tudinho [sic], aí você pode colocar elas, porque elas mesma [sic] uma ajuda a outra e aí dez, quinze alunas não tem diferença, porque daí dá pra acompanhar todas ela. [sic] (D. Camélia).

Quanto aos instrumentos e materiais:

então eu acho que cada menina que vem aprender aqui teria que ter uma almofada, sabe? A pessoa quer promover um curso, teria que dar uma almofada pra elas, porque tem umas que são bem carentes. As melhor [sic] assim podem comprar. E teria que ter os bilros em casa e outra coisa, duas dúzias de bilro [sic], três dúzias de bilro [sic] não resolve, tem coisa aí que você gasta 60, 80... às vezes trabalho com 80, 100 bilros.

então se elas tivessem almofada em casa, umas quatro dúzias de bilro [sic] elas já iam fazer uma rendinha, aí se elas vendessem essa rendinha, qualquer coisa, então elas iam comprando os bilros, elas mesma iam se estruturando, né? Porque vai o alfinete, tem que comprar papelão né? E a maioria é muito carente. E essa ansiedade, essa vontade de fazer em casa é que ajuda quando ela chega no núcleo ela saber fazer, porque em casa ela lutou lá sozinha, daí quando chega ela coloca pra mim a dificuldade. Aí quando ela me coloca a dificuldade, ah mas isso é feito assim, aí a cabecinha delas também abre sabe? E ela chega em casa no outro dia vê que dá certo. (D. Camélia).

Quanto à importância da renda de bilro na vida de D. Camélia e para as rendeiras do núcleo e da Vila de Ponta Negra:

quando eu cheguei aqui eu ficava pensando, como essa velharada tá dessa idade com a cabeça tão boa? Eu acho que mexe muito com o cérebro da gente, porque quando você passa fazendo uma renda, menina, sua cabeça tá a mil, mas a mil não nos problema [sic] da casa, não nos problema [sic] do filho, não nos problema [sic] do marido: na renda, no trocado, ali no... sabe? Pra você não errar, pra você fazer tudo bonitinho. Então quer dizer você se desliga do mundo, mas o seu cérebro tá funcionando muito. Você pode ver aqui no núcleo, olha: eu sou viúva, a Narcisa é viúva, D. Acácia é viúva, D. Hera é viúva, quem mais? Tem um monte, os marido já morreu tudo, elas não tem nenhuma caduca, né?[sic] Todo mundo tem alegria de viver, todo mundo fala besteira e não tá nem aí se a coisa ta vendendo ou não: se diverte. Então eu acho que pro idoso, pra essas senhoras de idade, ela é muito importante, porque mexe com a cabeça da gente, mexe. Você se desliga, é uma higiene mental. A renda é uma higiene mental e toda velhinha que faz renda é muito difícil você ver uma caduca. Eu não vi. Eu vou visitar, tem umas menina [sic] aqui na cama porque não consegue andar mais doente, mas tá fazendo a rendinha dela. Então isso, isso [é] que me chamou muita atenção. (D. Camélia).

Conforme os relatos acima se verificam algumas sugestões de melhoramentos indicadas pela rendeira que indicou e introduziu conjuntamente com as duas instrutoras da Oficina de Renda as modificações no ensino da Renda de bilro aplicadas no Núcleo.

Um aspecto importante verificado foi o contraponto entre trabalho prescrito e o trabalho real que foram notadas nas observações sistemáticas realizadas no

núcleo de produção artesanal das rendeiras de Bilro da vila da de Ponta Negra, durante a oficina de Renda de bilro. Um exemplo disto foi o tempo prescrito pelo financiador da oficina de Renda de Bilro que estipulou que a mesma tivesse a duração de três meses e que neste tempo, as aprendizes deveriam estar aptas a rendar peças menores feito bicos e entremeios. Nestes três meses de oficina de renda de bilro as alunas ainda sentiam muita dificuldade em rendar o terceiro e o quarto exercícios e poucas os executavam sozinhas sem a ajuda constante das instrutoras.

Desta forma as alunas não se apresentavam aptas a rendarem sozinhas os bicos e os entremeios, conforme prescrito inicialmente pelo financiador da Oficina. Foi necessário que houvesse posteriormente mais aulas para que tais dificuldades paulatinamente fossem sendo sanadas. Com um ano de aulas de renda foi que as alunas mais assíduas desenvolveram maior desenvoltura na confecção de peças pequenas como entremeio e bicos. Porém, a maioria solicitava sempre que necessário o auxílio das instrutoras.

Outra importante característica verificada no núcleo foi à cooperação que existe entre elas. Durante as oficinas realizadas no Núcleo de produção artesanal das rendeiras da Vila de Ponta Negra, apenas duas das rendeiras integrantes do Núcleo eram pagas para ensinar, porém, as demais rendeiras quando verificavam que as instrutoras estavam ocupadas e surgia uma solicitação por alguma aluna, elas levantavam-se prontamente de seus postos de trabalho e se aproximavam das aprendizes para oferecer auxílio. A esse respeito, pode-se citar Decortis e Pavard (1998, p.51):

para a cooperação é necessário comunicar para que haja trocas de informações, transmitir significativamente ao outro as intenções, interpretar e compreender as intenções do parceiro, particularmente no que se refere a ações presentes e futuras.

Ademais, o conceito de cooperação juntamente com o de comunicação são complementares, segundo os mesmos autores (1998, p.52):

[...] os modelos formais de comunicação e do diálogo baseados no conceito de reconhecimento de planos, nessa perspectiva, o receptor reconhece a intenção do emissor pelo fato de que esses dois agentes devem compartilhar o mesmo conhecimento em relação ao plano que está associado a cada ato de linguagem.

Estas atitudes de cooperação entre as rendeiras do núcleo instauraram um ambiente propício às trocas de saberes e, com o decorrer das aulas de renda, os mesmos comportamentos de cooperação foram repetidos entre as alunas: uma aluna mais adiantada, quando percebia a dificuldade de outra colega ou quando esta lhe comunicava suas dúvidas quanto à técnica, a aluna mais desenvolvida prontamente a auxiliava.

De acordo com as análises realizadas durante o acompanhamento situado e sistemático destas oficinas somados as sugestões das alunas e instrutoras quanto à metodologia de ensino aplicada na oficina de renda de bilro e de desenho da renda de bilro, foi possível construir o modelo esquemático da oficina híbrida.

Este esquema contempla uma sequência que foi sendo delineada após análises e validações pelas próprias alunas e instrutoras das oficinas, que após relatarem suas dificuldades e facilidades, nos ajudaram a chegar nesta versão ilustrada no gráfico 29 a seguir.

INTRODUÇÃO DA OFICINA

- a) Apresentar a importância do ensino da Renda de Bilro -como forma de dar continuidade a esse Ofício tradicional;
- b) Apresentar os objetivos da oficina;
- c) Apresentar os materiais e instrumentos de trabalho: a almofada, o cavalete, os bilros, os moldes com os desenhos ;
- d) Apresentar: Forma/ Simbologias dos pontos - Pontos característicos da Renda de Bilro mostrando rendas prontas e as correspondências dos pontos no desenho:
- d1) diferença entre a trança e o torcido na quantidade de pares de bilros utilizados;
- e) Ensinar o sentido correto para encher os bilros com a linha;

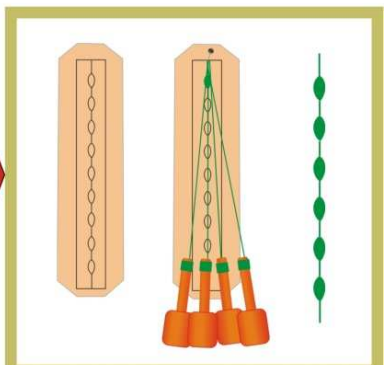
OBS:

Exercícios: ao iniciar os desenhos pedir que cada aluna faça duplicado para uma cópia ficar no núcleo e os identifique na parte de trás de cada molde com seu nome.

Sugestão: Pedir a Vó Maria que ensine o modo antigo (tradicional) de copiar as rendas

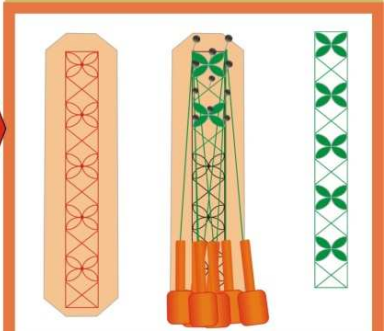
PRIMEIRO EXERCÍCIO: *Traça e Trança*

- a) Desenhar exercícios na Malha (no papel A4 e no papelão);
- b) Explicar como se devem ler os desenhos e como contar os bilros para o desenho realizado;
- c) Explicar como se deve colocar o molde na almofada;
- d) Reforçar a explicação de como enrola a linha nos bilros e o sentido correto;
- e) Explicar como se deve fazer o trocado, e os procedimentos para fazer a traça e a trança;
- f) Rendar o molde.



SEGUNDO EXERCÍCIO: *Traça e flor de traça de quatro pétalas*

- a) Desenhar exercícios na Malha (no papel A4 e no papelão)
- b) Explicar como se devem ler os desenhos e como contar os bilros para o desenho realizado;
- c) Explicar o como são os procedimentos para se fazer a junção das traças e tranças para formação da flor de quatro pétalas;
- d) Rendar o molde.



TERCEIRO EXERCÍCIO *Pano:*

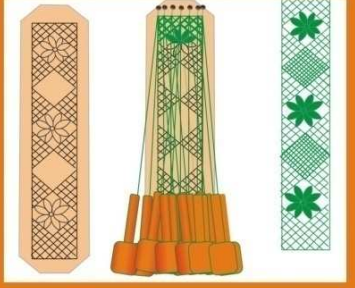
- a) Desenhar exercícios na Malha (no papel A4 e no papelão)
- b) Explicação sobre a "leitura" dos desenhos e como contar os bilros para o desenho realizado.
- c) Explicar o os procedimentos para fazer o pano;
- d) Rendar o molde



PRIMEIRA ETAPA

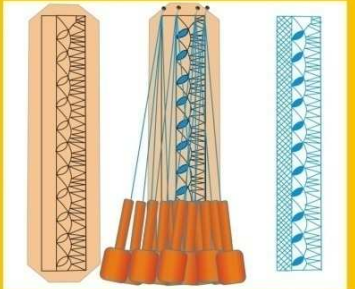
Quarto exercício:
Meia pancada e flor de traça de oito pétalas

- Desenhar exercícios na Malha (no papel A4 e no papelão)
- Explicar sobre a "leitura" dos desenhos e como contar os bilros para o desenho realizado.
- Explicar o os procedimentos para fazer a meia pancada;
- Explicar a junção das oito pétalas pela forma simplificada;
- Rendar o molde



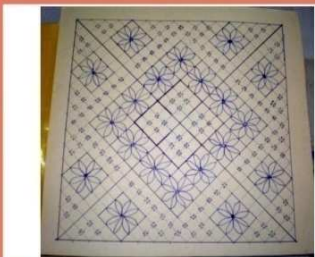
QUINTO EXERCÍCIO:
trança - traça - pano

- Desenhar exercícios na Malha (no papel A4 e no papelão)
- Explicar sobre a "leitura" dos desenhos e como contar os bilros para o desenho realizado.
- Explicar o os procedimentos para fazer a ponta e as junções das traças com o pano;
- Rendar o molde



SEXTO EXERCÍCIO:
aplicação (trança - traça - coentro)

- Desenhar exercícios na Malha (no papel A4 e no papelão)
- Explicar sobre a "leitura" dos desenhos e como contar os bilros para o desenho realizado.
- Explicação dos procedimentos para fazer o coentro;
- Rendar o molde



SÉTIMO EXERCÍCIO:
aplicação (Olhando a renda pronta)

- Desenhar exercícios na Malha (no papel A4 e no papelão)
- Explicar sobre a "leitura" dos pontos da renda para representar no desenho do molde.
- Explicação de como contar os bilros para o desenho realizado.
- Rendar o molde



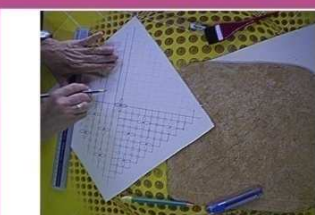
OITAVO EXERCÍCIO:
bico (trança - traça pano- coentro)

- Desenhar exercícios na Malha (no papel A4 e no papelão)
- Explicar sobre a "leitura" dos desenhos e como contar os bilros para o desenho realizado.
- Rendar o molde



NONO EXERCÍCIO
Recuperar desenhos antigos

- Disponibilizar para cada aluna três moldes para ser produzido: fácil - médio e difícil
- Utilizar tampas de diversos tamanhos para cada aluna produzir em papelão seus moldes para figuras redondas.
- Desenhar o molde
- Rendar um dos moldes antigos



DÉCIMO EXERCÍCIO: *Dinâmica e criação*

- a) Iniciar a aula com uma *dinâmica*: dar papel e lápis de cor e pedir que cada aluna (o) desenhe o que vier a mente, ao sinal da instrutora, passa-se o desenho para o colega ao lado e continua-se a desenhar. Prosegue-se neste ciclo até que o desenho original de cada aluno chegue em suas mãos. (esta dinâmica descontraiu e integrou as alunas)
- b) A instrutora irá dar explicações sobre como executar as emendas das peças acabadas;
- c) Criar um molde (pequeno ou médio que tenha que emendar), sugestão de exemplo poderia ser o porta papel higiênico que Darlene confeccionou. Estimularia as alunas pois estaria sendo mostrado um produto feito por uma aluna.



DÉCIMO PRIMEIRO EXERCÍCIO: *Cor*

- a) Explicar sobre cores quentes, frias, cores secundárias primárias e as possibilidades de combinações conforme escala cromática. Exemplificar as possíveis combinações mostrando os tubos de linhas com diferentes cores e de forma prática como as noções de combinações podem ser realizadas com as linhas. Utilizar os exemplos práticos em vez de ficar apenas com exemplos da apostila de cor;
- b) Produzir desenhos e aplicar o estudo de cores com lápis de cor, no papel A4, para em seguida repassar para o papel paraná o molde e render com as combinações de cores escolhidas pela própria aluna;



DÉCIMO SEGUNDO EXERCÍCIO: *Conservação dos moldes*

- a) Explicar como encapa os moldes com papel contato ou similar depois que já se testou se os desenhos estão corretos e encapar os moldes já desenhados;
- b) Mostrar os produtos feitos na oficina anterior, feito pelas antigas alunas;
- c) Criar novos moldes (livre);



Marcadores de livro de renda feito por aluna

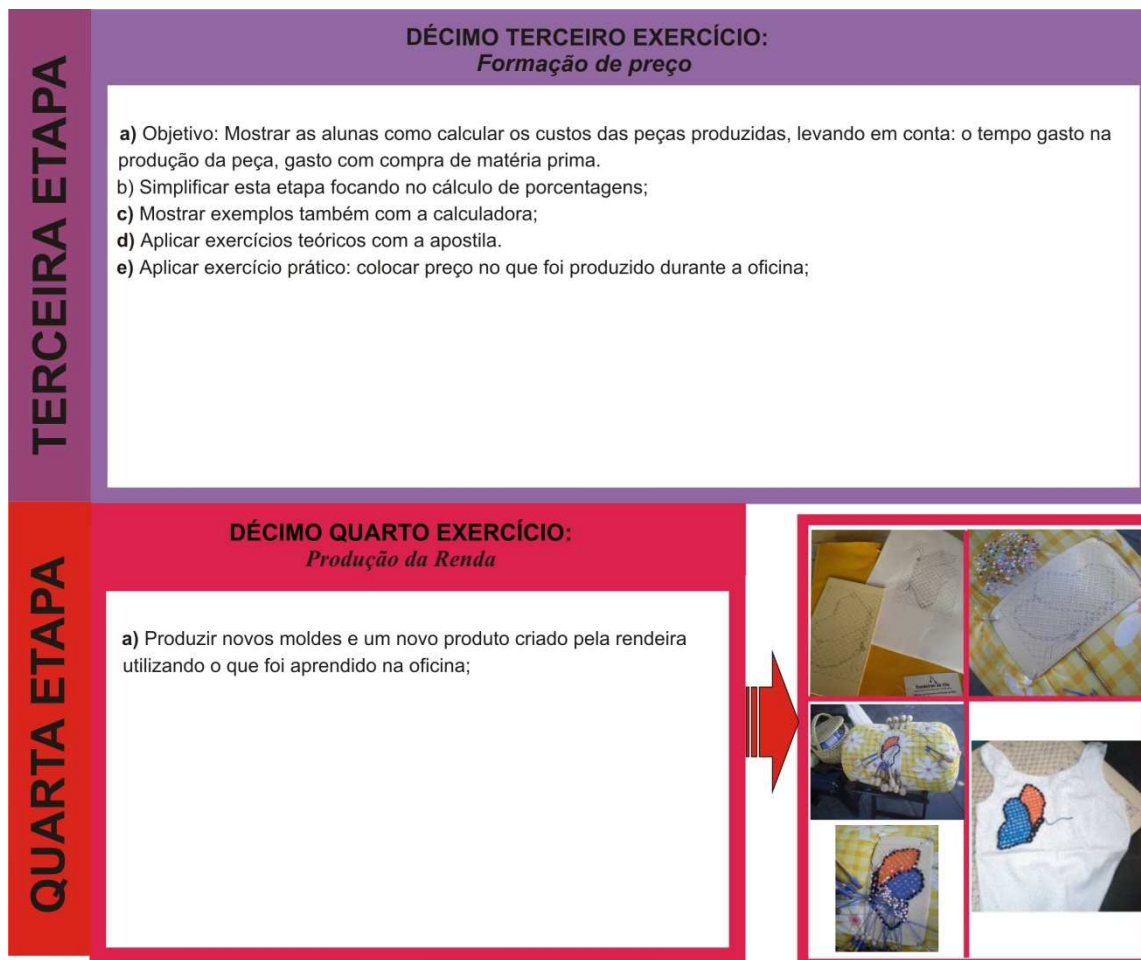


Gráfico 29 - Esquema Piloto da Oficina Híbrida de Renda e Desenho da Renda de bilro.

Fonte: Elaborado pela autora.

Este esquema contempla uma sequência de etapas conforme já dito, baseadas nas análises das Oficinas de Renda e de Desenho da Renda de Bilro. Desta forma, foram implementadas melhorias que contemplam as opiniões das alunas, instrutoras e observações das pesquisadoras durante o acompanhamento das oficinas.

Ressalta-se, portanto, que estas soluções foram estruturadas visando uma próxima intervenção no Núcleo das Rendeiras da Vila de Ponta Negra. Sendo assim, independente do local onde a Oficina Híbrida possa ser aplicada, esta não está livre de possíveis melhoramentos. Pois, conforme sugere a ergonomia, tem-se que

adaptar os dispositivos a serem aplicados às pessoas, ao local e à realidade encontrada.

CAPÍTULO 8

[CONSIDERAÇÕES FINAIS]

A introdução de um modelo sistematizado de ensino da Renda de Bilro no Núcleo de Rendeiras da Vila de Ponta Negra surge a partir da necessidade de propor a continuidade do repasse oral deste ofício, devido ao crescente desinteresse das novas gerações de filhas e netas de rendeiras em aprendê-lo (BARROS, 2009).

Gradativamente, estas novas gerações vão perdendo o vínculo com o artesanato tradicional da Renda de Bilro, que estava restrita às poucas e idosas rendeiras moradoras da Vila de Ponta Negra e frequentadoras do Núcleo de Produção Artesanal Rendeiras da Vila..

A partir da realização de oficinas no Núcleo das Rendeiras, paulatinamente foram surgindo demandas, as quais apontaram para a necessidade de reformulação do repasse deste saber.

Conforme foram iniciadas as análises das duas oficinas ocorridas de 2009 a 2010, no núcleo, foram sendo reunindo elementos que findaram na modelagem de uma nova oficina (ainda não aplicada), para interessados em aprender a Renda de Bilro, denominada de *Oficina Híbrida*, pois aglutina de forma intercalada o ensino do desenho e da Renda de Bilro.

Como proposta de trabalhos futuros, sugere-se que se leve a cabo a aplicação da Oficina Híbrida proposta nesta pesquisa, ou seja, que em ações futuras sejam ensinados, numa mesma oficina, o desenho e a técnica da renda, perfeitamente integrados. Poder-se-á verificar, dessa forma, se ambos os conhecimentos seriam mais bem absorvidos se fossem repassados com uma maior integração entre os dois.

Da forma como aqui se propôs, o ensino do desenho da Renda de Bilro foi incorporado ao processo produtivo da renda, visto que, ao longo do tempo, as rendeiras haviam deixado de desenhar, restringindo-se apenas à confecção em si da renda, aprendida por observação às rendeiras mais experientes. Conforme fala da Rendeira D. Hortência:

agora tá mais prático, é pra elas aprenderem, porque do jeito que a gente fazia, que fosse muito difícil a gente conseguir os papelões, e a gente fazia, a gente [é] que tinha que preparar agora tá tudo feito, esses cartões, a gente fazia era com grude, o mingau da goma, limpava aqueles papel [sic] não era nem cartão, quando a gente achava, comprava uma peça nas lojas, sempre tinha aqueles cartões duro [sic], a gente já aproveitava fazia só uma cobertura ali por cima, porque nem pode nem ser duro nem mole demais, porque se for muito mole, a gente não faz nem duas aplicação [sic] rasga, os buraco ultrapassa [sic] de um pra outro e tem que ser. Esse material é bom demais, a gente trabalha menos. A gente fazia o papelão da gente era dois, três dias, às vezes até semanas. Na época da chuva, a gente não sabia o que fazer, porque tinha que botar no sol, botar numa tábua, uma tábua bem lisinha que não fosse torta e aí a gente passava papel, passava goma, depois botava outro papel por cima bem estiradinho. Estirando pra não ficar nada encolhido. (D. Hortênsia - Rendeira instrutora)

a goma, agente botava a goma e a água, aí ia mexendo, mexendo e ela ia endurecendo no fogo até ficar aquele mingau, mingau sem nenhum pedacinho, tinha que ficar todo lisinho que é pra não ficar (...) aí depois cobria por cima do papelão. Aí era muito mais difícil e aí a gente ia procurar, tomava emprestada a uma quando tinha diferente: 'ah, você me empresta que eu vou pinicar'. Chamava 'pinicar'. Botava em cima e saía furando todos os buraquinhos, aí depois ia olhar aonde que tinha trança pra riscar, era assim que a gente fazia. E agora não, agora já tá tudo pronto, tudo riscadinho, tudo medido. Não era nada medido, por isso que você viu a diferença, né? Dos antigos para os novos, os antigos eram um troncho pra lá, um troncho pra cá, a trança ficava de um lado torta, a gente corrigia e era assim". (D. Hortênsia - Rendeira instrutora).

Os problemas encontrados com este tipo de molde, eram a assimetria dos furos, pois geralmente as rendeiras não o faziam com instrumentos (réguas ou similares), o que implicava em deformidades na renda acabada. Outro fator que as rendeiras relacionavam era que, com o tempo, e de tanto ser utilizado o papelão, os furos iam deformando-se e alargando; ou então, devido à dificuldade de enxergar, furava-se em locais errados, e o desenho ia sendo deformado e perdia-se. Tirando estes empecilhos, havia ainda os insetos (baratas, traças, formigas), que, atraídos pelo material em que eram confeccionados os moldes (papelões), destruíam tais moldes e as rendeiras perdiam verdadeiras raridades muitas vezes herdadas de avós, mães, tias, amigas rendeiras, com quem já não tinham contato.

Espera-se com a realização desta pesquisa, ter havido contribuições, em termos de ensino e técnica, para se repensar aspectos do artesanato tradicional, especificamente a Renda de Bilro, a fim de preservar (ou mesmo revitalizar) um

importante aglutinador de memórias, histórias, uma fonte de sabedoria e conhecimento, por intermédio de um ofício que outrora foi uma significativa fonte econômica.

Assim como afirma Lima (2005, p.20),

[...] quando falo em preservar, significa preservar dentro de um processo de mudança. Mas um processo que pressupõe o reconhecimento de formas do passado e o respeito e o reconhecimento pelos saberes que os artesãos são portadores.

Diante do que foi apresentado nesta pesquisa, além de melhorias e adaptações ocorridas no repasse do ensino da Renda de Bilro, outras iniciativas deverão contribuir para a continuidade deste artesanato tradicional.

Outro aspecto motivado pela realização da oficina de Renda de Bilro foi a possibilidade de reativar uma rede de atividades interligadas à Renda de Bilro, tais como a produção de almofadas, bilros e cavaletes, fazendo emergir novos mercados, promovendo uma alternativa de geração de renda e desenvolvimento sustentável na Vila de Ponta Negra.

Sendo assim, tornar o ensino da Renda de Bilro uma atividade permanente no Núcleo traz grandes benefícios, não apenas para evitar o desaparecimento da atividade, mas para a ativação de um mercado bem maior que se forma ao redor da atividade.

Para dar conta da necessidade de fortalecer este grupo de rendeiras, as oficinas objetivaram também o ensino da tipologia da Renda de Bilro para pessoas da comunidade que se interessaram por essa forma de artesanato sem ter vínculo anterior com o núcleo ou com a atividade da renda, o que é um importante passo para a formação de uma nova geração de pessoas que possam preservar e repassar a técnica.

Outrossim, uma outra iniciativa importante para dar continuidade ao fortalecimento do artesanato tradicional de Renda de Bilro dentro da Vila de Ponta Negra está na necessidade de ampliação deste ensino para outras faixas etárias. Devem-se atrair crianças da comunidade para esse aprendizado, criando-se

vínculos desde a infância. Para tanto, seria necessário trabalhar em parceria com as escolas locais, de forma a integralizar de alguma forma nos currículos esta tipologia.

Esta sugestão foi discutida no grupo de pesquisa (GREPE), e proferida pelo co-orientador desta dissertação, e vice-coordenador do Projeto Rendeiras da Vila, o professor Ricardo. J. Matos de Carvalho.

Para atender a tais fins, seria imprescindível haver novas adaptações ao ensino, desta vez voltadas para as crianças, desde adaptações aos instrumentos e ferramentas da renda de bilro, como a dimensão da almofada, a altura do cavalete, ou a adaptação de cadeiras.

Desta maneira formar-se-iam redes de fortalecimento e valorização da tradição, assim como acontecera na infância da maioria das antigas rendeiras, as quais iniciaram o aprendizado nessa idade.

Outro fator importante a ser destacado são as políticas públicas vigentes no estado, as quais não são satisfatórias. Muito próximo a nós, há o exemplo oposto, conforme verificado em pesquisa realizada pela autora desta dissertação, no período de 21 a 25 de maio de 2009, no estado do Ceará, local onde a renda de bilro é conhecida por *Renda da Terra*, e onde existe uma ampla disseminação e apoio ao artesanato de renda de bilro. Há ali o Ceart - Centro de Artesanato do Ceará, que conta com equipes de capacitação ao artesão, sendo ele autônomo, ou a grupos, formais ou informais, assim como se encontram vários locais onde a renda é vendida.

Discutindo sobre esta questão com a designer responsável por tais capacitações no Ceart⁴³, destaca-se a seguinte fala:

nós atuamos aqui atendendo uma demanda de qualquer grupo ou de poucas pessoas, qualquer que seja a tipologia, que dê para a gente começar. Não precisa ser uma entidade organizada. A gente começa com um grupo, capacita, e realizamos o acompanhamento técnico durante anos, pois neste sentido o Ceart atua pra melhorar a qualidade de vida do trabalhador. Nós somos da Secretaria do trabalho e desenvolvimento social. [...] Agora tem também um detalhe: é que a renda de bilro é conhecida para nós aqui no Ceará como “renda da terra”. É um detalhe, mas um detalhe muito forte pra que ela não morra, porque ela tá viva, ela é nossa, tem uma raiz mais forte do que nos outros estados. É o nosso maior retrato

43Entrevista informal, realizada pela autora da pesquisa no Ceart no dia 21 de maio de 2009, Fortaleza -CE.

artesanal. Eu acho que isso aí é uma fortaleza que se forma. (Designer do Ceart).

Este fortalecimento do artesanato através de políticas públicas traz à tona a necessidade da oficialização dos grupos através da formação de associações, cooperativas, etc. Para que possam gozar dos devidos benefícios, como a participação de editais de incentivo à cultura, receberem auxílio do governo, do estado, de ONGs e, desta forma, se autogerirem e promoverem a sustentabilidade do grupo e da tradição. Sobre este assunto destaco a fala de D. Acácia, que percebe a importância de haver políticas que apoiem o artesão em seu estado:

olhe o que eu tenho visto e já disseram pra mim que lá em Fortaleza tem ajuda do governo, entendeu, existem cooperativas. (D. Acácia⁴⁴).

Além dos esforços já realizados pelos artesãos, mais especificamente falando das rendeiras de Bilro da Vila de Ponta Negra, há a necessidade de promover mudanças nas políticas públicas de incentivo e apoio ao artesão e ao artesanato.

Não basta promover feiras esporádicas, na cidade do Natal, como as que vêm sendo promovidas em épocas do ano pouco rentáveis para os artesãos locais. Ao exemplo da feira Fiart, realizada no mês de janeiro, época posterior as festividades de final de ano (quando em geral as pessoas gastam com presentes, ceias de natal, confraternizações e viagens de fim de ano etc.) e que antecede os festejos de carnaval, ou seja, período em que o público local e turistas evitam gastos, para usufruir das festas. Sobre a comercialização da renda de bilro, D. Camélia⁴⁵ e D. Acácia declaram:

então eu acho assim: a continuidade da renda depende do comércio, se tivesse uma comercialização séria, se tivesse uma venda boa, ih! teria muita rendeira, porque nossa vila é rica de rendeiras. Só que elas não ganham, então elas não fazem. Mas tem, eu mesmo

44Ação conversacional realizada no dia 12 de fevereiro de 2010.

45Ação conversacional realizada no dia 06 de agosto de 2009.

conheço muitas mulheres aqui na Vila que tão trabalhando lavando roupa, fazendo faxina e a renda não tão fazendo, por quê? Porque não rende. Faz, faz, faz, acumula, acumula, acumula... e daí? Gastou dinheiro pra comprar linha, aí veio o filho precisando disso, o marido precisando daquilo, aí ela vai fazer o quê com aquela renda? Então ela para. A continuidade depende só disso. (D. Camélia)

[...] se o comércio da renda vai mudar, eu num sei. Se vai mudar ou se vai ficar desse jeito mesmo, porque nós não temos ajuda de ninguém, a gente não tem incentivo de nada, quando tem uma feira, dão uma mesinha pra nós desse tamanhinho [pequeno]: a gente não tem uma arara, a gente não tem um espaço pra pendurar as coisa [sic], D. Acácia pendura numa cerquinha lá que dá dó, vai vender a renda e estraga tudo lá com a ventania, chuva né? Então é muito difícil. (D. Camélia)

[...] a gente queria um quiosque na praia, nós chegamos a implorar pro ex-prefeito que desse, eu fui lá várias vezes, que desse pra nós um quiosque. A gente ia fazer a renda e ia colocar no quiosque pra vender pros turistas. Porque, a vila nossa não vê turista pra comprar a renda. Eles nem sabem, eles compra [sic] de Fortaleza, eles compram de não sei da onde, mas daqui, da nossa mesmo, eles não compram, eles gosta [sic], mas nós não tem [sic] onde pôr. Então a gente pediu 'por favor dá esse quiosque pra gente'. Tem a nossa pracinha aqui que é o ponto final do ônibus, foi prometido, nós tem [sic] um plano na gaveta da prefeitura, lá na prefeita, pra fazer aqui uma coisa pros turista vir, como a gente é vizinha do ponto, a gente pensou: 'bom, agora vai melhorar'. Só que não sai, tá amarrado. (D. Camélia)

porque você vê: a gente fica aqui [no Núcleo] com os nossos trabalhos e não vem gente aqui? Eles vão visitar os golfinhos, vão visitar a Pipa, e aquilo ali tudinho espalhado. E para Tabatinga, bem junto da igreja de Tabatinga, tem um galpão bem grande, você passa e tem vários trabalhos, o cajueiro, vai muita gente ver. [...] Para vender a Renda, eu vou para as feiras, tive agora um mês e sete dias, naquela feirinha lá da árvore. E fiz também naquela feira, a Fiart, não consegui mais por causa daquelas rendas lá. Porque você veja Angela, eu vendia um vestido por R\$80,00, e vinha as outras e vendia [sic] logo na entrada da feira, por R\$50,00. [...] Porque não é renda do nosso estado. É renda de Fortaleza. (D. Acácia)⁴⁶

É necessário que surjam programas mais efetivos e participativos, que apoiem devidamente os (as) artesãos (ãs), promovendo alguns cursos de capacitação com o objetivo de conscientizá-los quanto às necessidades do mercado, as formas que existem de associações e as vantagens e desvantagens para a realidade de cada grupo ou artesão autônomo.

46 Ação conversacional realizada no dia 12 de fevereiro de 2010.

É importante que seja dada prioridade aos artesãos locais nas feiras de artesanato que acontecem na cidade do Natal, colocando-os em locais mais privilegiados, para que eles possam comercializar seus produtos com mais facilidade, já que estas feiras são praticamente as únicas oportunidades de venda de alguns artesãos, como é o caso das Rendeiras da Vila de Ponta Negra.

8.1 PROPOSTAS DE TRABALHOS FUTUROS

- Iniciar a *oficina híbrida* no Núcleo de Produção Artesanal Rendeiras da Vila;
- Ampliação do ensino da Renda de Bilro para crianças e adolescentes em parceria com as escolas da Vila de Ponta Negra e do Bairro de Ponta Negra.

REFERÊNCIAS

ABERGO. **O que é ergonomia.** Disponível em: <[http://www.abergo.org.br/internas.php?pg=o que e ergonomia](http://www.abergo.org.br/internas.php?pg=o_que_e_ergonomia)>. Acesso em: 22 out. de 2008.

ALMEIDA, Juliana Donato. **Concepção e modelagem situada de metodologia para repasse de técnica de desenho da renda de bilro:** aplicabilidade da sócio-técnica no desenvolvimento de intervenção em uma comunidade artesanal. 2010. 200f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

ALVES, Magda. **Como escrever teses e monografias:** um roteiro passo a passo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

BARROS, Kléber da Silva. **Análise antropotecnológica do desenvolvimento de novos produtos na produção artesanal:** caso das rendeiras de bilro da Vila de Ponta Negra em Natal-RN. 2009. 156f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

BARROS, Kléber da Silva, SALDANHA, M. C. W. Aplicação do design e da antropotecnologia como instrumento de desenvolvimento sustentável e inclusão social no sistema produtivo artesanal: desenvolvimento de novos produtos a partir da renda de bilro na Vila de Ponta em Natal - RN. **Revista Design em Foco**, Salvador, v. IV, p.81-97, 2007.

BATATA, Renata. **Renda guipure.** 1 fotografia, color. Disponível em: <http://renatabatata.wordpress.com/2009/05/21/o-mundo-das-rendas/renda-guipure/>>. Acesso em: 12 nov. 2010.

BEZERRA, Nilton Xavier. **Cerâmica de Santo Antônio do Potengi:** entre tradição e modernidade. 2007. 132f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

BOBBIN Lace. Fotografia, color. Disponível em <<http://paternoster.orpheusweb.co.uk/lace/identification/bobbin.html>>. Acesso em: 11 jan. 2009.

BONFATI, Renato José. **Bases conceituais para o encaminhamento das interações necessárias à análise ergonômica do trabalho.** 2004. 171f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPE, Rio de Janeiro, 2004.

BOTT, Elizabeth. **Família e rede social.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** 48. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Artesanías del Brasil.** Disponível em: <<http://www.brasil.org.co/htm/artesanato.htm> >. Acesso em: 23 out. 2008.

_____. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Programa do artesanato brasileiro. Portaria nº 29 de 5 de outubro de 2010. **Diário Oficial da União.** Poder Executivo, Brasília, 6 out. 2010. Disponível em: <http://www.in.gov.br/visualiza/index.jsp?data=06/10/2010&jornal=1&pagina=100&totalArquivos=152>. Acesso em: 15 nov. 2010.

_____. Decreto nº 22, de 08 de março de 2006. Aprova o texto da Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, celebrada em Paris, em 17 de outubro de 2003. **Diário Oficial da União,** Brasília, 18 jan. 2006. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do;jsessionid=FC07EE9E6B7285EC02F4051D6974B87C?id=536>> Acesso em: 31 jul. 2010.

BRESOLIN, Gustavo Henrique. **Uso de mapas mentais nos testes de usabilidade de software.** 2010. 63f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Ciência da Computação). Universidade Feevale, Novo Hamburgo. Disponível em: <tconline.feevale.br/tc/files/0001_2025.doc>. Acesso em: 24 nov. 2010.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade.** 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. (Ensaio Latino-americanos, 1).

CARVALHO, Ricardo José Matos. **A Padronização Situada como Resultante da Ação Ergonômica em Sistemas Complexos: Estudos de Caso numa Companhia Aérea Nacional a Propósito da Implantação de um Treinamento Crm-Loft.** 2005. 316 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas**: ciência para uma vida sustentável. Palestra proferida no IDESA, São Paulo, 11 ago. 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1969, p.777.

CATENACCI, Vivian. Cultura popular: entre a tradição e a transformação. In: **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo vol. 15, nº 02, abr./jun., p.1-8, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200005> Acesso em: 17 ago. 2010.

CÂNDIDO, Emille. O crescimento do artesanato potiguar transforma o perfil dos profissionais da área. **Agência Fotec**. Natal, ano. 5, 2010 Disponível em: <<http://www.fotec.ufrn.br/index.php/FotojoRN/O-crescimento-do-artesanato-potiguar-transforma-o-perfil-dos-profissionais-da-area.html>>. Acesso em: 21 jun. 2010.

CUNHA, Luiz Antonio. **A Universidade Crítica** - o ensino superior na República Populista. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

DECORTIS, Françoise; PAVARD, Bernard. Comunicação e cooperação: da teoria de atos da fala à abordagem etnometodológica. In: DUARTE, Francisco; FEITOSA, Vera. (Org.). **Linguagem e Trabalho**. Editora Lucerna, 1998. cap.3, p. 51-52.

DANIELLOU, François. Métodos e ergonomia de concepção: a análise de situações de referência e a simulação do trabalho. In: DUARTE, Francisco. **Ergonomia e projeto na indústria de processo contínuo**. Editora Lucerna, 2002, cap. 3, p. 29 - 33).

DAVIS, Claudia. **Psicologia da educação**. São Paulo: Cortez, 1991.

DEAQUINO, Carlos Tasso Eira. **Como aprender**: andragogia e as habilidades de aprendizagem. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

FERREIRA, Leda Leal. Análise coletiva do trabalho: com a palavra, os trabalhadores. In: DUARTE, Francisco; FEITOSA, Vera (Org.). **Linguagem e Trabalho**. - Editora Lucerna, 1998. p. 82-91.

GALLI, Marcelo. Contadores de Histórias. Filosofia Ciência & Vida. Tecnologia Para Quê? Como a filosofia participa das pequenas invenções e descobertas tecnológicas presentes em nosso cotidiano, São Paulo, nº4 - Ano 1; p.16-23, 2006.

GARDA, Lois Martins. **A família e a mudança social**. 1983. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal. 1983.

GESLIN, Philippe. Anthropotechnology In: STANTON. **The Handbook of Human Factors and Ergonomics Method**. - Nova Iorque: CRC Press, 2004. cap. 87, p. 1-7.

GOMES, Eduarda Di Biase Ferrari; BORELLI, Fabrício; NAZARÉ, Jusselli de Castro. Teoria Sócio-Técnica: resgatando o construído à luz da criticidade. **REGES –Revista Eletrônica de Gestão**, Picos, v.2, n. 2, p.44-55, mai./ago.2009 - Disponível em: <www.ufpi.br/reges>. Acesso em: 14 jul. 2010.

GOMES FILHO, João. **Ergonomia do objeto**: sistema técnico de leitura ergonômica. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

GOMES, José Orlando. Antropotecnologia. Curso de especialização em Ergonomia contemporânea do Rio de Janeiro. Fundação COPPETEC (Grupo de Ergonomia e Novas Tecnologias). Parceria: CREA/RJ. Gente/COPPE/UFRJ. (sd). 22 p. Apostila.

GUÉRIN, F. *et al.* **Compreender o Trabalho para transformá-lo**: A prática da Ergonomia. São Paulo: Blücher, 2001.

GUTIÉRREZ, F. (Org.). **Educação comunitária e economia popular**. São Paulo: Cortez, 1993.

HENDRICK, Hal W.; KLEINER, Brian M. **Macroergonomia**: Uma introdução aos projetos de sistemas de trabalho. Rio de Janeiro: Virtual Científica, 2006.

HISTÓRIA, Tradição e Modernidade: Política, Cultura e Trabalho. Tradição um conceito amplo e referencial. Programa de Pós-Graduação História - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte-MG. sd. Disponível em: <<http://www.historia.fafich.ufmg.br>>. Acesso em: 3 jan. 2010.

HOBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. In: RANGER, Terence. HOBSBAWM, Eric. (Orgs.) *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IEA. Disponível em: <<http://ergonomics-iea.org>>. Acesso em: 14 fev. 2009.

LIMA, Ricardo. Artesanato de Tradição: cinco pontos em discussão. In: Olhares Itinerantes: reflexões sobre artesanato e consumo de tradição. **Cadernos ArteSol 1**, São Paulo, cap. 1, p. 13-26, 2005.

LIMA, Francisco de Paula Antunes; FILHO, José Marçal Jackson. Relação entre a ergonomia no Brasil e a ergonomia na França. In: DANIELLOU, François (Coord.). **A Ergonomia em Busca de Seus princípios: debates epistemológicos**. São Paulo: Blücher, 2004.

LIMA, João Ademar de Andrade. **Metodologia de análise ergonômica**. João Pessoa, 2003.

LEITE, Rogério Proença. Modos de vida e produção artesanal: entre preservar e consumir. In: Olhares Itinerantes: reflexões sobre artesanato e consumo de tradição. **Cadernos ArteSol 1**, São Paulo, cap. 2 , p. 27-41 . 2005.

MACEDO, Herder Alexandre Medeiros de. O que é patrimônio Imaterial? **Projeto patrimônio cultural em seis tempos - UNESCO/MinC/BID - da Fundação José Augusto**. Natal - RN. 2006. Disponível em: <<http://www.fja.rn.gov.br/imaterial/patrimoniomaterial/docs/cartilha.pdf>>. Acesso em: 9 jan. 2010.

MAIA, Isa. **O artesanato da renda no Brasil**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1980.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 1999.

MEGALE, NILZA. B. **Folclore Brasileiro**. Petrópolis: editora vozes /3ªedição, (1999).

NÓBREGA, Christus. **Renda Renascença: uma memória de ofício paraibana**. João Pessoa: SEBRAE/PB, 2005.

OLIVEIRA, Gustavo Junqueira Duarte. **Homero: oralidade, tradição e história**. Vol. 04 N. 01, jan/jun 2008, p. 3.

PENICHE. Município de Rendas de Bilro. Disponível em: <<http://www.cm-peniche.pt/CustomPages/ShowPage.aspx?pageid=e48add57-4a44-4699-8ebe-08d7ae714c>>. Acesso em: 10 fev. 2009.

PENICHE Galeria de Fotografias de um Passado que fez História. Disponível em: <<http://rendas-de-peniche.blogspot.com/2010/11/galeria-de-fotografias-oficinas-e.html>>. Acesso em: 05 dez.2010.

RAMOS, Luiza & Arthur. A Renda de Bilros e sua Aculturação no Brasil. **Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia**. Rio de Janeiro–RJ, 1948

RUGIU, Antonio Santoni. **Nostalgia do Mestre Artesão**. Campinas, SP. Autores Associados, 1998.

SALDANHA, Maria Cristine Werba. **Ergonomia de Concepção de uma plataforma Line Oriented Flight Training (LOFT) em uma companhia aérea Brasileira: A relevância do Processo de Construção Social de Projeto**. 2004. 243 f. Tese (Doutorado em Ciências em Engenharia de Produção) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

_____. **A ocorrência de LER/DORT em rendeiras de bilro do núcleo de produção artesanal de ponta negra em Natal-RN: as razões do não adoecer**. 13º ANAMT, Vitória-ES, 2007.

_____. **Rendeiras da Vila: Desenvolvimento de Novos Produtos com Renda de Bilro: alternativa para evitar a extinção da arte, promover o desenvolvimento sustentável e resgatar a cidadania na Vila de Ponta Negra**. (Projeto de Pesquisa e Extensão). GREPE/PEP/DEP/UFRN. Natal-RN, 2008.

_____. **Rendeiras da Vila: concepção de metodologia de desenvolvimento sustentado da comunidade de rendeiras de bilro**. Vagas elegíveis Edital PEP 2008. Disponível em: <<http://www.posgraduacao.ufrn.br//pep>>. Acesso em: 8 set. 2008.

SAMPAIO, Helena. Apresentação. In: Olhares Itinerantes: reflexões sobre artesanato e consumo de tradição. **Cadernos ArteSol 1**. São Paulo, 2005.

SANTOS, N, *et al.* **Antropotecnologia: A ergonomia dos Sistemas de Produção**. Curitiba: Gênese, 1997

_____. **Rendeiras da Vila: concepção de metodologia de desenvolvimento sustentado da comunidade de rendeiras de bilro**. Disponível em:

<http://www.sigaa.ufrn.br/sigaa/public/programa/processo_seletivo.jsf>. Acesso em: 4 jun. 2008.

SCHÖN, Donald A. **Educando o Profissional Reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SCHWARTZ, Yves; DURRIVE, Louis (Org). **Trabalho e Ergologia**: conversa sobre a atividade humana. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2007.

SEBRAE. Programa SEBRAE de Artesanato. Artesanato, um negócio genuinamente brasileiro. Brasília: SEBRAE/UF, 2008

_____. Programa SEBRAE de Artesanato. Termo de Referência. Brasília: SEBRAE/UF, 2004.

SECRETARIA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE E URBANISMO (SEMURB). Prefeitura Municipal de Natal. Conhecendo melhor o seu bairro: Ponta Negra. Secretaria Especial do Meio Ambiente e Urbanismo. – Natal (RN): 2008. Disponível em: <http://www.natal.rn.gov.br/semurb/bairros/sul/ponta_negra.php>. Acesso em: 3 nov. 2008.

_____. Prefeitura Municipal de Natal. Conhecendo melhor o seu bairro: Ponta Negra. Secretaria Especial do Meio Ambiente e Urbanismo. – Natal (RN): 2009. Disponível em: <<http://www.natal.rn.gov.br/semurb/paginas/ctd-102.html>>. Acesso em: 3 jan. 2010.

SEITI, André. Identidade da Consciência: cultura imaterial se revela cada vez mais importante para entender a diversidade do Brasil. **Continuum Itaú Cultural**: Cultura Imaterial. São Paulo, nº 7, p. 5-7 jan-fev de 2008. Disponível em <<http://www.itaucultural.org.br>>. Acesso em: 20 out. 2008.

SISTEMA NACIONAL DE EMPREGO/SINE RN. Programa do Artesanato Potiguar. Disponível em <<http://www.sine.rn.gov.br/>>. Acesso em: 28 out. 2010.

SILVA, Maria Suely Paula da. **Um lugar que passa e sobrevive**: O passado e o presente na Vila de Ponta Negra. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em ciências Sociais, área de concentração: cultura e representações. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

THIOLLENT, Michell. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In: BRANDÃO; Carlos Rodrigues (ORG). **Repensando a Pesquisa Participante**. Editora Brasiliense, 2ª Edição 1985.p. 83 - 103.

VIDAL, Mario Cesar. **Ergonomia na Empresa: Útil, Prática e Aplicada**. Rio de Janeiro: Virtual Científica, 2002.

_____. Conversa-ação: a interação orientada na Ação Ergonômica. In: DUARTE, Francisco, FEITOSA, Vera (Org.). **Linguagem e Trabalho**. Editora Lucerna, 1998. p. 211-215.

_____. **Guia para Análise Ergonômica do Trabalho (AET) na empresa: uma metodologia realista, ordenada e sistemática**. Rio de Janeiro: Virtual Científica 2008.

VIEIRA, Sonia. **Como escrever uma tese**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WISNER, Alain. **A Inteligência no Trabalho: Textos selecionados de Ergonomia**. São Paulo: Fundacentro, 2003.

_____. **Por dentro do Trabalho: ergonomia - método & técnica**. São Paulo: FTD: Oboré, 1987.

_____. Textos Escolhidos Antropotecnologia. Rio de Janeiro: Virtual Científica, 2004.

_____. **A antropotecnologia**. Estudos Avançados 6 (16), 1992. Palestra proferida no IEA, São Paulo, 25 maio 1992.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE AÇÃO CONVERSACIONAL – RENDEIRAS EXTERNAS

Nome:

Idade:

Telefone:

Escolaridade:

Profissão:

- **Aprendizado da Técnica** (Como ocorreu?);
 - Qual tempo mínimo necessário para que sejam aprendidos os principais pontos
 - Habilidades para o desenho (outras habilidades)
 - Experiência de ensino (seu método).
 - O que é ser uma rendeira completa

- **Elaboração do método de ensino para cursos de renda de bilro (Como ocorre?)**
 - Material necessário para realização das aulas;
 - Quem desenha os moldes
 - Escolha dos Desenhos (Critérios)
 - Elaboração dos exercícios (Objetivo/ Participações);
 - Características de um bom aluno
 - Dificuldades observadas (alunas e de ensino)
 - Seqüência e níveis de dificuldade de cada exercício (opinião)

- **Visão Geral dos cursos de renda de bilro**
 - Quantidade de alunos por aula
 - Aquisição da almofada (facilita a aprendizagem)
 - Valor cobrado por aula particular;
 - Como facilitar o aprendizado (sugestões)
 - Evasão das alunas
 - Importância das aulas e da atividade
 - Participação da comunidade
 - Interesse dos homens no aprendizado da técnica
 - Alunas aptas a render
 - Futuro da renda de bilro

- **Saúde**
 - Desconforto / dor ao render (Sugestão de Melhorias)
 - Pausas (importância)

APÊNDICE B - ROTEIRO DE AÇÃO CONVERSACIONAL – INSTRUTORAS

Nome:

Idade:

Telefone:

Escolaridade:

Profissão:

- **Aprendizado da Técnica (Como ocorreu?);**
 - Qual tempo mínimo necessário para que sejam aprendidos os principais pontos
 - Habilidades para o desenho (outras habilidades)
 - Experiência de ensino (seu método)
 - O que é ser uma rendeira completa
- **Método utilizado pelas rendeiras nos cursos anteriores;**
 - Quantas oficinas já ocorreram
 - Locais de realização (núcleo e cidades).
 - Valor cobrado por Curso;
 - Interferência das aulas na produção do núcleo;
- **Elaboração do método de ensino para cursos de renda de bilro (Como ocorre?);**
 - Material necessário para realização das aulas;
 - Quem desenha os moldes
 - Escolha dos Desenhos (Critérios)
 - Escolha das instrutoras
 - Elaboração dos exercícios (Objetivo/ Participações);
 - Exigência de instituição fomentadora (Tempo/Peças)
- **Curso de renda de bilros (oficina)**
 - Característica do método de ensino de cada instrutora
 - Metodologias distintas (Opinião)
 - Adaptações (durante o curso)
 - Características de um bom aluno
 - Dificuldades observadas (alunas e de ensino)
 - Aula particular (opinião)
 - Auxílio das rendeiras do núcleo nas aulas
 - Modificaria a seqüência e níveis de dificuldade de cada exercício (acrescentaria)
- **Visão Geral da (oficina)**
 - Quantidade ideal de alunos por curso
 - Tempo suficiente
 - Como facilitar o aprendizado (sugestões)
 - Evasão das alunas
 - Importância das aulas e da atividade
 - Participação da comunidade
- **Saúde**
 - Desconforto / dor ao render (Sugestão de Melhorias)
 - Pausas (importância)
- **Visão Geral da Atividade**

- Interesse dos homens no aprendizado da técnica
- Alunas aptas a render
- Futuro da renda de bilro

APÊNDICE C - ROTEIRO DE AÇÃO CONVERSACIONAL – ALUNAS DA OFICINA DE RENDA DE BILRO

Nome:

Idade:

Telefone:

Data:

Escolaridade:

Local de residência:

Profissão:

- **Forma de convite (quem?);**
- **Início das aulas (quando?);**
- **Motivação para fazer o curso;**
- **Opinião sobre a metodologia aplicada**
 - A) Processo de aprendizagem (adequação)
 - B) Grau crescente de dificuldade dos exercícios (opinião)
 - C) Exercícios intermediários (opinião)
 - D) Principais características de ensino de cada instrutora
 - Fatores externos que influenciam a metodologia de ensino (Tempo)
 - E) Método de ensino mais didático (Qual instrutora? Por quê?).
 - F) Indicaria outra rendeira para ensinar
 - G) Quantidade de instrutoras por aluno
 - H) Auxílio das outras rendeiras quando as instrutoras estão ocupadas
 - I) Sugestões de melhoria para o método de ensino.
- **Processo produtivo:**
 - A) Capacidade de repassar a técnica aprendida (Explicar o processo)
 - B) Metodologias próprias desenvolvidas
 - Almofada própria
 - C) Tempo real de execução dos exercícios (janeiro a março / Abril e Maio/ junho a agosto)
 - D) Módulos de 03 meses (suficiente?)
 - E) Qual exercício mais difícil (como melhorar)
 - F) Outros exercícios (Dificuldades e melhorias)
 - Junção flor
 - G) Método de memorização dos exercícios (Repetição?)
 - H) Sentiu desestímulo em algum momento (Por quê?)
 - I) Quando passa para outro exercício
- **Visão geral do curso:**

- A) Facilidades / dificuldades
 - Concentração
- B) Organização das alunas em fileiras / Agrupadas (opinião).
- C) Importância da oficina (para a aluna / comunidade)
- D) Causa da desistência de algumas alunas

- **Saúde**

- A) Desconforto / dor ao render (Sugestão de Melhorias)
- B) Pausas (importância)
- C) Absenteísmo / motivo

- **Visão geral da atividade:**

- A) Futuro da renda de bilro
- B) Importância da atividade (Vila, estado)
- C) Alguém da família sabe fazer renda de bilro (quem)
- D) Pretensão pós-curso

APÊNDICE D - ROTEIRO DE AÇÃO CONVERSACIONAL – D. CAMÉLIA

Nome:

Idade:

Telefone:

Escolaridade:

Profissão:

- **Aprendizado da Técnica** (Como ocorreu?);

- Qual tempo mínimo necessário para que sejam aprendidos os principais pontos

- Habilidades para o desenho (outras habilidades)

- Experiência de ensino (seu método)

- **Método utilizado pelas rendeiras nos cursos anteriores;**

- **Elaboração do método para aulas de renda de bilro** (Como ocorreu?);

- Escolha dos Desenhos (Critérios)

- Escolha das instrutoras

- Elaboração dos exercícios (Objetivo/ Participações);

- Exigência de instituição fomentadora (Tempo/Peças)

- **Caso das aulas de renda de bilros (Oficina)**

- Método aplicado pelas Instrutoras (Opinião)

- Característica do método de ensino de cada instrutora

- Metodologias distintas (Opinião)

- Adaptações (durante o curso)

- Características de um bom aluno

- Dificuldades observadas (alunas)

- Aula particular (opinião)

- Auxílio das rendeiras nas aulas

- Modificaria a seqüência e níveis de dificuldade de cada exercício (acrescentaria)

- Sugestões de melhorias

- **Visão Geral dos cursos de renda de bilro (oficina)**
 - Quantidade de alunos por aula
 - Aquisição da almofada (facilita a aprendizagem)
 - Importância das aulas de renda de bilro
- **Saúde**
 - Desconforto / dor ao render (Sugestão de Melhorias)
 - Pausas (importância)

APÊNDICE E - ROTEIRO UTILIZADO NA ANÁLISE COLETIVA DO TRABALHO

- Opinião geral sobre oficina (atividade)
- Principais dificuldades em cada exercício
- Facilidades encontradas em cada exercício
- Melhor forma de exercitar: olhando, copiando, recuperando antigos
- Seqüência dos exercícios (adequação)
- Experiência anterior com a renda
- Experiência anterior com desenho
- Motivação para o curso de desenho
- Satisfação das necessidades durante o curso
- Didática da instrutora/Material didático
- Leitura do desenho e contagem dos bilros
- Diferença entre render antes do curso e depois do curso
- “Rendeira Completa”
- Como repassaria a técnica em outra oportunidade
- Sugestão de melhorias

**APÊNDICE F - LISTA DOS ALUNOS DAS OFICINAS DE RENDA E DESENHO DA
RENDA DE BILRO**

N°	Alunos da Oficina de Renda de Bilro	Situação
01	Vinólia	Concluiu
02	Gardênia	Concluiu
03	Jasmim	Concluiu
04	Lírio	Desistiu - (Choque de horário com o trabalho)
05	Marcela	Desistiu
06	Angela Dias Cordeiro** (Pesquisadora/aluna)	Pesquisadora (GREPE) - aluna da Oficina de Renda de bilro e participante da implementação da Oficina de Desenho da Renda de Bilro
07	Arruda	Desistiu
08	Juliana Donato de Almeida** (Pesquisadora/aluna)	Pesquisadora (GREPE) - aluna da Oficina de Renda de bilro e participante da implementação da Oficina de Desenho da Renda de Bilro
09	Girassol	Concluiu
10	Alecrin	Concluiu
11	Gérbera	Concluiu
12	Ziza	Concluiu
13	Bonina	Concluiu
Instrutoras		
14	D. Acácia	
15	D. Hortência	

*Os nomes acima citados são fictícios, e assim o foram descritos para preservar a identidade dos pesquisados e por solicitação. da banca de defesa.

** Nomes verdadeiros.

APÊNDICE G - LISTA DOS ALUNOS DA OFICINA DE DESENHO DA RENDA DE BILRO

N°	Alunos da Oficina de Desenho da Renda de Bilro	Situação
01	Florinda	Concluiu
02	Dália	Concluiu
03	Vinólia	Concluiu
04	Gardênia	Concluiu
05	Jasmim	Concluiu
06	Papola	Desistiu
07	Lírio	Desistiu
08	Amarilis	Concluiu
09	Bonina	Concluiu
10	Azaléia	Concluiu
11	D. Acácia	Concluiu
12	Girassol	Concluiu
13	Alecrin	Concluiu
14	Gérbera	Concluiu
15	Ziza	Concluiu
INSTRUTORAS		
16	D Camélia	
17	D. Acácia	
18	D. Hortência	

*Os nomes acima citados são fictícios, e assim o foram descritos para preservar a identidade dos pesquisados e por solicitação da banca de defesa.

**ANEXO A - APOSTILA UTILIZADA NA OFICINA DE DESENHO DE RENDA DE
BILROS (MÓDULO: FORMAÇÃO DE PREÇOS⁴⁷)**

ITEM	VALOR R\$
CUSTOS FIXOS Ex: Luz, transporte, etc.	
CUSTOS VARIÁVEIS Ex: Matéria prima utilizada	
HORAS TRABALHADAS (1 hora = 1,18) <i>Observações:</i> Salário mínimo atual = R\$ 510,00 50% do salário mínimo = R\$ 255,00 <i>Horas calculadas em 50% do salário mínimo</i> Em 22 dias úteis = R\$ 11,59 8 horas = R\$ 11,59 então 1 hora = R\$ 1,44	
% DE LUCRO Ex: de 10% a 20%	
% DA ASSOCIAÇÃO ou COOPERATIVA ou ONG Geralmente é entre 10% e 15%	
PREÇO DE VENDA DO PRODUTO	

⁴⁷ Tabela retirada de ALMEIDA (2010).